

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. BUSTAMANTE

Secretario — T. A. ARARIPE

Gerente — A. J. BELLAGARDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

Brasil — Rio de Janeiro, Fevereiro de 1930

N. 104

Edição de 72 páginas

SUMMARIO

EDITORIAL

- A DEFESA NACIONAL — O COMANDO SUPREMO 243

COLLABORAÇÃO

ASSUMPTOS NAVIAIS — Novos rumos do problema naval brasileiro	286
— Alencastro Gruber	286
Estructura económica e posição internacional — Hello Lobo	288
Emprego tático das MD-P. no combate — Cap. José Portocarreiro	297
Primum agere (trad.) — 1.º Ten. A. Ancora	294
Lei de promoções — C.E. Bertholdo Klinger	300
Regulamento Geral de Instrução Física — (por uma comissão)	300
Centro de Estudos de Infantaria — 1.º Ten. B. Gonçalves	321
Subsídios para o estudo de teatros de operações — Cap. Mário Travassos	339
Radiotelegraphia — 1.º Ten. Lima Figueiredo	341
Características de um comandante em chefe (trad.) — 1.º Ten. Sevilha	343
Serviço Militar obrigatório — Maj. João Marcellino	349

DA PROVÍNCIA

- Querer o poder — 1.º Ten. Ferlich

325

SUGESTÕES

S. Veterinário — Major Ferreira	322
Mais um elemento para o controle da instrução física — 1.º Ten. Moncyr Magalhães	327

SUBSÍDIOS

Cavalaria	338
Serviço em Campanha	341

DA REDACÇÃO

Os empregados e o serviço de pequena atração	308
Marcelo Francisco de Paula Argollo	325
Granadas do Grupo de Combate	326
Bibliographia	329

EXPEDIENTE

"A Direcção de A DEFESA NACIONAL tem a responsabilidade da edição, aos colaboradores e das opiniões que emitirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

REGRAS PARA A CORRESPONDÊNCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção presentemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira à collaboração, sugestões e assumpções que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretário*;
 - 2) Qualquer assumpção sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Gerente*;
 - 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazê-lo ao *Diretor*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

- 1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como sinal de que foi recebida a expedição. N'elas deverão vir anotadas as alterações sobre os assinantes.
 - 2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferência devem propor um oficial, para substituir-o definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

*Pedimos encarecidamente aos nossos pre-
ciosos colaboradores o seguinte:*

- apresentar os originais sempre legíveis e se possível dactylographados;
 - só escrever em uma das páginas das folhas do papel que utilizem;
 - se se tratar de assunto técnico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais regras prescritas pelo R. S. C. (qualquer edição) a respeito da grafia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que sofrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos放心 se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresentá-los em condições.

ASSIGNATURAS

Interior

5º — Todos os assinantes que não pertençam a um dos grupos existentes; isto é, que recebam directamente a revista deverão, além dos preços acima pagar a taxa de 12500 por semestre relativa ao registro, caso queiram que esta se responsabilize pelos extravios do correio.

- a) -- As assignaturas deverão terminar sempre nos meses de Junho ou Dezembro.

b) — Caso iniciem em meio de se-
 mestre serão cobradas a razão de 1\$700
 cada exemplar.

Exterior (parte inclinada) Ancho - 245000

Socorro da Publicidade

Os anúncios e quaisquer publicações pagas, tratam-se com o director de Publicidade Sr. José Meneses.

Correspondence

Toda correspondência deve ser despatchada para a Caixa Postal n. 1.602 ou Travessa do Ouvidor n. 21 (1º andar).

Mudança de residência

Para evitar faltas pedimos aos inter-
rogados que comuniquem à gerencia
sua militância de Corpo, pois dobrando
assim a ligação feita por intermédio dos
Representantes não deixarão de receber
a revista.

ASSIGNATURAS AVULSAIS

Prevenimos aos Srs. assignantes avulso que iremos incluir os nos grupos dos respectivos Corpos ou Estabelecimentos pois as remessas por intermédio dos representantes, são registradas.

Aos de嘛ia assignantes avisamos que
não nos responsabilizamos pelas extra-
vios no Correlo, salvo se indemnizar-nos
a importância equivalente ao registo
respetivo.

Ver em outra pagina o aviso Venda de livros

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

H. Bustamante, T. A. Araripe, A. J. Bellagamba (Directores) — Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — Mario Travassos, Bina Machado, Humberto Castello Branco, Heraldo Filgueiras, Sevilha, Ajalmar Mascarenhas, Lamartine, Ivo Borges, Baptista Gonçalves, Arruda (da Redacção) — A. Chaves, Toscano, Lage Sayão, A. An-cora, (da Administração)

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

M. G. — 1º Ten. Jair.
E. M. E. — Cap. Pery Bevílaqua.
2º Grupo Regiões — Cap. Aché.
Q. G. 1º R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. I. G. — Cap. Silva Barros.
Dir. Ae. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.
Dir. de Remonta — Cap. Gaudie Ley.
Ars. Guerra — Cap. Guaracy Salgado Freire.
Fabr. Cartuc. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — 1º Ten. Sarmento.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
S. Radio do E. — Cap. Silva Lima.
E. E. M. — 1º Ten. Barros de Castro.
Ser: Basílio da Silva.
E. A. O. —
E. C. — 1º Ten. Pletz Espindola.
E. Av. M. — Cap. Bellagamba.
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.
E. Int. —
C. M. — 1º Ten. Milton Souza.
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rolin.
1º R. I. — 1º Ten. Armando Gonçalves.
2º R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.
3º R. I. — 1º Ten. Trajano Monteiro.
1º R. C. D. — 1º Ten. F. A. Rosas.

15º R. C. I. — 1º Ten. Pletz Espindola.
1º Dist. A. C. — Cap. François.
1º G. A. Mth. — 1º Ten. Virgilio de Carvalho.
1º R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.
2º R. A. M. — 2º Ten. Antonio Maráu e Ten.
Abilio Lopes Mendes.
1º G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.
Fortaleza de São João — Cap. H. Portocarrero.
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.
Fortaleza da Lage — 1º Ten. Frota.
Forte de Copacabana — Ten. Faria Albuquerque.
1º B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1º Cia. F. Viaria — 1º Ten. Nyldon.
C. C. C. —
1º Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
F. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.
1º Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.
Inspecção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.
1º C. R. M. — 1º Ten. Costa e Silva.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. Ss. — Cmt. Christiano de Figueiredo.
P. M. D. F. — 1º Ten. Joaquim M. Amorim.
Corpo Bomb. C. F. — 1º Ten. G. Amado.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1º R. M. — 1º Ten. Sevilha.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2º D. I. — São Paulo — 1º Ten. Costa Leite.
Q. G. 3º D. I. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.
Q. G. 4º D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5º R. M. — Curitiba — 2º Ten. Bunese.
Q. G. 6º R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7º R. M. — Maj. João Facó.
Q. G. 8º R. M. — Cap. Verissimo.
Q. G. Circums. — M. Grosso — Campo Grande — Cap. Jandyr.
Fab de Polvora — Estrela —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. C. na Europa — Paris. — Cap. J. B. Magalhães.
C. M. — Ceará — 1º Ten. Túlio Belleza.

C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Marques Santiago.
4º R. I. — Quitauna — 1º Ten. Genaro Bomtempo.
5º R. I. — (séde) Lorena — Cap. Eloy.
5º R. I. — II Btl. — Pinda — Ten. Bayard.
6º R. I. — Caçapava — 1º Ten. Arlindo Nunes.
7º R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.
8º R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9º R. I. — Rio Grande — Ten. Octacilio Silva.
10º R. I. — Juiz de Fóra — 1º Ten. Armando B. Moraes.
11º R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Faria.
13º R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.
1º B. C. — Petrópolis — 2º Ten. Amílcar Dutra.
2º B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Guedes.

(Continua)

- 3º B. C. — Victoria — 2º Ten. Pio Borges.
 4º B. C. — S. Paulo — 1º Ten. Saboya.
 6º B. C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
 7º B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
 8º B. C. — S. Leopoldo — 2º Ten. A. Vianna.
 9º B. C. — Caixias — Cap. Maciel.
 10º B. C. — Ouro Preto — Cap. Mariano Chaves.
 13º B. C. — Porto União — Cap. Cézar Gonçalves.
 15º B. C. — Curityba — Ten. Domingues dos Santos.
 16º B. C. — Cuayá — Major Rabello.
 17º B. C. — Corumbá — Ten. Motta.
 18º B. C. — Campo Grande — 2º Ten. Alves de Lima.
 19º B. C. — Bahia — 2º Ten. Joaquim Monteiro.
 20º B. C. — 2º Ten. Vieira de Azevedo.
 21º B. C. — Recife — 1º Ten. Oliveira Leite.
 22º B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisbôa.
 24º B. C. — S. Luiz — 2º Ten. José Maria Rodrigues.
 25º B. C. — Therezina — 1º Ten. Moysés.
 27º B. C. — Manáos — Cap. Salgado dos Santos.
 28º B. C. — Aracaju' — 1º Ten. Isaias.
 29º R. C. D. — Pirassununga — Major Mario Xavier.
 30º R. C. D. — Jaguarão — Cap. Aureliano.
 40º 30º R. C. D. — Porto Alegre — 2º Ten. Galvão Menezes.
 40º R. C. D. — Tres Corações — 1º Ten. Martins Torres.
 1º R. C. I. — Boqueirão — 1º Ten. Ortega Novaes.
 2º R. C. I. — São Borja — 1º Ten. Heraclides.
 3º R. C. I. — S. Luiz — 2º Ten. Franklin.
 4º R. C. I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.
 5º R. C. I. — Uruguaiana — 1º Ten. Sá e Souza.
 6º R. C. I. — Alegrete — 1º Ten. Cunha Garcia.
 7º R. C. I. — Cap. Ancora.
 8º R. C. I. — Rosario — 2º Ten. Pontes.
 10º R. C. I. — Bella Vista — Cap. Serra.
 11º R. C. I. — Ponta Porã — Ten. Henrique Rodrigues.
 12º R. C. I. — Bagé — 2º Ten. Emilio Medici.
 13º R. C. I. — Ten. A. S. Vargas.
 14º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Hercílio Lemos.
 C. P. O. R. 3º R. M. — Porto Alegre.
 R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
- 4º R. A. M. — Itu' — Cap. Manoel Nobrega.
 5º R. A. M. — Santa Maria — Ten. Amyr Borges Fortes.
 6º R. A. M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Drumond.
 8º R. A. M. — Pouso Alegre — 2º Ten. Clóvis S. Barros.
 9º R. A. M. — Curityba — 1º Ten. Oscar G. Amaral.
 2º G. I. A. P. — Quitaúna — Ten. Horacio Gonçalves.
 3º G. I. A. P. — Cachoeira — Ten. Newton Mesquita.
 2º G. A. Mth. — Jundiah — Maj. Raul Vasconcellos.
 5º G. A. Mth. — Curityba — 1º Ten. Figueiredo Cardoso.
 1º G. A. Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sarmento.
 2º G. A. Cav. — Uruguayan.
 3º G. A. Cav. — Bagé — 2º Ten. Balthazar.
 5º G. A. Cav. — Sta. Anna do Liv. —
 7º B. I. A. C. — Macahé — 2º Ten. Léo Borges Fortes.
Forte de Itaipús — Santos — 1º Ten. Hugo.
 4º B. E. — Ten. Figueiredo Lobo.
 5º B. E. — Palmas — Ten. Jurucê.
 1º B. F. Viario — Jaguarão — Ten. Paulo Leite.
Forte de Itaipús — 2º Ten. Abelardo Marcondes.
Guarnição de Bello Horizonte — Ten. Coelho dos Reis.
Guarnição de Florianópolis — 2º Ten. Orlando Gomes.
Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
Força Pública — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
Força Pública — R. de Janeiro — Cap. Colares Moreira.
Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1º Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Acaio F. Oliveira.
Força Estadual — Ceará — Cap. Rodolfo Jourdan.
Força Estadual — Sta. Catharina — 2º Ten. Joac Walheimer.
Força Pública de Matto Grosso — Maj. Daniel Queiroz.
Força Policial — Bahia — 2º Ten. Anisio.

Director de publicidade -- Sr. JOSÉ MENEZES

ATTENÇÃO JÁ MUDOU A CÔR DA CAPA

1º Semestre de 1930

Lembramos aos nossos presados representantes e assignantes:

a) — Não basta pagar, mas é preciso pagar adiantadamente, pois nossas contas são saldadas em dia; assim a remessa das importâncias deve ser feita á Gerencia com a indispensável oportunidade;

b) — De acordo com o regimento interno da Gerencia, seremos forçados a suspender a remessa aos assignantes que não se tenham quitado até o dia 31 de Janeiro.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. Bustamante

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. J. Bellagamba

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

BRASIL—RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1930

N. 194

EDITORIAL

A Defesa Nacional

O commando supremo-A organização

Expressamos muito syntheticamente no editorial anterior o nosso pensamento, procurando definir o essencial da doutrina moderna que explica e caracteriza a responsabilidade e ingerencia do commando supremo nos negócios relativos ao problema da defesa nacional, ou mais restritamente por ser o que bem de perto nos alcança, — nos negócios relativos ao problema da guerra. Não pudemos então apresentar o desenvolvimento suficiente para melhor accentuar a natureza e a extensão desses atributos da personalidade do commando, que em verdade exprimem, indiscutivelmente, um importante aspecto da intervenção e direcção primaciaes do chefe do Poder Executivo nas cousas da vida nacional. Esta nossa afirmativa poderá parecer dispensável aos nossos prezados leitores, pos ser axiomática, dirão. Mas se reflectirmos sobre a realidade dos disturbios que na pratica poderes estranhos, influenciados por interesses particulares costumam sobrepticiamente introduzir no seio das organizações, para beneficiar individuos ou grupos, então não julgaremos seja inútil lembrar que nem mesmo o Poder Legislativo deverá, originariamente, no tocante ao problema da guerra, procurar crear, alterar ou modificar sem o consenso ou a solicitação do chefe do Executivo. Entretanto, operando elle, Poder Legislativo, dentro do limite e com o exame das possibilidades geraes, a independencia entre os dois poderes se manifesta do seguinte modo: um pede porque é o unico responsável pela concepção e pelo preparo das bases que devem conduzir a organização geral, porque é o supremo responsável pela execução; o outro concéde dentro da trama de recursos e conveniencias geraes a seu julgamento.

Já temos procurado incutir, esclarecendo de modo firme, que o commando supremo é o principal encarregado de investigar originariamente, no ambiente mais ou menos dilatado respeitante ao Paiz e á nacionalidade, as circunstancias e causas que devem fundamentar ou propriamente determinar a genese do complexo das medidas que constituirão a organização geral de preparo para a guerra. Esta, sujeita sempre

a constante evoluir, que pôde não significar augmentos em epochas a vir, tem como blócos essenciaes de criação, manutenção e desenvolvimento as forças armadas permanentes symbolizadas na expressão Exército e Marinha.

Como chefe supremo, o commando dispõe do Estado Maior supremo, orgão indispensavel de preparo, informação e auxilio, cujos membros têm a direcção efectiva, real, dos mais elevados departamentos administrativos, que são os órgãos que devem transformar as decisões e directivas vindas de cima, no producto de toda a colaboração e organização que o problema requer.

Mas, a acção do commando supremo não é só inicial; ella é tambem essencialmente creadora e directora no desdobramento da organização geral. Pelo que, não deve haver em toda a maquinaria respeitante, um só orgão ou elemento julgado necessário que por si não tenha sido erigido ou determinado de funcionar, certamente em virtude de uma sequencia natural na existencia dos factores que são proprios a toda criação, isto é, em virtude de raciocínio ou exame, idéa, decisão, execução.

Em tais condições não é lícito presumir-se, mas se deve afirmar categoricamente que o commando supremo deve agir mediante a formulação de programmas especiaes, tanto completos quanto possível, attinentes a cada um dos ramos da organização geral, os quaes depois de approvedos pelo poder competente, devem ser executados pela continuidade de acção, muito embora esta tenha de ultrapassar os limites de successivos periodos governamentaes para, attendendo-se á superioridade do interesse primordial, chegar-se á sua satisfação completa.

A organização geral comporta os dois ramos essenciaes que são os que determinaram a instituição dos Ministerios da Guerra e da Marinha. Mas o problema da guerra não se reduz ou focaliza simplesmente na erecção das forças puramente de terra e mar e no preparo de medidas e meios adequados á vida e desenvolvimento dessas instituições. Já mostramos no editorial com-

que iniciamos estes assumtos, que o problema requer cogitações tão espalhadas, medidas tão amplas e geraes, que acaba por affectar de modo singular a todos os departamentos da administração publica. Isto corrobora de maneira tão exacta a nossa affirmativa de que a defesa nacional é o problema mater, que ainda uma vez somos levados a concluir que basta conduzir sensatamente o raciocinio para que as verdades vão resaltando com nitidez impressionante.

Affirmar-se que a accão do commando supremo é creadora e directora da organização geral, não deve significar afirmar-se que ella seja indevidamente centralizadora e absorvente. Estas caracteristicas dar-lhe-iam attributos de nullidade ou negatividade na creaçao, porque o commando em si, acrecido do seu grande Estado Maior mixto, não representa o complexo de elementos, não dispõe immediatamente delles, que são necessarios para realizar a elaboração completa.

Mas elle dispõe um tanto afastadamente de todos os orgãos da administração geral, com o auxilio dos quaes se deve effectuar essa elaboração. E por isto, o que deve haver no funcionamento da complicada machina é justamente a descentralização por atribuição aos diferentes orgãos competentes de missões e tarefas justas, adequadas, isto é, descentralização perfeitamente orientada, guida por satisfactorias directrizes de cima, emfim convenientemente coordenada e controlada. Assim, funcionará o commando supremo como o instigador, director e coordenador supremo, que se não intromette atabalhoadamente em mistéres cuja minucia lhe não compete, — senão na phase definitiva das decisões correspondentes, — atrapalhando, anarchizando, confundindo as atribuições, sendo conduzido a esquecer as que propriamente lhe incumbem.

No Brasil, em cada um dos ramos em que se biparte a administração dos negocios relativos á guerra, ha um orgão essencial e competente — não para exercer, mas para representar por delegação o commando supremo, e directamente auxiliar-o nas atribuições de conceber, crear e gerir nos mistéres respectivos. São as personalidades dos dois Ministros da Guerra e da Marinha que, como gestores dos Ministerios respectivos, centralizam, coordenam, fiscalizam, emfim exercem a administração desses dois importantes departamentos do serviço nacional.

Dada a complexidade da tarefa geral em cada um dos alludidos ramos, os Ministerios tornam-se em consequencia organismos muito complexos. O Ministro é a autoridade intermediaria entre o commando supremo e a organização ou engrenagem que materialmente representa o desdobramento do serviço no ramo correspondente. E', pois, a unica autoridade competente para receber desse commando todas as decisões, directivas ou instruções para fomentar o desenvolvimento da organização ou instituição, ou receber dos orgãos competentes desta o affluxo de

ídées, deduções e surtos que precisam alcançar o commando supremo, para reverter depois em beneficio da propria organização. Nestas condições, vislumbra-se na pessoa do Ministro em primeiro lugar a qualidade de administrador especializado, mas não somente administrador, também em segundo lugar a caracteristica de orgão de impulsão e creaçao, tudo porque como unico representante directo do commando no ambito da especialidade, compete-lhe a direcção effectiva em todos os negocios, e o preparo das bases necessarias ás decisões desse commando.

Mas, só a questão da administração affecta-lhe o acervo de deveres de tal extensão e absorção de actividades, que a outra tarefa, a relativa á concepção, tambem não lhe pôde caber integral, deve ser atribuida inicialmente a um orgão subordinado de natureza proeminente, o Estado Maior; do contrario, as duas seriam incompativeis numa mesma personalidade ou agrupamento reduzido.

Quem diz administração, diz orientação, coordenação, fiscalização ou verificação. Pelo que, na sua dupla tarefa de preparar as bases necessarias ás decisões do commando supremo, e propriamente administrar, o Ministro deve agir: no primeiro caso, como representante do pensamento do Exercito, pela affectação de directivas, missões ou idées geraes aos seus orgãos essenciaes immediatos, oriundos das decisões do governo, ahí incluidas as medidas criadas pelo Legislativo; no segundo caso, pelo controle nos serviços realizados por esses orgãos, seu ajustamento dentro das bases intituidas pelos poderes supremos. Quer dizer: o Ministro inicialmente orienta, e depois recebe, coordena e ajusta toda a confecção, e submette-a, já ultimada pela sua intervenção, á autoridade suprema, afóra nos casos em que lhe cumpre decidir definitivamente.

Ha, portanto, na personalidade do Ministro um mixto de director geral e de fiscal geral. De um lado, elle deve ser o descentralizador por excellencia, de outro, é o conductor forçado que canaliza e submette ao seu crivo toda a elaboração e serviço dos orgãos subordinados. Dentre estes, os Estados Maiores do Exercito e da Armada são verdadeiramente os orgãos de impulsão ou criadores dentro de cada instituição. A sua influencia deve reverter e se exercer tão accentuadamente sobre os escalões superiores, para suavizar-lhes as tarefas e ao mesmo tempo determinar decisões adequadas á natureza technica das questões, que na pratica se tornam o cerebro das instituições, e ainda os alimentadores da sua vida continua e progressista submettida á unidade de regimen e de doutrina.

A vida e organização das instituições armadas do Brasil têm sofrido revézes e estagnações, algumas vezes retrocesso, provenientes da influencia da mentalidade. Muitos administradores se succederem no passado de um modo geral, sem o fito ou a decisão de uma continuidade de esforços para a execução de programmas anteriormente lançados, porque é invulgar tenham realmente existido esses programmas nas diferen-

tes épocas ou porque a vaidade das innovações e creações muitas vezes deturpa ou embóta no homem o sentido que deve realizar o julgamento das necessidades. Não tem havido mesmo nos impulsos a influencia indispensável de um certo chronologismo, digamos assim, no tratar e desenvolver os assumptos, isto é, cada cousa a seu tempo, a sua hora, com continuidade, sem saltos, sem intermissione. Poderão objectar-nos que temos passado, e vamos ainda passando por phases verdadeiramente assombrosas de transformação, e por isso, não tem sido possível sujeitar-se cada regimen administrativo a uma ligação com o anterior e ao equilibrio que a unidade ou uniformidade de pontos de vista determinam. Responderemos que essas transformações justamente explicam a nossa anterior insufficiencia doutrinaria, e assim justificamos as nossas asserções.

Dentre os problemas relativos á nossa organização são mais interessantes, porque são básicos, os que se referem á questão do preparo do homem para as funções de soldado, ou ajustamento do cidadão dentro dos attributos e qualidades que o devem tornar apto para defender a sua Patria; a questão da *ordem de batalha*, porque os effectivos ou meios permanentes devem constituir um minimo correspondente ás necessidades mais urgentes do ponto de vista bellico, deve permittir o completo desdobramento relativo á hypothese mais premente; a certas questões attinentes ao Plano de defesa nacional e ao Plano de guerra, porque constituem elementos iniciaes, orientadores, na solução de outras questões, e não podem ser deixados para a oportunidade em que o perigo se apresenta, para serem então de afogadilho tratados e resolvidos; isto constituiria uma preciosa inversão de realizações, trazendo incertezas no serviço e conduzindo certamente o falseamento de idéas e creações.

Esses problemas são tecnicamente annunciados sob as epigraphes:

- a) problema da educação physica e civica do povo;
- a) problema do serviço militar obrigatorio;
- a) problema das reservas geraes.
- b) problema da ordem de batalha, ou da contribuição das forças armadas, Exercito e Marinha, permanentes ou não, grandes unidades, organização, desdobramento grandes commandos, Estados Maiores, forças Navaes, etc.
- c) problema das directivas e instruções do governo, para permitir um completo e efficiente trabalho nos Estados Maiores do Exercito e da Armada.

Comprehende-se que alguns de taes problemas apresentam aspectos particulares que são de uma ascendencia notavel no seio da organização.

Podemos citar: a questão do ensino ou da instrução geral no Exercito e na Armada; a organização effectiva dos Estados Maiores e uma melhor regulamentação do seu serviço para con-

duzir a uma real efficiencia e talvez a uma perfeita unidade de doutrina na organização e fins; a regulamentação do serviço de recrutamento dos quadros (Leis de promoções); a complexa questão da logistica ou procura da solução ao problema da satisfação das necessidades organicas e materiaes das forças armadas, etc. São questões tão essenciaes á vida das instituições, que se tornam autonomicas, constituindo-se em problemas especiaes de notavel relevo.

A administração da Guerra na sua laboriosa e criteriosa gestão tem movimentado e chegado á solução de alguns desses problemas. Devemos citar: o da *educação physica*, em cujo projecto de regulamentação encontramos as melhores idéias e prescrições, indispensaveis para ajustar o serviço dentro das necessidades nacionaes: a *lei do ensino militar*, sobre que já bordamos considerações; e, si bem que não exprima ainda um padrão definitivo, foi um passo agigantado para levar ao aperfeiçoamento dos attributos profissionaes do Exercito; a *lei da inactividade*, que cortou rente um acervo de abusos e principalmente influiu na organização das reservas dos quadros de officiaes, etc.

Infelizmente, porém, o *serviço militar obrigatorio*, si bem que mancamente em andamento, tem ficado sem as reformas urgentes e inadiáveis que a lei actual carece. Reconhecemos que não será facil reformal-a, porque os seus fundamentos constituem problemas intrincados, complexos, de muito difícil ajustamento ás condições do Paiz. Mas a questão não é insolvel; é necessário que abordem-a com coragem e disposição.

A Lei n. 5632 de 31 de Dezembro de 1928, que reformou o ensino militar, autorizou o Governo a fazer a revisão da organização geral do Exercito. Foi uma medida de extraordinario alcance; anciaíavamos por ella. Em linhas geraes, as nossas convicções a respeito são as seguintes: a nossa ordem de batalha não corresponde mais á actualidade; julgamol-a insuficiente, inadequada ao aspecto geral dos nossos encargos no continente. Precisa ser refundida, aligeirada nos elementos componentes, ao mesmo tempo ampliada no todo. Não nos compete aqui fazer outras considerações a respeito. Apenas podemos acrescentar que, para uma elaboração consciente e efficaz, seria indispensável que o Sr. Ministro da Guerra expuzesse os factos ao Conselho Superior da Defesa Nacional.

Este necessita ser ouvido, pois talvez possa, sobremaneira, influir na revisão que se tem em vista. O momento é tambem opportuno para que o Sr. Ministro invista sobre a Lei do serviço militar e sobre outras questões de palpitante actualidade.

Duas outras questões importantissimas que se prendem á epigraphe geral "Organização", são a *defesa de costa* e a *reorganização das forças navaes*. Precisamos encaral-as com animo forte e sem idéas prejudiciaes preconcebidas.

E' necessário submeter a vida nacional aos encargos que a sua defesa impõe. Como? Não é problema que num editorial se possa seguramente procurar encaminhar.

Assumptos Navaes

NOVOS RUMOS DO PROBLEMA NAVAL BRASILEIRO

PELO CMT. LUIZ A. DE ALENCASTRO GRAÇA
(Antigo addido naval no Japão, Perú e Argentina)

(Transcripto de *O Jornal*)

N. DA R. — No util afan de proporcionar aos nossos leitores da Marinha e do Exercito o conhecimento dos problemas mais em voga, procurámos obter a collaboração do Cmt. Luiz A. de Alencastro Graça, cujos trabalhos de grande oportunidade têm surgido com frequencia na imprensa diaria. Na impossibilidade de nos attender de prompto, recomendou-nos a transcrição de um dos seus ultimos artigos, a que prazenteiros accedemos, na esperança de sermos brevemente compensados com frequentes originaes de sua lavra.

Um programma naval não se improvisa. Depende da politica naval adoptada, a qual, por sua vez, é função da politica geral.

Torna-se, pois, difícil traçar um programma definitivo quando a situação economica e financeira do paiz é precaria.

A attitudem que cumpre observar, nesse particular, deve ser, naturalmente até nova ordem, de méra expectativa, procurando obter, mesmo dos mais arrogantes, o acatamento a que fazemos já como nação livre e independente, sem confiar muito no auxilio ou protecção que nos queiram prestar outras potencias, para não sofrermos decepções e humilhações.

Já não podemos pretender a posse de uma esquadra que nos garanta a hegemonia continental de que, com razão, nos ufanavamos no passado. Outras nações, infelizmente, tomaram-nos a deanteira e não cederão voluntariamente o posto conquistado.

E' claro que essa circunstancia não importa no abandono criminoso da defesa nacional. Desde que não nos achamos em condições de readquirir o perdido, nem por isso estamos impossibilitados de procurar uma solução que satisfaça ao nosso caso.

Precisamos, assim, ter uma força apta a enfrentar, no mar, um adversario qualquer, de modo a impor-lhe a nossa vontade, quando a eventualidade de um conflito de fronteiras ou interesses commerciaes, esgotados os recursos diplomaticos, nós atirar nos azares de uma luta armada em prol dos mais sagrados direitos.

A sciencia da guerra, tal qual se apresenta em nossos dias e a exemplo das demais sciencias, é o resultado do desenvolvimento progressivo.

Assim como evoluíram as armas, por successivos estagios, da massa e do projectil de pedra da era primitiva aos hodiernos torpedos e canhões de grande alcance e poder, tambem evoluíram os meethodos para sua utilização. Outro tanto não aconteceu com a finalidade das guerras, que permaneceu constante, nomeadamente a submissão completa do vencido á vontade do vencedor.

Os elementos que constituem a marinha de um paiz, na sua expressão mais geral, são os navios de superficie, os aviões e os submarinos, conforme o campo onde vão operar.

Mas, o potencial naval não se mede apenas pelo numero desses elementos. Elle está tambem subordinado á posição geographica do paiz em apreço e dos pontos de apoio que sua costa offerece para uma accção mais ou menos efficaz.

PARA O DOMINIO DO MAR

As nações que aspiram o dominio do mar têm absoluta necessidade dos navios de superficie, sobretudo encouraçados, afim de levarem ao adversario um ataque decisivo, destruindo-o ou reduzindo-o á impotencia nos portos, de forma a conservarem livres suas linhas de communicações maritimas. Ao contrario, quando não se possue os meios sufficientes para a obtenção desse objectivo, fica-se condenado a uma defensiva, recorrendo-se então aos submarinos e aviões, pela impossibilidade de tirar maior partido dos navios de superficie por sua inferioridade.

O estado de nossas finanças não nos permite dispor de todos esses elementos em sua maxima força. Sem embargo, devemos procurar um termo medio, contentando-nos, por agora, com aquillo que melhor corresponda, nos limites de nossas possibilidades, ao minimo admittido pela politica naval, desprezando os elementos de difficultacão em projeto dos menos dispendiosos, para os quaes convergiremos o nosso principal esforço.

Como não podemos concorrer com outras potencias no jogo dos grandes armamentos, teremos que adoptar de preferencia a arma das nações ditas fracas, que é o submarino, a unica capaz de offerecer ao Brasil a garantia de que os sacrificios para sua compra não seriam inteiramente inuteis.

Nenhuma marinha, por mais forte que pareça, consegue dominar toda a vastidão dos mares. Forças muito inferiores podem tornar os portos e as costas de um inimigo proximo bastante perigosos para navios de superficie, contanto que seus submarinos ali cheguem com segurança, de modo a obterem informações, estabelecerem campos minados e torpedearem os navios que delles se acercarem.

ENCOURAÇADOS E SUBMARINOS

Para que nos servem, afinal, os encouraçados? Até agora o seu passivo tem sido maior que seu activo. Nos primeiros dias de sua estadia entre nós já revelavam flagrantemente que, a enorme concentração de força que representavam, constituia antes um factor de preocupação de ordem interna.

Com submarinos teria havido naturalmente melhor dispersão e talvez que as solicitações tendenciosas dos demagogos de nossa democracia não encontrassem eco, pela facilidade de contrôle e submissão.

Demais, esses encouraçados não nos dão a superioridade tactica, que era de desejar, por seu redu-

zido poder combativo, podendo-se mesmo, considerá-lo como obsoletos, em confronto com seus similares de outras marinhas.

Pensar em sua remodelação é comprometer a riqueza publica sem aumentar o seu rendimento. Adquirir um novo encouraçado, seria provocar as competições que fatalmente nos conduziriam a uma ruina inevitável.

O encouraçado é de facto a unidade mais cara em uma esquadra, não só por seu proprio valor como pela exigencia de outros navios para a formação de sua cobertura, sem o que não poderia deslocar-se, além dos gastos com as installações feitas em terra para seu reparo, docagem e conservação no estado de perfeita efficiencia.

Isso implica em dizer que o seu custo total, directa ou indirectamente, absorve a maior quota dos orçamentos navaes e que, com o equivalente a um só delles, pôde obter 20 a 30 submarinos de typos variados, em condições de prestar serviços mais relevantes em uma guerra.

Tem-se observado que certas nações procuram limitar o papel do submarino nas Conferências Internacionaes. E' que elas provavelmente assentam o seu poderio naval sobre uma formidavel força de encouraçados e os submarinos são susceptiveis de atenuar-lhes a capacidade aggressiva.

Sem duvida essas nações continuarão a construir indifferentemente uns e outros, porque, sendo muito ricas e possuindo colonias por todos os mares, podem dar-se ao luxo de manter duas marinhas, a de superficie e a submarina, achando-se assim em situação favoravel para receberem ataques de surpresa em qualquer dos campos. Tratemos, pois, de adquirir submarinos. São elles que resolverão o problema actual para nossa marinha, em face da politica defensiva-offensiva que somos compellidos a seguir.

Quanto ao numero, não nos importa saber. Basta, porém, que se diga: o maior numero possivel. Além do que, fixar a composição de uma força é da competencia do Estado-Maior, de acordo com as necessidades da estrategia e os recursos do paiz.

Com submarinos faremos a guerra commercial ameaçando as linhas de comunicações marítimas do nosso adversario.

Com submarinos bloquearemos os portos inimigos, ao mesmo tempo que impediremos que o nosso litoral seja atacado ou sujeito á um desembarque. Com os submarinos estabeleceremos uma baragem protectora, por traz da qual poderão passar os comboios de tropas e suprimentos para nosso exercito.

Devemos, contudo, reconhecer que unicamente o submarino não basta para assegurar a nossa defesa. A seu lado e na medida necessaria tem que figurar o avião. Um e outro se completarão indiscutivelmente.

O avião é o instrumento mais efficaz do esclarecimento e tanto serve para o ataque como para a defesa. Elle, por si só, é capaz de effectuar o patrulhamento aereo ao largo nas condições indispensaveis de duração e continuidade. A unica protecção para as incursões aéreas é ainda o contra-ataque.

Não obstante, o avião custa relativamente caro e evolue muito depressa, para que seja possivel ter-se, em tempo de paz, todo o pessoal e material imprescindiveis á sua mobilização.

O incentivo á criação de uma frota aérea comercial seria de grande vantagem para obviar esse inconveniente, cabendo ao governo regulamentá-la, de modo a que seus apparelhos se adaptem ao serviço naval, para fins de treinamento durante a paz e de utilização em tempo de guerra.

As considerações que vimos de fazer, em linhas geraes, não permittiram, em verdade, collocar o Brasil na posição de destaque a que está chamado a ocupar, em futuro não muito distante, entre as grandes potencias.

Ellas se inspiraram, porém, no acontecimento notável que foi a chegada do submarino "Humayá", despertando o entusiasmo quasi adormecido de nossa brillante officialidade, cujo patriotismo ainda não se contaminou com a ferrugem que lavra nas velhas carcassas fluctuantes, que poderão algum dia servir-lhes de sepulturas.

Não queremos dizer que governar não significa prever e, por mais respeitaveis que sejam as tradições, e pela intuição do futuro, tal qual nos prepara o presente, que os povos se engrandecem e que saem victoriosos da eterna luta pela existencia, a lei suprema e universal.

"A Italia assignala os esforços das nações para conseguir o desarmamento, porém este continua a ser sómente uma generosa experientia. Aguardando a sua effectuação, a Italia deve aperfeiçoar suas forças de terra, do mar e do ar". (Discurso do rei em Abril de 1929).

SALGADO GUIMA-RÃES & Cia. Ltda.

GRANDES OFFICINAS

DE

Typographia, Lythographia, Encadernação,

Douração, Pautação, Timbragem, etc.

PAPELARIA, OBJECTOS PARA ES-

RIPTORIO, LIVROS PARA

ESCRITURAÇÃO, ARTIGOS PARA

DESENHO E MATERIAL

DE ENSINO

26, Rua da Quitanda, 26

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO

Estructura economica e posição internacional

CONFERENCIA REALIZADA NO CENTRO INDUSTRIAL DO BRASIL PELO SR. HELIO LOBO, ENCARREGADO DE ORGANIZAR, NO MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, OS SERVIÇOS ECONOMICOS E COMMERCIAES.

N. da Red. — Ha tempos tinhamos pedido ao Sr. Helio Lobo, por intermedio de nosso representante civil, uma collaboração sobre assumptos economicos, em que é mestre consumado. O illustre diplomata não esqueceu e teve a feliz idéa de enviar-nos esta conferencia para que a divulgassemos.

Estampando-a agora, cremos prestar real serviço aos nossos camaradas e principalmente aos do Estado Maior, aos quaes muito interessa o conhecimento dos problemas economicos que se agitam no Paiz e nas outras Nações.

I

Grande prazer tenho em falar perante o Centro Industrial do Brasil, a cujo illustre director, Dr. Francisco de Oliveira Passos, sou reconhecido pela honra do convite, com que me distinguiu.

E' este Centro o propulsor da actividade industrial em nosso paiz, já actualmente assinalada e de tão grandes horizontes de realização; e não poderia eu deparar, pois, logar mais principio para dizer, obscuramente embora, de assumpto de tamanha relevancia para a vida nacional.

II

Depende a estructura economica de um paiz de factores espirituales e materiaes. Embora abundantes estes, pouco podem sem aquelles. No Brasil, como em toda parte, essa interdependencia deve levar-se em consideração, si se quizer traçar á nação o rumo que lhe corresponde.

Contam-se, notadamente, nos materiaes a situação geographica, os recursos naturaes, o clima, a immigração, a moeda, os transportes. Nos espirituales, a capacidade de aproveitamento de tudo isso, para beneficio proprio e internacional.

Está o Brasil, quanto á situação geographica e os recursos naturaes, entre os mais dotados. Compara-se sua posição aos Estados Unidos da America, com a diferença de que, mais moços 50 annos, iniciamos, apenas, o caminho que elles começaram a trilhar approximadamente ha meio seculo. Assim, da costa immensa, que é a delles em tres mares não temos muito menos numa só frente, a do Atlatico. Pertencem-nos os dous maiores rios, as duas maiores bacias fluviales do globo. Do clima, gosamos ambos as variantes, o frio, o quente, o temperado, mais tropical o nosso, menos calido o outro, proprios todos ás mais variadas culturas. E' sem limites, dentro das divisas de cada um, a riqueza dos campos, a potencia das quedas d'água, o tesouro do sub-solo, a fertilidade dos valles a belleza sem par da natureza. E, levando o paralelo mais longe, foi identico o impulso creador das fronteiras, essa audacia dos que lá recuaram a linha de limites através das montanhas até o Pacifico e que, levando cá a ocupação com as bandeiras até a cordilheira, nos deram a configuração actual. Isto sem falar na semelhança da forma governativa, a federação, que, permittindo aos Esta-

dos viver e prosperar, tem nelles alli, como já vamos tendo aqui, a verdadeira fonte de riqueza e desenvolvimento geral.

Como se sabe, não ha paiz de economia autonoma; em alguns, porém, como nos Estados Unidos da America e no Brasil, a maioria dos seus recursos lhes basta mais ou menos á existencia. Crearam aquelles, devido a isso, dentro de suas fronteiras, um extenso commercio interno, oriundo do solo e das manufacturas, em partes mais ou menos iguaes; e só depois se lançaram no externo em grandes linhas. Pôde avaliar-se o primeiro, quando se sabe que o segundo representa apenas 7 % delle e subiu, entretanto, o anno passado, a cerca de nove biliões de dollars Area quasi igual á da Europa, sem seus 28 entraves aduaneiros, ella offerece um campo immenso de permutes livres, para cujo exito não só concorreram as riquezas naturaes e o engenho do homem, mas tambem a extraordinaria rede de communicações, que localisa alli metade dos caminhos de ferro do mundo. E' a perspectiva que tambem se desenha para o Brasil se, corrigindo lacunas passadas, pudermos perseverar na construcção das estradas, que só agora depararam sua grande éra. Dêzeseis vezes a França, nossa rede ferroviaria é, apenas, tres quartos da sua.

Outro ponto de contacto é a immigração. Fechado o grande centro norte-americano de absorção, as levas européas, que se expatriam, não de ter forçosamente seu escoadouro para a America do Sul, sobretudo o Brasil. Para ter-se idéa do que foi alli essa absorção, basta accenutar que anno houve, no qual as entradas transpuzeram o milhão e que, no decennio de 1900-1910, tanta menos de nove milhões de seres, algarismos redondos, alli se estabeleceram vindo de além-mar. O Brasil, em sua vida autonoma, recebeu cerca de quatro milhões, que contrastam com os 34 milhões, approximadamente, que tiveram acesso nos Estados Unidos da America. Estavamos, como estamos, mais longe dos centros supridores e era natural que para lá se dirigessem todos pela atração das riquezas e da vida nascente. A escravidão, tão tardivamente resolvida, pesa entre nós como um dos maiores, o maior sem duvida, dos obstaculos á florescência economico do paiz, porque apartava, pela sua condição mesma, o trabalho sadio e remunerador. Tem a historia suas razões occultas e nós perguntamos si uma corrente mais densa de sangue estrangeiro, durante o periodo de formação da na-

cionalidade, não teria dificultado a unidade territorial, de lingua e de costumes. E, si é certo que esta se consolidou e que se irão povoar nossas regiões com o forasteiro (só em dez annos de Republica recebemos mais de um quarto dos imigrantes de um seculo), não devemos, contudo, acolhel-os sem o estudo profundo da sua accão no nosso meio; para o que espelho melhor não offerece o proprio paradigma invocado, com a lei de restrição immigratoria, mal comprehendida geralmente, mas de profunda necessidade pela cohesão que exprime. Não nos esqueçamos de que só as regiões do planalto brasileiro, de seis de nossos Estados meridionaes, representam, em superficie, zonas temperadas superiores ás de quatro ou cinco nações mais adiantadas da Europa. Na nossa política de immigração, que urge crear, não pôde ser diversa a accão da União da dos Estados, sob pena de graves tropeços futuros.

No suprimento do capital, o auxilio norteamericano é, por sua vez, directo pois alli se localisa mais de metade da reserva metallica do mundo. O dollar está destinado a espraiar-se, como se vae espraiando geralmente, em benefícios directos e serviços indirectos de toda ordem. Só em 1928 subiu em emprestimos a cerca de um bilhão e meio, praticamente para todos os pontos da terra; e nessas saídas a parte destinada a fins reproductivos é cada vez maior. Muito se tem dito do ouro americano, pelo que representa de expansão consciente ou eventual; mas nem todos se lembram de que, facto de eclosão inevitável, exige mais o axame do que a paixão. Não ha exemplo melhor, ainda, do que os Estados Unidos da America, que devem ao capital estrangeiro a esplendida situação que hoje desfructam; até recentemente, mais de um terço do dinheiro alli empregado nas vias ferreas, era hollandez; e o inglez tem parte não pequena no progresso nacional, em todas suas faces. Afinal de contas, vivem os povos de trocas; e o capital não é sinão uma forma de contacto internacional, que approxima e fructifica. Ainda ahí, a accão dos Estados não pôde deixar de ser parallela á federal, pela organização de uma política previdente, que nos ampare quer nas emissões de emprestimo, quer nas concessões de terra e colonização em que não raro se encobrem.

III

O caminho está, pois, traçado. Se o grosso de nossa producção é ainda agricola, temos que aumentar gradualmente a capacidade manufatureira, para que sobre ambos possamos erigir o edificio economico interno e, em consequencia, o exterior do Brasil. Não devemos ser sómente productores e exportadores de matérias primas e artigos de alimentação; pelo contrario, só o incremento das industrias aproveitará, em todos os sentidos, nossos enormes recursos naturaes, nos trará o treinamento technico das civilizações industriaes mais adiantadas, além de melhor garantir o padrão de vida dos trabalhadores nacionaes e estrangeiros que aqui aportarem. As fórmulas de actividade simplesmente agraria, por si só, não atraem facilmente o elemento alienigena; e temos contra nós que vamos creando, pelo nosso

padrão de vida, um custo de produção mais alto que o das zonas similares. E' nosso orgulho havermos instituido uma nova forma de civilização tropical, sem sujeição alheia; mas, por isso mesmo, cada vez maior será a competição que aos nossos artigos trarão paizes de forma colonial, onde ha servidão económica e braços baratos. A producção agricola do Brasil, com exceção do café, é aliás muito pobre, pois não fornece mais do que 1 % do arroz do mundo; 2 % do algodão; 3 % do fumo; 3 ½ % do milho; 3,9 °% do assucar; 4 % de borracha e 10 ½ % do cacau. Tanto nessa como na manufactureira, faz-se mistér um trabalho de educação geral, para que deixemos de viver economicamente apartados do mundo, que não acompanhamos nas suas aptidões techniques e necessidades materiaes. Que progresso pôde ser o nosso, quando temos vivido praticamente insulados dentro de nós mesmos e 78 % de analfabetos, em todo o territorio, esperam pela integração espiritual na vida do paiz?

Se essa é a producção, não ha melhores resultados na exportação. Estabilizada a moeda, por obra do Chefe da Nação, sem o que seria sempre precario nosso organismo económico, tudo indica uma expansão commercial externa nos mais modernos moldes. Não é que o indice de exportação seja expoente de uma boa estructura económica, como provam os proprios Estados Unidos da America. Mas a verdade é que, com 35 milhões de habitantes, estamos num plano abaixo já não digo de paizes autonomos, mas de colônias, muitas vezes inferiores em coeficiente humano. População e territorio são, aliás, cousas relativas em economia internacional. Assim em 1927 sómente tres Estados brasileiros, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, tiveram maiores receitas do que a de Kenya, a colonia do café na Africa Oriental; Uganda, por sua vez, teve uma receita que superou as de Paraná e Espírito Santo. Por seu turno, os Estados Malayos, com uma população que representa nove vezes o numero actual de habitantes do Amazonas, ocupam apenas uma superficie igual á de um só município amazonense, como Borba, no Rio Madeira; e sabemos o que exprime no mundo moderno o comércio da gomma elastica.

O problema da producção e da exportação é tanto mais relevante, quando se liga fundamentalmente á nossa posição internacional. A competição torna-se cada vez mais profunda em torno das matérias primas e dos artigos de alimentação, pela dependencia em que vivem os povos uns dos outros. E nem sempre os pobres materialmente são os atrazados industrialmente. Exemplo typico é a Inglaterra, que pouco mais do que ferro e carvão produz, dando os recursos de alimentação do seu solo para apenas 100 dias em sete. Será a eterna gloria britannica esse admiravel serviço de fabricante e corretor internacional, que o genio emprehendedor e marinheiro da raça lhe azou e que, através aguas immensas, supre nas suas necessidades e faz vizinhos todos os homens.

A este respeito, a Guerra Européa não foi mais que uma consequencia da posição inferior de uns paizes com relação a outros, quanto a certos productos fundamentaes; não jaz outra

cousa atraç do complicado problema das reparações, a cujo respeito se escrevia recentemente: "A luta em torno das matérias primas tem um papel ainda mais importante agora do que antes da guerra... A única solução para a Alemanha está na aquisição de suas antigas colônias". Basta dizer, para o verificar, que o Tratado de Versalhes tirou ao Império oito milhões de habitantes e 13 % de seu território europeu, privando-o igualmente, nas suas colônias, de um milhão de milhas quadradas e doze milhões de almas. O Brasil domina o mercado de café, o Japão o da seda bruta, as Índias Orientais o da borracha, a Índia o da juta, os Estados Unidos da América o do algodão. Nas minerações, os Estados Unidos da América, a Grã Bretanha, a França e a Alemanha tem mais de três quartos da produção do carvão mundial; os Estados Unidos da América, o México, a Rússia, a Pérsia e a Venezuela tem cerca de 90 % da produção total de petróleo; o do aço, 85 % de seu fabrico está na França, Estados Unidos da América e Grã Bretanha; o cobre e o estanho veem de três maiores fontes de produção, o níquel de duas; e assim por diante. Do petróleo e seus derivados escreveu o United States Geological Survey: "O carvão que, no último século, dominou o comércio mundial, é já de menor importância internacional do que o petróleo. Óleo combustível e gasolina são, como tais, necessidades comerciais; e a supremacia no ar e no oceano depende em absoluto da posse de suprimentos adequados".

Tal é a competição, que países altamente industriais e escassos de recursos, como a Itália, a Bélgica e o Japão urgem, junto da Sociedade das Nações, por uma divisão mais equitativas de certos recursos fundamentais; e outros mais ricos se reunem sem fronteiras políticas, na defesa de uma só indústria comum, como os consórcios do aço e da potassa. A interdependência econômica chega mesmo a extremos como estes: nos Estados Unidos da América 70 % de suas importações já são de matérias primas e artigos de alimentação; na Alemanha, 78 %; na França, 85 %.

Dizer, ainda que por alto, de tais algarismos é delinejar, num traço, o problema de nossa estrutura econômica. O campo internacional foi, e há de ser sempre, dos mais atilados. As reservas imensas de ferro e outros minerais, a potência de nossas quedas d'água, a imensidão infinita desses e de outros recursos nacionais, constituem um horizonte tal de realização, que mal o podemos conceber na sua significação total.

IV

Não minguam, é certo, ao Brasil certos índices especiais de significação econômica. O comércio de cabotagem, por exemplo, foi em 1928 de cerca de três milhões de contos de réis. Não duplicaram em extensão, nos últimos três anos, as rodovias? Si olharmos para os Estados. Minas Gerais tem uma exportação superior à da Venezuela e Yugo Slavia; e São Paulo supera à Noruega e ao Chile nas suas vendas ao estrangeiro, salientando-se ambos por uma produção industrial que, em grande parte, já vai satisfazendo as nossas necessidades. Produz o segundo

mais café do que o resto do mundo e o primeiro tem o dobro da Colômbia. Ocupa a Bahia o segundo lugar na produção geral do cacau. Fornecedor em escala crescente da bacia amazônica já vai sendo o Pará. E o Rio Grande do Sul é um grande supridor de muitas das necessidades do país em artigos de alimentação como cereais, carne em conserva, xarque e vinho, papel que Pernambuco, por seu lado, desempenha com o assucar e artigos manufacturados, sobretudo na região do nordeste.

Ha, em geral, um surto de produção e organização digno de referência. E' que, como no topo do Novo Mundo, somos também, tal a vastidão de nossas terras e os recursos nela contidos, "*a collection of potential nations rather than a single nation*"; e a mobilização das riquezas gerais se fará, em consequência, mediante esforços mais arduos. País de economia dispersa, carece de uma grande obra coordenadora em conjunto. Unir para fortalecer; orientar para produzir; industrializar para se bastar a si mesmo e exportar, tais os deveres do Brasil nesta hora de competições materiais. Vivemos numa fase nova, escreveu Le Bon, na qual as forças econômicas dominam todas as chimeras. Os Serviços Económicos e Comerciais, criados no Ministério das Relações Exteriores, pela alta inspiração do Ministro Octavio Mangabeira, pode dizer-se que têm por escopo o de nos ligar economicamente ao mundo; o papel é, entretanto, intermediário desde que para a grande obra, a parte executiva, no que depende do Governo, reside em outros órgãos federais e estaduais.

Essa obra vai pôr à prova nossa capacidade, mas della sahibremos com garbo. Será um rude caminhar. Diversidade de zonas e de recursos, factores políticos e sociais, interesses agrários, competições industriais, imigração, tarifas, tudo trabalhará pelo nosso progresso, eventualmente sem a necessária harmonia, mas, de facto, sob uma grande inspiração nacional. Uma nação, sob pena de não se elevar sobre bons alçares, não é só a sequência de actos venturosos, e o prova nosso mesmo passado, mas a alternativa de dias felizes e horas amargas. Assim como de nossas lutas internas desabrochou a unidade territorial e política, da competição das necessidades domésticas, umas com as outras, e todas com as externas, surgirá a individualidade econômica.

"Somos um mesmo, um só corpo, ainda que vario, "*We are members of the same body though it is a varied body*", escreveu-se no próprio país, que se fez modelo de estabilidade política, má grado a maior luta civil da história e debaixo dos mais violentos factores de desagregação. Ha ali a região da potência financeira, a do predomínio agrário, a do relevo industrial. O norte não se opõe ao sul, completa-o; o leste não contesta o oeste, finaliza-o. Em seis estados da União, New-York, Pennsylvania, Illinois, Ohio, Massachusetts e New Jersey, está localizada a metade da produção industrial de toda a nação contendo também essa região 33 % da população e 49 % de seus operários. A luta é, por vezes, tão tenaz entre interesses que se chocam, que um membro do Senado Federal proclamou que "se

Emprego tactico das Mtr. P. no combate

Pelo Cap. JOSE' PORTOCARREIRO

Nada tem de meu o assumpto de que vou tratar, a não ser a concatenação de idéas e factos.

Outrosim, não se trata de textos regulamentares para aqui transcriptos, mas tão sómente de conhecimentos de factos tecnicos e tacticos, hauridos por aquelles que fizeram a Grande Guerra, e que são os nossos mestres hodiernos.

Antes, porém, de entrar no assumpto, convém lembrar-vos os caracteres das lutas de hoje, isto é, a physionomia do combate da Infantaria.

O combate é uma successão no tempo e uma juxtaposição no espaço de varias acções offensivas e defensivas. E' preciso notar, porém, que tal successão e tal juxtaposição apresentam, quasi sempre, soluções de continuidade.

Ha interrupções de causas varias, no combate offensivo, durante as quaes os elementos atacantes permanecem na defensiva.

Ha, outrosim, no combate defensivo varias interrupções, — aliás localizadas, — nas quaes, executando os defensores um contra-ataque qualquer, deixam de se defender e atacam, ou antes, para se defenderem necessitam de atacar; o combate, neste momento, toma o carácter offensivo.

Não se pôde, pois, dizer que um combate seja offensivo ou defensivo do principio ao fim.

Quando o combate tem o carácter offensivo, a Infantaria tem por missão atacar, isto é, progredir, de objectivo a objectivo na direcção indicada, qualquer que seja o terreno.

Mas, para avançar, ella precisa destruir ou neutralizar o fogo inimigo, necessita de obter a preponderancia de fogo:

Uma vez enfraquecido o fogo inimigo, a Infantaria avança por lances, cuja extensão varia com o terreno e com os meios inimigos que a hostilizam.

Taes lances se executam de base de partida a base de partida. Esta é organizada imediatamente, protegida por uma coberta do terreno, onde, previamente, se reunem os elementos que deverão tomar parte no ataque (tropa e material) e que, a um signal convencionado, ou a uma hora predeterminada, se lançarão sobre o objectivo seguinte, apoiadas pelos meios de fogo de cuja protecção dispõem — e não podem prescindir.

O conjunto destes meios de fogo, dispostos

os seis Estados da Nova Inglaterra pudesse ser cedidos ao Canadá, se reduziriam á metade as dificuldades legislativas da nação". Processo continuo de ajustamento, delle sac o paiz cada vez mais fortalecido. Assim o Brasil. Hayemos de ser igualmente, sob a federação indissolvel, o producto do regionalismo fecundo e estimulante, a multiplicidade na unidade. Dos pampas do sul ás cachoeiras do norte, das praias atlanticas ás

em largura e profundidade, é o que se chama — base de fogo.

Da mesma maneira, é com o fogo, quer de seus fuzis, de seus F. M., de suas Mtrs. leves ou pesadas, quer da Artilharia que opera em seu proveito, que a Infantaria se defende, constituindo as barreiras de fogos cruzados deante de sua linha principal de resistencia, e no interior da posição.

Ainda na defensiva necessita a Infantaria de obter a supremacia do fogo.

Em conclusão: — O combate da Infantaria é a omnipresença do fogo: fogo que, avançando, a leva á conquista dos objectivos que lhe foram dados atacar; fogo que, bem regulado e ajustado, detém o inimigo, impedindo-o de avançar sobre o terreno que lhe, a ella, foi dado defender.

São do Cmt. Laure as seguintes palavras:

"A Infantaria age pelo fogo e pela manobra; o fogo é o elemento preponderante. A defesa é o fogo que detém; o ataque é o fogo que avança; a manobra é o fogo que se desloca".

Assim sendo, a manobra é, sobretudo, um meio de produzir fogos, no ponto, no momento e no grão desejados e nas melhores condições de efficacia, potencia e rendimento, como asseveraram os mestres Cel. Barrand, da M. M. F., e o Cel. Paes de Andrade.

A potencia de fogo da Infantaria é a de suas armas automaticas, e se caracteriza:

1º) — Pela rapidez do tiro (400 a 500 tiros por minuto para as Mtrs. e 150 a 200 para a F. M.). Devido ás difficultades de remuniciamento é quasi impossivel obter-se maior rapidez.

2º) — Pela extrema precisão, principalmente das Mtrs. Pes.;

3º) — Pela rasancia. A 600 ms. um homem de pé será atingido pela trajectoria. Praticamente podemos dizer que nas médias e grandes distancias a zona batida por uma Mtr. Pes. é a de um rectangulo de 200 ms. x 10 ms.

Afim de aproveitarmos a profundidade deste rectangulo de dispersão convém, sempre que for possível, batermos os objectivos com tiros de enfiada, tiros de flanco, de direcção paralela á sua maior extensão.

Os tiros de frente são excepcionais.

Além destes caracteres, apresenta a Mtr. Pes. as seguintes propriedades:

ante-montanhas peruanas, pelejarão os homens na peleja do arado e da fabrica. Nessa porfia perenne, que será nossa vida mesma, tudo se vai chocar e resolver sem perda em favor da grandeza e da prosperidade nacional. E o equilibrio de taes formas regionaes, com as necessidades superiores da nação, como entidade suprema, constitue, para mim, um dos mais bellos e promissores espectaculos do Brasil de amanhã.

1º) — Alcance: 4.300 ms;
 2º) — Economia de soldados;
 3º) — Facil manejo e grande rusticidade;
 4º) — A sua extrema precisão, permite fazer-se o tiro por sobre as tropas amigas, ou nos intervallos, constituindo a gerba de suas trajectorias a unica barragem verdadeiramente intransponivel.

5º) — A mobilidade de seu fogo permite realizar transportes e concentrações.

6º) — Efeito moral consideravel. Efeito material formidavel quando se pôde desencadear o tiro de surpresa.

7º) — Munida de um suporte adaptavel ao reparo, pôde fazer o tiro contra avião.

Passadas em revista as propriedades essenciais das Mtrs. Pes. concluimos que, de preferencia, devemos attribuir-lhes missões que reclamem grande potencia e precisão, e, em alguns casos, grande alcance. São, em summa, as armas destinadas, por excellencia, á execução do flanqueamento afastado.

Quanto á natureza dos tiros, as Mtrs. Pes. se empregam:

Em tiro directo — a todas as distancias;

Em tiros indirectos a grandes distancias e sómente em concentrações.

Até 1500 ms. o tiro directo constitue a regra geral do emprego das Mtrs. Pes.

A acção ás grandes distancias com tiro directo é, ás vezes, vantajosa, como por ex.: para bater objectivos fugazes e importantes; pontos sensíveis da zona inimiga (orlas de bosques e povoações, pontos de passagem obrigatoria); para assegurar o flanqueamento de um sector vizinho; e para as concentrações de fogos.

O tiro indirecto aproveita todo o alcance da trajectoria, utilizando um processo especial de pontaria. É empregado em missões particulares, como: inquietação, barragem á frente do primeiro escalão, interdicção e enjaulamento.

Os effeitos dos tiros indirectos raramente serão observados.

E', pois, um tiro excepcional.

* * *

Feitas estas considerações, podemos desde já dizer, de maneira categorica, que as Mtrs. Pes. deverão ser empregadas em todas as partes em que o movimento da Infantaria exija o fogo para a sua realização.

Assim sendo, o emprego das Mtrs. Pes. tem lugar em todas as fases do combate, a saber:

Na approximação, na tomada de contacto, no engajamento; antes, durante e depois do ataque; no aproveitamento do successo; na ocupação do terreno conquistado e na perseguição; no combate em retirada, nos contra-ataques, etc.

Apreciando, mais detalhadamente, veremos que a Mtr. Pes. geralmente, marchando com o escalão de combate, recebe missões de: cobrir o flanco de uma unidade, ou ligar pelo fogo duas unidades juxtapostas, batendo o intervallo existente entre elles; neutralizar as resistencias previstas ou que se revelarem, e que entravem a marcha das unidades de primeiro escalão, notadamente: os órgãos de fogo inimigos; as orlas de bosques, de povoações, moitas, etc.; inquietar a Infantaria inimiga, agindo moral e material-

mente, obrigando-a a atirar mal e contrariando a execução de seus trabalhos no terreno; ocupar o intervallo entre duas unidades que não pregridram igualmente, assegurando a sua ligação pelo fogo; tomar sob seus fogos os obstaculos que restarem da passagem do primeiro escalão, batendo-os de enfiada ou de revéz; substituir as Cias. de Infantaria deante das partes da linha inimiga não atacadas de frente, neutralizando o fogo dos defensores; finalmente, em casos eventuais, bater as reservas inimigas e os caminhamentos que possam utilizar.

Antes do ataque, as Mtrs. Pes. são dispostas, em regra geral, atrás da base de partida, ou nos flancos desta mesma região, com missão de, cooperando na base de fogo, da qual constituem a ossatura, darem o seu maximo de efficiencia, preparando o movimento das unidades que montam o ataque.

Durante o ataque poderão executar barragens rolatas, dentro dos limites determinados pelas possibilidades de remuniciamento. De preferencia nesta accão, as Mtrs. Pes. são collocadas nos flancos do dispositivo de ataque de forma a cruzando os fogos entre si, baterem com tiros de enfiada, constantemente em flanqueamento, toda a zona á frente da tropa atacante.

Depois do ataque, para o aproveitamento do successo, as Mtrs. Pes. devem ocupar novas posições de fogo, afim de constituirem bases solidas e successivas de fogos potentes, tendo em vista a continuação do movimento; bater as organizações inimigas seguintes, permittindo sua rapida conquista;

se o inimigo se retira, persegui-lo com o fogo e impedi-lo de reorganizar-se; bater as reservas inimigas que contra-atacarem a posição conquistada;

na perseguição as Mtrs. Pes. devem acompanhar e apoiar a fundo os destacamentos de perseguição.

Na ocupação do terreno conquistado, e de um modo mais geral, nas operações defensivas, as Mtrs. Pes., escalonadas em profundidade, cooperam com as demais armas automaticas e com a Artilharia nos tiros de deter, á frente da posição ocupada, estabelecendo uma cortina de fogo densa, continua e profunda; e asseguram as barragens interiores e o apoio dos contra-ataques previstos, por meio de um sistema de fogos cruzados. Substituem, outrossim, as armas automaticas nas missões de tiro mais importantes, e protegem as unidades de Infantaria, afim de lhes permitir a reorganização.

Devido á mobilidade de seu fogo, as Mtrs. Pes. executam concentrações, quer na frente do sector para o qual operam, quer á frente dos vizinhos, podendo, sem effectuar deslocamentos no terreno, manobrar com o fogo, atirando ora numa, ora noutra parte

Nas manobras em retirada, isto é, nas operações em que se procura evitar o contacto com o inimigo, as Mtrs. Pes. devem esforçar-se por estabelecer uma cortina de fogos defensivos, entre a tropa que se retrai e o inimigo, de forma a mantel-o a uma distancia tal que permita a segurança da tropa e, ao mesmo passo, ganhar tempo.

Além destas missões pôde a Mtr. Pes. fazer a contra preparação, todas as vezes que a actividade do inimigo nos induza á suposição de um ataque imminente.

Esta contra-preparação, em regra geral, é obra da Artilharia e das Mtrs. que fazem tiro indirecto; mas é vantajosamente completada pelas Mtrs. de escalões mais avançadas, particularmente bem collocadas para tomarem de enfiada caminhamentos e entrincheiramentos, ou baterem os pontos de reunião ou de passagem obrigatória do inimigo.

Finalmente as Mtrs. Pes. são empregadas em concentrações, sobre objectivos de particular importância, e contra os aviões que voem baixo.

Nas organizações defensivas, as Mtrs. Pes. só darão plenos e satisfatórios resultados quando as condições de escalonamento de fogos em profundidade, de flanqueamento e de instantaneidade, ou surpresa, forem asseguradas.

Antes de terminar vou lembrar algumas referencias que, sobre o emprego das Mtrs. Pes. faz o R. M. I. frances, 2^a parte, título 7º, Cap. V, art. IV, pag. 194, o que nada mais é do que a synthese do assumpto que acabei de estudar. Lá se encontra:

"Unidade de execução do fogo — A unidade de execução do fogo é a secção. As duas peças de uma mesma secção ficam sob as ordens do Cmt. da secção. Em principio as duas peças recebem a mesma missão. Além de sua missão principal, a secção pôde receber uma ou varias missões eventuais, secundárias. Mas a estas ultimas só se consagra quando a missão principal for momentaneamente dispensável."

Quando necessário, o Cmt. da secção emprega uma das peças na missão principal e a outra na missão secundária; mas em caso de qualquer incidente de tiro numa das peças, a outra fica obrigatoriamente com a missão principal".

"Quando uma secção de Mtr. é designada para apoiar a acção de uma Cia. de Infantaria, ella é posta sob as ordens do Cmt. desta Cia.

Quando uma secção de Mtr. combate junto a um pelotão de Inf., tendo uma missão comum, comanda o conjunto o mais antigo ou o mais graduado".

"Na offensiva, o fogo das unidades de Mtrs. tem por objectivo, primeiramente, contribuir para a possibilidade da progressão das Cias. de Inf. e, depois, confirmar e explorar os resultados adquiridos por este movimento.

A Cia. de Mtr. é utilizada:

- na tomada de contacto, para apoiar as Cias. de Inf. e assegurar a posse dos objectivos atingidos;

- ao desembocar de uma base de partida e durante a progressão, para fornecer á base de fogo, de que constitue a ossatura, toda a potencia que as condições de terreno e o desenvolvimento da frente permittirem;

- na conservação do terreno conquistado, para contribuir poderosamente na execução do plano de fogo;

- no aproveitamento do exito, para inquietar o inimigo, batendo-o até o ultimo alcance do material;

- em todas as phases do combate, para as-

segurar a defesa contra os aviões que voem baixo, isto é, a uma altura inferior a 1.000 ms.

A multiplicidade de missões obriga o Cmt. a não deixar inactiva nenhuma fracção da Cia. de Mtrs.

E' conveniente respeitar os laços organicos e manter todas as secções sob o commando do Capitão, não obstante uma larga articulação da Cia.

"Para qualquer operação offensiva, o Cmt. do Regimento fixa, em sua ordem, as missões da Cia de Mtrs. Pes., sua repartição e, si possível, as posições sucessivas a ocupar".

"Numa situação defensiva as Mtrs. Pes. convenientemente escalonadas constituem a ossatura do sistema de fogos potentes, unica solução que permite manter solidamente o terreno".

A pratica do emprego das Mtrs. Pes. nos ensina a conveniencia da mantel-as, sempre que possível, sob um commando unico, e ás ordens do Cmt. do R. I.

Quando, porém, a compartimentagem do terreno é tal que impede esta norma de emprego, isto é, quando o terreno se apresenta muito movimentado e de comportamentos acanhados e numerosos, não devemos ter duvidas em disseminal-as, distribuirl-as entre os Btls. de 1º escalão.

O que é de summa importância, e sobre tal ponto nunca é de mais repisar, é que as Mtrs. Pes. devem ser sempre empregadas, como as demais armas automaticas, nos pontos onde o movimento não possa prescindir de um fogo potente.

Finalmente, devo lembrar-vos que, sendo a Mtr. Pes. uma arma tão preciosa, capaz de prestar os mais relevantes e uteis serviços nas mãos de um habil chefe, é reduzida a simples expressão de um inutil sorvedouro de munições, contraproducente portanto, desde que o seu emprego não seja judiciosamente estudado e criteriosamente praticado.

NOTAS SOBRE O COMMANDO DO BATALHÃO NO TERRENO

CMT AUDET

De acordo com o seu programma, esta revista tomou o encargo de divulgar a serie de artigos que ha annos atraç publicou o Cmt. Audet em a Revue d'Infanterie.

Pôde-se dizer que hoje não ha official de infantaria que não tenha noticia desse excelente curso de tactica da arma.

Para realizar o nosso intento adquirimos do edictor os direitos de tradução e aproveitamos o trabalho já realizado pelos nossos colaboradores Tenentes Durval Coelho, Aristoteles Ribeiro e Antonio Nascimento.

Acceitamos desde já encommendas:

Assinantes da revista.....	38000
----------------------------	-------

Não assinantes.....	38500
---------------------	-------

PRIMUM AGERE

Ten. Cel. ARGUEYROLLES

— (Traduzido da Revue de Cavalerie pelo 1º Ten. A. Ancora).

"Quanto a nós, cavaleiros, se nos deixamos deter pela menor resistência, si hesitamos indefidamente antes de nos lançarmos á acção, si limitamos nossas ambições a demonstrações sumárias, não ganhamos a aveia de nossos cavalos..."

Taes são as palavras ouvidas pelos officiaes de uma grande unidade, reunidos, recentemente, para ouvir a critica final de uma serie de manobras, feita por um chefe, justamente estimado.

Este aphorismo apoiava-se sobre factos. Duas faltas, particularmente graves, foram imputadas á cavallaria:

Viu-se, no decorrer de uma primeira operação, um grupo de reconhecimento divisionario perder longas horas deante de uma linha fraca mente mantida e esperar ser alcançado pelas vanguardas de infantaria, para retomar a sua missão.

Em uma outra circunstancia, um destacamento de alguns esquadrões, encarregado, durante o combate, de uma acção offensiva sobre um flanco descovertido do inimigo, só interveio quando souo o fim da manobra.

Estão ahi, evidentemente, accidentes desastrosos. Não tendes, porem, notado que um espírito maligno parece empenhar-se em conduzir á repetição desta especie de erro, precisamente nas occasiões em que agimos sob as vistas dos nossos mais altos Juizes?

Quantas vezes ouvimos lamentarem-se da lentidão de nossa entrada em acção!

Quantas vezes tem sido notado que, a partir do momento em que os primeiros elementos recebem tiros, um tempo consideravel se escôa antes que os grossos se decidam a agir!

Cavaleiros, depois de termos proclamado nossa mobilidade e a rapidez da nossa intervenção, que são as mais notaveis de nossas características, vamos dar o espectaculo de lentidão e de indecisão?

Talvez não tenhamos reflectido sufficientemente sobre as condições do emprego da nossa arma na guerra moderna.

Estes reflexos jamais os aguçaremos em demasia porque devem ser compellidos a reagir instantaneamente, mas numa reacção justa.

Que nos seja permittido focalizar aqui, de modo rapido, os dois casos bem diferentes que deram razão á formula liminar, citada nas primeiras linhas deste estudo. Sem pretender a descoberta de novidade alguma, e sem querer tratar a fundo esta dupla questão, que mereceria longas paginas, esforçar-nos-emos de tirar principios simples e nitidamente precisos, capazes de se apresentarem mechanicamente ao espírito, em reacção immediata aos acontecimentos.

De inicio assentemos o axioma: Todo o tempo perdido, é tempo ganho pelo adversario (particularmente a partir do momento em que se toma o contracto).

Ao contrario, todo o tempo ganho multiplica as probabilidades de successo.

Consequencia I — Todo chefe de cavallaria que recebe uma missão deve por, imediatamente, em acção todos os meios uteis para ser rapidamente informado, tomar em seguida sua decisão sem vacilar e passar á execução num tempo minimo.

Consequencia II — Toda tropa de cavallaria que se choça com o fogo extende imediatamente seu reconhecimento á direita e á esquerda e logo manobra.

I — "O Toma Iá"

Uma divisão de infantaria, pertencente a um partido branco (Norte) marcha ao encontro do inimigo. Ella está enquadrada.

Na sua frente, opera seu grupo de reconhecimento divisionario (croquis n. 1). Resultado de razões commandadas pela situação geral, nenhum elemento de cavallaria existe na sua frente de marcha.

O eixo geral da divisão, Nordeste-Sudoeste, passa por Bois des Cars-Bernon — cota 376.

As 6 horas e 30 minutos, quando os elementos avançados do grupo de reconhecimento desembocam de Bois des Cars, recebem tiros de armas automaticas partidos da Tuilerie e do cemiterio de Bernon.

O grosso do esquadrão que, alguns minutos mais tarde, desemboca por sua vez de Bois e das cristas visinhas, recebendo um fogo nutrido, vindo dos mesmos pontos, para ao abrigo duma depressão do terreno a 1500 metros de Bernon.

Duas patrulhas são lançadas, uma sobre a orla Nordeste da villa do outro lado do riacho e outra sobre a quinta Bizot. A primeira, ao atravessar o valle, fica exposta a fogos de enfiada partidos do cemiterio; a segunda é vivamente saudada ao passar ao largo da Tuilerie.

O commandante do grupo de reconhecimento tendo a sensação de que deante delle ha uma força muito séria, resolve permanecer parado e esperar a infantaria para quebrar a resistencia.

As 7 h. 45, a infantaria se apresenta deante de Bernon e Tuilerie. Não podendo desembocar, para igualmente, afim de dar á artilharia o tempo de intervir.

Só ás 9 horas, depois de uma tomada de contacto demorada e difícil, é que ella pôde afinal abordar a villa e estabelecer-se na orla.

O inimigo, do outro lado, não a esperava e se volatilou completamente.

Ora, ficou em seguida sabido que, na chegada do grupo de reconhecimento divisionario, a Tuilerie e o cemiterio estavam ocupados por dois pelotões de cavallaria enquanto que ás 8 horas, no momento em que a infantaria se apresentava, o inimigo havia sido reforçado por um

Mas, deve-se saber interpretar estas informações tirando as deduções, **não as provaveis, e sim as logicas.**

Não as provaveis... As probabilidades devem ser impiedosamente afastadas, porque são quasi sempre frustadas. As consequencias logicas, ao contrario, nunca o são.

Isto leva o chefe a se colocar friamente frente a frente com a sua missão, avaliando os meios, encarando o terreno e escolhendo o processo mais simples, que indubitavelmente será o mais seguro.

3º — Aceleração da execução

A lentidão da execução pode provir de causas varias:

E consequencias de disposições tomadas anteriormente, o chefe não tem seus meios reunidos;

Seu dispositivo, ou sua collocação não lhe permitem passar rapidamente ao ataque;

Perdem-se tempos preciosos a dar, sobre o terreno, ordens longas e acompanhadas de explicações prolixas;

Etc.

Durante a procura da informação, o grossó da tropa ganhará uma posição de espera, escondida o mais perto quanto possível do inimigo. Esta posição será inteiramente desenfiada e apresentará desembocaduras faceis.

O chefe para elle se transporta, por uma marcha de approximação rapida, cuidadosamente dissimulada, com todos os seus meios na mão. Adopta um dispositivo bem articulado, podendo ser instantaneamente orientado para diferentes direcções.

Apenas junto da obra, o chefe coloca sua tropa face a seu novo objectivo, e, esperando as informações, prepara sua entrada em acção.

O estacionamento é rigorosamente coberto e as desembocaduras guardadas.

Deve contar com o factor "surpresa", que dependerá dessa rapidez e da discreção de seus movimentos, e suplantará vantajosamente as disposições sabias e as ordens com muito excesso.

As ordens. — E' admissivel que, de um modo geral, as ordens sejam dadas por escripto até o escalão esquadrão inclusivo.

Não cremos que esta regra seja praticamente applicável no terreno, em uma operação rápida de cavallaria.

Neste caso, as ordens são dadas, em principio, verbalmente a todos os interessados, pelo commandante do regimento ou do destacamento. Um official designado tomará nota dellas, para serem depois passadas a limpo e remettidas aos commandantes de grupo de esquadrões e aos capitães, o mais cedo possível, após o inicio da execução.

Não parece logico levar mais adeante, nestas circumstancias, a cascata de documentos escriptos.

Com o fim de aumentar a rapidez da transmissão, desde que se para os commandantes de $\frac{1}{2}$ regimento e de esquadrões se transportam immediatamente para junto do coronel; os commandantes de pelotões vêm para a testa do seu esquadrão.

As ordens são simples, sem procurar operações complicadas, orientando bem claramente cada um sobre sua missão e sobre o fim geral a attingir, evitando especificar aos sobordinados os detalhes de execução.

Além disto, a manobra, quasi sempre, tenderá a lançar deante do inimigo uma mascara sobre uma frente larga e desferir um golpe violento, rapido e fundo, sobre um ponto desta frente ou numa ala.

Não nos queremos retardar em estudar, em detalhe, a applicação destes principios no caso da acção offensiva que nos referimos acima.

Mencionemos simplesmente que era inutil perder 40 minutos antes da partida, que seríz suficiente ao chefe fazer conduzir, atravez do campo, o regimento para a região de Cail e de se transportar pessoalmente, o mais rapidamente possível, com seus ajudantes e secretario, para junto do commandante do grupo de reconhecimento visionario.

Far-se-ia, além disto, acompanhar de dois officiaes e alguns cavalleiros, e tendo em vista reconhecimentos complementares que poderia ter necessidade de fazer executar para completar eventualmente suas informações.

As 12h.45 chegaria no terreno, tomaria conhecimento da situação e enviaría um graduado ao encontro dos seus esquadrões para os conduzir sem parada até aos declives norte da cota 324.

O regimento estaria no logar do trabalho ás 13h.15 (tendo percorrido 10 kilometros).

Em quanto esperava, o chefe tomaria sua decisão, preparando suas ordens, e muito antes das 14 h. a execução estaria em andamento, ligando-se assim, no tempo, á acção pronunciada ás 13 horas pelas reservas de infantaria.

Emfim, nunca perderemos de vista que a força principal da cavallaria reside na exploração maxima de suas caracteristicas:

A rapidez.

A manobra.

O sentimento de oportunidade.

A surpresa.

Accrescentemos, depois de estudarmos friamente a situação, depois de pesarmos todos os dados do problema, que o chefe de cavallaria deve, ainda, saber usar audaciosamente da sorte.

Porque, na guerra, a sorte é uma ardente senhora que se deixa voluntariamente conquistar. Entrega-se apaixonadamente aos homens de engravidura, vontade forte e equilibrio; ella despreza os timidos e os indecisos.

Mas todos os principios que evocámos serão inteiramente vãos se o chefe deixar degenerar, seja na sua tropa, seja na sua propria attitude, a Rapidez em Agitação.

Filha do golpe de vista e do espirito de decisao, a Rapidez não exclue nem o sangue frio nem a reflexão ordenada.

Sangue frio, reflexão, golpe de vista, previsao e ordenação das idéas, educam-se mantém-se e se aguçam.

A practica d'uma equitação, ao mesmo tempo fina e vigorosa, é um meio poderoso que nos ajuda a manter e aperfeiçoar certas qualidades tão preciosas no momento da acção.

Lei de promoções

PARA OFFICIAES DO EXERCITO

Pelo Cel. BERTHOLDO KLINGER

I. — De que se trata? Vae para os seus quarenta annos a antiguidade do decreto (n. 1351, de 7 de fevereiro de 1891) que rege o mecanismo do acesso nos quadros dos officiaes do nosso Exercito.

Bastaria esta simples consideração, a eloquencia concludente desse numero, para convencer da necessidade duma revisão; o paulatino envelhecimento desse dispositivo tem impedido que seus annos impressionem, assim como o habito dos males tanto tempo causados pela sua applicação tem embotado a sensação desse chronicó effeito pernicioso.

O problema tem ocupado os directores e collaboradores desta revista, desde seus primeiros dias; numerosos são os artigos que a respeito se encontram na sua já volumosa collecção.

Um dia esse incessante martellar logrou que lhe abrissem a porta, a tomar conhecimento do que queria: o governo nomeou uma comissão, sob a presidencia do chefe do E. M. E., para organizar um projecto de nova lei de promoções, e, recebido este, o submetteu ao Congresso; isso foi nos fins do anno de 1920.

Pareceu nesse dia, finalmente, attingida a méta das aspirações. Nove annos, porém, são passados sem resultado. Após os primeiros momentos de espectativa calma, vendo a porta novamente fechada, "A DEFESA NACIONAL", viu-se forçada a bater de novo, sem cessar.

Não lhe dôa o braço!

II. — Antecedentes. Velhas verdades. A primeira oportunidade que A DEFESA NACIONAL teve para debater a questão duma "Nova lei de promoções para o Exercito" está registrada num longo commentario, sob essa epigraphe, no seu n. 11, de agosto de 1914, pag. 342, referente a um projecto de lei apresentado á Camara pelo falecido deputado pernambucano capitão Augusto do Amaral. Dir-se-iam escritos agora mesmo os seguintes trechos desse commentario:

Além disto, mais que nunca, para cumprir as nossas diferentes missões, apezar do fogo das armas automáticas, cada vez mais numerosas, cada vez mais possantes, apezar da intervenção dos engenhos blindados, teremos de tirar partido com o mínimo de esforço, da flexibilidade, da agilidade e da resistência desse admirável instrumento que é o cavalo.

Permaneçamos, pois, cavalleiros até o amanhecer de nossa alma.

Mas, imbuamo-nos bem duma verdade que parece, ainda indegesta a muitos cerebros e que, entretanto, não soffre mais contestação: é que o **movimento**, que permanece e permanecerá sempre a essencia da nossa arma, leval-a á sempre, salvo em casos muitos particulares, a uma accão pelo fogo.

"Ha muito que a nossa lei de promoções requer uma criteriosa revisão, por meio da qual se estreitem mais as malhas ao favoritismo e, para o julgamento dos officiaes candidatos ás promoções de todos os postos, offereça uma base séria, de resultados insophismáveis, que assegure a justiça das promoções, estimule o amor á profissão e a todos deixe tranquillos quanto ao exito do aulicismo maneiroso e cupido". ... "O projecto é um estímulo aos militares para que se dediquem com mais ardor ao exercicio das suas funções, ao estudo das coisas da profissão, na certeza de que o seu esforço obscuro e ingente não será perdido; e de que a cultura profissional adquirida, que os torna aptos para o commando da tropa, mas que lhes não dá esse brilho de lantoulas que os salões requerem, e tão de feito são para impressionar os nossos homens, será bem aquilatada, e o premio aos incompetentes — mas bem apadrinhados — não lhes humilhará o merito". ... "Mesmo para a promoção por antiguidade, é preciso, em todos os postos, que o oficial dê provas de se achar em condições de bem desempenhar as funções do posto que ocupa e de ter capacidade para o posto que vae ocupar. Nem outra coisa é o que se faz nos paizes de exercitos bem organizados. A simples casualidade de attingir o oficial o numero um da escala não o pôde habilitar no desempenho de funções mais arduas, se elle não se dedicou a cumprir os seus deveres no posto que occupa e não cuidou cedo de se preparar para o posto immediato". ... "A promoção por antiguidade é para os que cumprem as suas obrigações, des-

Desde a simples patrulha, que quando não pode mais continuar seu reconhecimento a cavalo, apeia e faz progredir seus esclarecedores, sob a protecção do seu F. M., até a divisão que explora a fundo sua capacidade de movimento para cahir, instantaneamente sobre um ponto sensivel, com a brutalidade de seus fogos e a violencia de seu ataque a pé, é sempre a mesma inevitável lei que rege a nossa acção em ultima analyse.

Oh! Si nos fôr dado algum dia partirmos para a luta, o sabre em punho e a espada no flanco, saberemos tirar a revanche da occasião perdida em 1918.

Este será, entretanto, o ultimo acto do drama. Predaremolo mas preparemos tambem, sobretudo, os primeiros.

empenham a contento as funções do posto e se acham habilitados a desempenhar as funções do posto immediato. A promoção por merecimento é para os que, além disso, se distinguem por um esforço maior e mais efficaz, por qualidades superiores, por uma produção acima de seus deveres, enfim, para os que mostram aptidões acima de seu posto e que convém fazel-os attingir ainda moços os postos mais elevados".

Completa esse estudo uma longa noticia sobre o sistema das promoções no exercito argentino. Este ultimo objecto mereceu projecto exame do então coronel Tasso Fragoso, publicado no n.º 37 desta revista, outubro de 1916, sob a epigraphe "A nova lei de promoções do exercito argentino".

Começa elle assim:

"Quando se conhece bem a estrutura organica de um exercito, verifica-se, ao mais leve exame, que seu funcionamento não se poderia operar de modo normal se elle não dispusesse de um quadro de officiaes (generaes, superiores, subalternos e inferiores) capaz, pelas suas qualidades intrinsecas, de assegurar-lhe uma vida continua e livre de graves perturbações. O corpo de officiaes representa o arcabouço da instituição, equivale ao conjunto das paredes mestras de um grande edificio, a que se prendem e deante das quaes se tornam secundarias todas as obras interiores e de carácter complementar".

Do mesmo trabalho trasladamos ainda, por preferencia, os seguintes passos de mais marcada actualidade:

"Comprehende-se, pois,... todo o empenho desenvolvido pelas diferentes nações no sentido de disporem sempre de um bom quadro de officiaes para seus respectivos exercitos.

A obtenção desse quadro presupõe dois problemas:

1º — A criação adequada do official (na escola e no seio da tropa).

2º — A renovação do quadro, isto é, regras criteriosas para a promoção.

Quanto ao preenchimento dos postos vacantes, variam os preceitos e opiniões". ... "Investigando bem o problema, sem pôr nelle o minimo laivo de preocupação interesseira, somos obrigados a confessar que o merecimento deveria ser o factor exclusivo de acesso, quer dizer não se deveria ascender nenhum individuo incapaz para o novo posto e dever-se-iam eliminar, desapiedadamente, todos quantos não mais fossem uteis á instituição". ... "Um primeiro passo para a solução das dificuldades inherentes á questão é a formulação de regras precisas para o ac-

esso; cumpre definir bem o merecimento, prescrever tempo mínimo de serviço no seio da tropa, e ordenar que todos os superiores apreciem por escrito as qualidades do oficial. Ninguem pode conhecer melhor o valor de um sobordinado do que o chefe sob cujas ordens immediatas elle serve. Os outros superiores hierarchicos poderão conhecê-lo indirectamente, ou por contactos diretos accidentais, mas o que o tem sob suas ordens todos os dias está mais apto que qualquer outro para saber qual o modo por que elle se desobriga de seus deveres". ... "Entre nós existe a promoção por merecimento, mas definido de modo tão vago que é difícil negá-lo ao candidato menos favorecido".

Seis meses depois do mencionado commentario sobre o projecto Augusto do Amaral, a redacção da A DEFESA NACIONAL retomou o assumpto mais solennemente, fazendo delle objecto de seu editorial do n.º 17, fevereiro de 1915. Ainda não seccou a tinta com que foram escriptos os seguintes topicos desse "Editorial":

"A revisão da lei de promoções é hoje uma idéa vencedora no seio do Exercito, e precisa ser objectivada em facto.

Ella synthetiza as aspirações legitimas dos que desejam ver um regimen de justiça substituir o arbitrio pessoal e o favoritismo, que maculam hoje as promoções por merecimento, confundindo nas mesmas suspeitas officiaes dignos e cheios de serviços com simples afilhados". ... "O Sr. Ministro da Guera, na sua proclamação de 1º de janeiro, lançou um appello vehemente e sincero aos officiaes do Exercito para que se dediquem á actividade puramente militar e não malbaratem dispersivamente os seus esforços em coisas alheias á profissão". ... "Não se pode esperar que os officiaes consagrem as suas energias ao estudo da profissão, entregando-se com dedicação e prazer aos seus arduos deveres na tropa, se elles não souberem que seu trabalho não é desdenhado por seus superiores, seus serviços não são desmerecidos pelos que promovem os accessos por merecimento, e que seu mérito não é humilhado com a promoção de protegidos sem valor de especie alguma.

Seria desconhecer a natureza humana e a acção dissolvente que a *injustiça* e o *favoritismo* exercem sobre os que se vêem lesados ostensivamente em seus direitos, querer que os officiaes se lancem com ardor ao cumprimento de seus deveres, sabendo de antemão que não é este o meio mais seguro de subir na hierarchia".

O leitor desejoso de conhecer ou de rememorar as outras principaes contribuições para so-

lução do problema em fóco archivadas nas páginas desta revista encontrará os seguintes trabalhos na collecção da mesma:

"O problema da promoção", considerações geraes e base duma lei, por R. VILLA-NOVA MACHADO, n. 48, setembro de 1917, pag. 418;

"Projecto de lei de quadros e promoções", resumo e complemento de trabalhos de diversos autores publicados nesta revista; pelo cap. KLINGER e o 1º ten. LEITÃO DE CARVALHO, n. 62, novembro de 1918, pag. 58;

"Projecto de uma lei de quadros, promoções, reformas e demissões do exercito activo", pelo 1º ten. DALTRÔ Fº, n. 67, abril de 1919, pag. 235;

"Lei de promoções para officiaes do Exercito", projecto apresentado pela commissão presidida pelo chefe do E. M. E., n. 89, novembro de 1920, pag. 155; no mesmo n., á pagina 170, está o relatorio com que essa commissão apresentou o projecto; e no "Editorial" do numero immediato a redacção da revista fixou uma sua apreciação doutrinaria sobre o projecto, na qual se singulariza o verdadeiro conceito sobre "Como devem ser encarados os cursos de revisão e de aperfeiçoamento, sob o ponto de vista de sua utilidade pessoal e directa para os officiaes, geral e mediata, consequente, para o Exercito".

III. — Uma solução. Desejoso de offerecer, mais uma vez, uma contribuição para solucionamento desse problema, tomei por ponto de partida o referido projecto official, publicado no n. 89 desta revista. A procedencia ou autoria desse trabalho justifica sobejamente o criterio que assim adoptei.

Onde foi possível copiei esse projecto, ao pé da letra.

Além de alterações de menor pôrte, sugiro no meu projecto algumas de vulto mais evidente, que, como aquellas, a meu ver se justificam *per se* e que visam:

a) Estabelecer para o 1º posto e para o 2º, além dum razoável interstício minímo, como é usual, também um interstício maxímo, o qual atingido dê lugar ao acesso, independente de vaga, desde que o oficial preencha os demais requisitos. Igual garantia estendo ao posto de capitão, porém sómente quando este possua o curso de estado maior e haja demonstrado aptidão no respectivo serviço.

b) Assegurar uma renovação razoável nos mais altos postos (coroneis e generaes) — com implicita repercussão nos outros — por meio de limites máximos de tempo de serviço nos mesmos, independente da edade.

c) Estabelecer até certo grão uma equiparação de carreira nas diferentes armas. O mal que existe dá o carácter de loteria à escolha de arma pelo cadete; em todo caso em geral falseia a livre escolha. Pareceu-me consultar suficientemente às justas aspirações o assegurar essa equiparação até o posto de major inclusive.

d) Corrigir a iniquidade que tem feito do Exercito o paraíso das classes annexas. Em princípio, os officiaes não combatentes não devem fazer carreira mais rápida que os combatentes,

e) Fornecer á commissão de promoções elementos de julgamento dos capitães e officiaes superiores, por meio do conceito de seus chefes imediatos; e corrigir o iníquo predominio do RIO DE JANEIRO na composição e nas decisões da commissão de promoções, assegurando igual representação á "província".

IV. — PROJECTO DE LEI DE PROMOÇÕES

(Substitue o decreto n. 1351, de 7 de fevereiro de 1891)

CAPITULO I

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 1º — O acesso aos postos de officiaes dos diferentes quadros (armas e serviços) do Exercito será gradual e sucessivo, desde 2º tenente até marechal.

§ 1º — Os postos de officiaes são, em ordem ascendente: 2º tenente, 1º tenente, capitão, major, tenente-coronel, coronel, general de brigada, general de divisão, marechal; restrictos, porém, em cada quadro aos que a lei respectivamente fixar.

§ 2º — Em tempo de paz não haverá promoção ao posto de marechal.

Art. 2º — A promoção ao primeiro posto obedecerá á ordem de classificação intellectual, obtida pelos candidatos nos cursos escolares para este fim mantidos pelo Ministerio da Guerra, ou, na falta destes, em concursos regulados para o recrutamento de officiaes.

Art. 3º — A promoção ao primeiro posto de official nos quadros das armas (infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia, aviação) exige os seguintes requisitos:

a) curso da arma;

b) seis meses de serviço num corpo da mesma, após a terminação do curso;

c) irreprehensível conducta e vocação profissional, reconhecidos em julgamento por, pelo menos, dois terços dos officiaes do corpo.

§ 1º — A promoção ao primeiro posto de official intendente exige os mesmos requisitos estabelecidos no art. precedente.

§ 2º — A promoção ao primeiro posto de official de saúde (medico, pharmaceutico, veterinario) exige os seguintes requisitos:

a) ser o candidato reservista de 1º ou 2º categoria;

b) habilitar-se em concurso, pela forma regulada, ou ter o curso de escola especialmente mantida para seu recrutamento.

Art. 4º — O julgamento de que trata a alinea c do art. 3º será feito em sessão secreta de todos os officiaes combatentes presentes no corpo, da qual se lavrará uma acta, que será remettida á commissão de promoções e cujo resultado será, se necessário, comunicado telegraphicamente ao presidente da mesma, afim de evitar qualquer retardamento. O numero de officiaes julgadores não pode ser inferior a quatro, o que o governo levará em conta para a distribuição dos aspirantes pelos corpos.

§ unico — Caso seja desfavorável o julgamento de que trata o § precedente, servirá elle

de base á nomeação de um Conselho de Justiça, salvo se o aspirante a official preferir sua baixa, a qual lhe será imediatamente concedida pelo commandante do corpo, mediante requerimento ao Ministro da Guerra. Tal Conselho observará o que a respeito dessa especie estabelece o Código de Justiça Militar.

Art. 5º — As promoções obedecerão aos seguintes principios:

- a) antiguidade;
- b) merecimento;
- c) bravura.

§ unico — As promoções nos differentes postos serão feitas:

a) De 2º ten. a 1º ten. e deste posto ao de capitão — por antiguidade;

b) De capitão a major — 1/2 das vagas por antiguidade e 1/2 por merecimento;

c) De major a ten. cel. e deste posto ao de coronel — 1/2 das vagas por antiguidade e metade por merecimento;

d) De coronel a general de brigada, deste posto ao de general de divisão e deste ao de marechal — escolha do Presidente da Republica, unicamente por merecimento.

Art. 6º — Em tempo de paz serão observados os seguintes interstícios de posto, sem prejuizo dos demais requisitos:

a) Nenhum 2º ten. será promovido a 1º ten. antes de dois annos de posto, em serviço no corpo. (Para o serviço de saúde este interstício será de seis mezes).

A) Com cinco annos de posto o 2º ten. será promovido a 1º ten., independente de vaga.

b) Nenhum 1º ten. será promovido a cap. antes de ter cinco annos de official, sendo tres no corpo.

B) Com doze annos de official o 1º ten. será promovido a cap., independente de vaga.

c) Nenhum cap. será promovido a major antes de dois annos de posto e dois annos de proveitoso commando de sub-unidade (no posto ou como 1º ten., não computados os periodos inferiores a tres mezes consecutivos).

C) Com vinte annos de official o cap. habilitado com o curso de estado-maior e havendo demonstrado aptidão para este serviço, será promovido a major, independente de vaga.

d) Nenhum major será promovido a ten. cel. e nenhum ten. cel. a coronel antes de dois annos de posto, sendo que para o de coronel se exigirá ainda pelo menos dois annos de função de official superior no corpo.

e) Nenhum coronel combatente será promovido a general de brigada sem ter pelo menos tres annos de serviço em corpo como official superior, sendo dois pelo menos de commando.

f) Nenhum general de brigada será promovido a general de divisão antes de quatro annos de posto.

g) Para a promoção a marechal não é necessário interstício.

§ 1º — Em tempo de guerra poderá o governo reduzir os interstícios, como medida geral ou excepcional, em qualquer caso justificando seu acto.

§ 2º — As promoções realizadas independente de vaga, por effeito do que o presente art. estabelece, deverão absorver as vagas subsequentes, desde que não ocorra incompatibilidade com outro dispositivo desta lei. Caso essa absorção não se consumma dentro de dois annos, o governo a determinará mediante o necessário numero de eliminações dos officiaes de maior tempo de officialato, repartido o numero igualmente entre os postos superiores áquelle em que subsista o excesso.

Art. 7º — Como meio subsidiario para normalidade na renovação dos quadros estabelece-se o seguinte:

a) O numero de generaes de brigada procedentes das armas de infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia deve ser approximadamente proporcional ao total dos officiaes dos seis postos precedentes existentes no quadro de cada uma dellas. (1)

b) Para os generaes de divisão o governo fará a escolha sem cogitar da proporção entre as armas de procedencia, porém cada vez que chegar a doze o numero de promoções de generaes de divisão proceder-se-á a uma verificação sobre a proporção das procedencias; caso não esteja observada a mesma proporção indicada na letra a, ella será então restabelecida dentro de dois annos e se ainda assim, pelas vagas normaes, isso não fôr conseguido terá logar a eliminação do necessário numero de generaes de brigada e de divisão, em partes iguaes, nas armas desfavorecidas, escolhidos dentre os de maior tempo de officialato.

c) Passarão para a reserva, mesmo que não tenham attingido o limite de edade para o serviço activo:

— o general de divisão que completar dez annos de posto ou quinze de general;

— o general de brigada que completar dez annos nesse posto;

— o coronel que completar doze annos de serviço neste posto e no de tenente coronel, sommados.

§ unico — O coronel que em vista da disposição supra tenha que passar para a reserva será nesse mesmo acto promovido a general se preencher as demais condições desta lei e achar-se pelo menos a seis mezes em satisfatorio exercicio de função de general.

Art. 8º — Ainda como meio subsidiario para compensar em parte grandes disparidades de carreira entre os diferentes quadros combatentes e entre estes e os dos serviços estabelece-se o seguinte:

a) Até ao posto de major inclusive, quando numa arma ou num serviço a maioria duma turma de officiaes da mesma data de primeiro posto attingir a posto mais alto, serão promovidos.

(1) Pela organização vigente os respectivos efectivos são de 1547, 625, 1183, 283; são pois 24 gen. bda. para 150 desses outros postos; devem ser pois, por arma: 10 (da infantaria), 4 (da C.), 3 (da A.) e 2 (da E.). As procedencias dos actuaes gen. bda. assim estão distribuídas: 11, 2, 8 e 3; como se vê, casualmente a diferença não é grande, pois apenas a cavallaria está prejudicada em dois, que procederam respectivamente da infantaria e da engenharia.

vidos a esse mesmo posto os officiaes que ainda não o tenham attingido sendo, entretanto, da mesma referida turma e possuindo os mesmos cursos que aquelles (ou outros mais) com as mesmas notas (ou melhores). Considerar-se-á attingida a maioria logo que comece a ser promovida a segunda metade da turma na arma favorecida. No posto de major só se contam para essa determinação os mais antigos de primeiro posto.

b) Nos quadros dos serviços (não combatentes) o official não terá acesso enquanto não começarem a tel-o, ao mesmo posto, os combatentes da mesma antiguidade de oficialato.

Art. 9º — Em tempo de paz as datas de promoções serão as seguintes:

a) para general — qualquer data;
b) para official superior — 21 de abril, 25 de agosto e 25 de dezembro;

c) para capitães e tenentes — 24 de fevereiro, 21 de abril, 24 de junho, 25 de agosto, 12 de outubro e 25 de dezembro.

§ 1º — Mesmo que haja impedimento para observância dessas datas, as promoções correspondentes serão designadas e contadas por elles.

§ 2º — Não passará para a reserva por limite de idade o official que o attinja num intervallo dessas datas, desde que nessa occasião haja vaga e elle possua os requisitos para promoção por antiguidade; poderá igualmente ser promovido por merecimento se estiver devidamente qualificado.

§ 3º — O official que, com direito á promoção, houver falecido antes da realização desta será, não obstante, elevado ao posto superior, para que seus herdeiros recebam as vantagens correspondentes.

§ 4º — A promoção ao primeiro posto será averbada como do dia em que se completarem os seis meses de que trata a aliena b do art. 3º.

Art. 10º — Não havendo officiaes em numero suficiente com os requisitos de promoção para as vagas de um posto, ficarão abertas as que se não possam por isso preencher, mas terão lugar as promoções que deveriam decorrer para os postos inferiores, como se não ocorresse tal deficiencia.

CAPITULO II

PROMOÇÃO POR ANTIGUIDADE

Art. 11º — A antiguidade é um titulo á promoção e não direito irrecusável ao acesso.

§ 1º — Para que o official possa ser promovido por antiguidade é necessário que no posto em que se encontra:

a) Não tenha nota que desabone sua conducta civil e militar;

b) Tenha capacidade para exercicio do novo posto;

c) Tenha o interstício e o tempo de serviço do corpo que a presente lei estabelece.

§ 2º — A exigencia do serviço de corpo será dispensada:

a) Ao official que exercer mandato popular;

b) Ao officia' dos quadros technicos;

c) Ao official dos quadros de saude e de intendencia dos postos para os quaes não haja funcções em corpo.

Art. 12º — O official que não satisfizer a condição da alinea a do § 1º do art. precedente será transferido para a reserva ao cabo de trinta dias após a sua preterição, caso não requeira nesse prazo um Conselho de Justificação. Será igualmente transferido se o resultado do Conselho lhe fôr desfavoravel. Regula-se esse Conselho pelo C. J. M.

§ unico — O official que ao attingir a antiguidade para a promoção não satisfizer os requisitos b e c do mesmo art. será promovido logo que os satisfaça e retomará o logar que lhe competia se não tivesse sido preterido.

Art. 13º — A antiguidade para promoção é contada pelo tempo de effectivo serviço no exercito.

§ 1º — Não se descontam da antiguidade os seguintes tempos:

a) O do official em gozo de licença para tratamento ou restabelecimento de ferimentos recebidos em combate ou desastre ocorrido em acto de serviço;

b) O do official em gozo de licença ou férias na forma das leis especiaes que assim o estableçam;

c) O tempo de exercicio de mandato popular;

d) O tempo de commissão de immediata confiança do Presidente da Republica;

e) O tempo de cumprimento de sentença, desde que o official alcance final absolvição.

§ 2º — No caso de deserção, elementar do crime ou constitutiva, o official desconta o tempo de ausencia ainda que venha a ser absolvido, salvo se a ausencia tiver ocorrido por extravio ou aprisionamento.

§ 3º — A simples pronuncia do official em nada affecta os seus direitos de promoção.

Art. 14º — Para as promoções por motivo de interstício maximo de posto, conforme estabelece a presente lei, procede-se como se se tratasse de promoções por antiguidade.

CAPITULO III

PROMOÇÃO POR MERECIMENTO

Art. 15º — Constitue merecimento para a promoção possuir o candidato em grau notável, além dos requisitos para promoção por antiguidade: Subordinação e disciplina; valor; intelligencia e illustração comprovada; zelo e assiduidade no serviço; bons serviços prestados na paz e na guerra.

§ 1º — Estes titulos de promoção devem ser computados não pela simples menção dos respectivos vocabulos, mas pelos esclarecimentos correlatos justificativos da expressão numerica em que se traduzem.

§ 2º — O julgamento em cada um desses titulos de merecimento se traduz, afinal, num numero inteiro, de zero a dez.

§ 3º — E' excluido da promoção por merecimento o official que obtiver em qualquer desses titulos média inferior a cinco e média geral inferior a seis.

Art. 16º — Para julgamento do official sob esses titulos observar-se-á o seguinte:

a) A *subordinação e disciplina* dependerão não só das alterações favoráveis ou desfavoráveis, mas da natureza, origem e frequência delas.

b) O *valor* será considerado não por actos isolados de bravura ou simples exemplos dados, porém como resultante de uma acção militar útil em que o oficial tenha sabido transmittir á tropa que commandava o sentimento 'do dever imposto pela situação'.

c) A *intelligencia* será computada pelos actos de serviço, especialmente de iniciativa, profissionalmente uteis.

d) A *ilustração comprovada* será como tal considerada para os officiaes que tiverem os cursos respectivos, especialmente para os que tiverem o curso de estado maior, e tambem para os que tenham publicado trabalhos oficialmente reconhecidos uteis para o Exercito, reconhecimento este que deve ser declarado pelo E. M. E.

e) O *zelo* será revelado pela dedicação, espirito e empenho com que o official se tenha havido nos diferentes serviços prestados.

f) A *assiduidade* será medida directamente pelo tempo que o official consagrou á sua função militar, isto é, pelo tempo de serviço na forma que a presente lei estabelece para a contagem da antiguidade.

g) Os *bons serviços* prestados na paz e na guerra serão encarados sob o aspecto do numero de incumbencias e acções importantes em que se tenha envolvido o official, com revelação do pleno conhecimento dos seus deveres militares.

Art. 17º — Para as promoções de coroneis a generaes e para as de generaes proceder-se-á como se se tratasse de promoções por merecimento, attendidas as respectivas disposições especiais da presente lei.

CAPITULO IV

PROMOÇÃO POR BRAVURA

Art. 18º — A bravura constitue motivo para a promoção quando manifestada em acto ou actos de coragem e audacia uteis ás operações militares, quer em relação aos seus efeitos imediatos, quer em relação ao exemplo dado á tropa.

§ 1º — A bravura assim caracterizada poderá determinar promoção, mesmo que da acção resulte a morte do bravo.

§ 2º — No caso de guerra externa a promoção por bravura só poderá ser feita pelo commando em chefe das forças em operações; no caso de luta interna só pelo Presidente da Republica, mediante informações do mesmo commando. Em qualquer dos dois casos a promoção por bravura não é obrigatoria, só as autoridades referidas podem completar o julgamento da acção determinante e conveniencia de tal medida. De qualquer modo a promoção por bravura só será cabível enquanto durar a campanha, com a restrição do que estabelece o § 3º e o art. 19º e seu §.

§ 3º — A promoção por bravura só poderá ser applicada quando o official preeencher os requisitos a e b do § 1º do art. 11º.

Art. 19º — Nenhuma praça de pret poderá ser promovida a 2º tenente por acto ou actos de bravura senão depois de habilitada com o curso da arma. A bravura praticada pela praça de

pret á qual se reconheça tal titulo para aspirar ao officialato terá como consequencia sua matrícula na Escola Militar, afim de tirar o curso, na forma do respectivo regulamento; tal praça terá os vencimentos de sargento-ajudante, mesmo como alumno. Terminado o curso, terá lugar a promoção a 2º tenente, contando antiguidade da data da bravura.

§ unico — Caso a praça não possa ser matriculada na Escola Militar em vista de exigências regulamentares essenciaes, ou caso não consiga tirar o curso, será promovida a 2º tenente para a reserva, com todos os vencimentos deste posto.

CAPITULO V

PREPARAÇÃO DAS PROMOÇÕES

Art. 20º — Para apurar os requisitos de acesso dos officiaes pelo principio de merecimento (capitães, majorés e tenentes coroneis) e, sob esse ponto de vista, proceder á sua classificação relativa limitada, haverá commissões especiaes, denominadas "de qualificação" (C. Q.); para proceder á mesma qualificação geral por arma ou serviço e assim organizar o respectivo "quadro de acesso" haverá uma commissão superior especial, denominada "de promoções" (C. P.).

§ unico — A' C. P. compete, outrossim, organizar as *propostas de promoção por antiguidade* e a *lista dos coroneis aptos para o generalato*.

Art. 21º — Haverá commissões de qualificação em cada Região Militar, bem como na Circumscripção Militar e no Distrito de Artilharia de Costa, em cada Directoria de Serviço (Engenharia, Material Bellico, Intendencia, Saude), no Departamento do Pessoal da Guerra e no E. M. E.

§ 1º — Em cada um destes escalões as C. Q. se distinguirão:

a) por arma e quadro de serviço (S. S., S. I.);

b) por postos, sendo em cada uma das categorias discriminadas na alínea a uma C. Q. para os capitães e outra para os maj. e ten. cel.

§ 2º — As C. Q. dos capitães tem por presidente um ten. cel. ou cel. da arma ou serviço, nomeado pelo chefe do escalão (Região, &) e a dos maj. e ten. cel. é presidida pelo proprio chefe do escalão.

§ 3º — Completam as C. Q. de cap. dois officiaes superiores, tambem da arma ou serviço, nomeados pelo chefe do escalão, sob proposta do presidente; as C. Q. de maj. e ten. cel. são completadas por dois coroneis nomeados pelo chefe do escalão.

§ 4º — A nomeação dessas C. Q. deve ter lugar a tempo de se reunirem na primeira semana de junho, no local de serviço do respectivo presidente ou, se o chefe do escalão julgar mais conveniente, na séde desta chefia (Q. G. da Região, &).

§ 5º — O trabalho das commissões de qualificação deve terminar até o ultimo dia útil de junho e ser remetido com o resultado e o material que lhe serviu de base ao commando da Região, o qual como o seu parecer o expede dentro de duas semanas á C. P.

Art. 22º — A qualificação a que procede preparatorias, a que devem comparecer pelo cada uma das C. Q. abrange todos os respectivos menos cinco membros. O objecto dessas sessões officiaes da Região, &, com mais de doze meses preparatorias é confrontar, ajustar e rever as de posto ou que até 30 de junho completem esse qualificações parciaes e, em conclusão, organizar tempo.

§ unico — A qualificação a proceder pelas Directorias, D. G., e E. M. E. abrange sómente os officiaes que não se achem em serviço nas Regiões, ou na Circ. Mil. ou no D. A. C. e especialmente á C. Q. do D. G. compete a classificação de todos aqueles officiaes que se não achem em nenhum dos outros escalões.

Art. 23º — A qualificação dos officiaes tem lugar á vista dos seguintes elementos:

- a) fé de officio;
- b) folha de informações officiaes;
- c) folha de informações particulares;
- d) folha de conceito individual dos membros da comissão de qualificação.

§ 1º — A fé de officio do official é organizada no corpo, repartição &, encerrada no fim de abril e logo remettida ao comando da Região, &, a qual faz a entrega á C. Q. interessada. Desempenhada a sua função ahi, a fé de officio segue para o D. G., para ser ahi controlada, eventualmente corrigida e completada; feito isso é submettida á C. P., que terminados os seus trabalhos a restitue ao D. G., que por sua vez, a envia ao corpo ou repartição onde estiver o official, afim de, convenientemente posta em dia, servir na nova qualificação.

§ 2º — A folha de informações officiaes é organizada annualmente, no começo do mez de maio, no corpo ou repartição, &, a começar pelo chefe immediato do official. E' logo remettida ao commando da Região, & o qual a encaminha á C. Q. O commando do corpo, & dá conhecimento da respectiva folha a cada official.

§ 3º — A folha de informações particulares é um elemento eventual fornecido pelo proprio official e encaminhada pelos mesmos trâmites da folha de informações officiaes, quando estas não lhe satisfaçam por qualquer motivo.

§ 4º — A folha de conceito individual dos membros da comissão de qualificação, não obstante a sua denominação, pôde ser collectiva quando dois ou mais membros formem o mesmo conceito. Ela exprime o julgamento feito pelo signatario, sobre cada um dos tres outros elementos de cada official; quando houver divergência sobre b e c isso deverá ser succinctamente justificado.

Art. 24º — A C. P. é presidida pelo chefe do E. M. E., com voto, e comprehende todos os cmt. de Regiões, o do D. A. C. e o da Circ. Mil. Além destes figuram nella para qualificação final dos officiaes do respectivo quadro os Directores da Saude, da Intendencia e da Aviação.

§ 1º — A requerimento de qualquer dos membros da C. P. e approvação pela maioria poderá ser chamado para prestar esclarecimentos qualquer general que seja ou tenha sido chefe do official em causa.

§ 2º — O chefe do D. C. é o secretario geral da C. P. e para cada uma das armas e serviços serve de sub-secretario o chefe da respectiva divisão do D. G.

Art. 25º — Na segunda quinzena de julho o presidente da C. P., de posse de todas as qualificações regionaes, &, reune a C. P., em sessões

preparatorias, a que devem comparecer pelo menos cinco membros. O objecto dessas sessões preparatorias é confrontar, ajustar e rever as qualificações parciaes e, em conclusão, organizar o "projecto dô quadro de accesso". Este não comprehende os que não obtiverem á nota necessaria (art. 15 § 3º) e é publicado no Boletim do Exercito, numero especial, reservado, na primeira quinzena de agosto.

§ 1º — Publicado o projecto podem os interessados remetter á C. P. as ponderações ou informações que lhes pareçam cabíveis. Serão recebidas até o ultimo dia util da primeira quinzena de Setembro.

§ 2º — No mez de outubro a C. P., completa, faz o trabalho final de qualificação e remette ao Ministro o resultante "quadro de accesso". Este será tambem publicado no Boletim do Exercito, numero especial reservado, contendo a justificação succinta das alterações introduzidas no "projecto".

Na mesma occasião, terminada a organização dos quadros de accesso, será organizada a lista dos coronéis aptos para o generalato, segundo o mesmo processo da qualificação dos capitães, maiores e ten. cel. O quadro de accesso e a lista vigorarão por um anno, a contar da promoção de 25 de dezembro inclusive.

Art. 26º — Para as propostas de promoção por antiguidade a C. P. pôde funcionar com tres membros apenas e se reunirá sempre que fôr necessário.

§ 1º — Recebida pela C. P. a notificação das vagas a preencher por antiguidade, ella se reune dentro de quatro dias uteis e em sessões pelo menos duas por semana procede ao necessário estudo para apresentar a proposta ao Ministro.

§ 2º — Para esse trabalho a C. P. utilizará as relações de alterações trimestraes dos officiaes. Afim de que elles preencham esse fim, dispensando documento especial, fica estabelecido que, como fecho das mesmas, os chefes se pronunciam sobre os requisitos b e o do § 1º do art. 11º.

Art. 27º — Para que os elementos de que trata o art. 23º se traduzam na qualificação do official, não só para cada um delles como também para os diversos requisitos de que cada um é a synthese, o respectivo julgamento é feito separadamente e em gráos. A qualificação final resulta da média arithmetica dos gráos dos elementos, assim como o gráo de cada um destes é obtido pela média arithmetica dos gráos atribuidos a cada um dos requisitos componentes.

§ 1º — Os julgamentos em todas as instâncias são expressos em numero inteiro, mas na determinação das médias não se despresam as frações, excepto no trabalho final da C. P.: esta simplifica as médias finaes fraccionarias despresando os centesimos, com erro para mais ou para menos inferior a meio decimo.

§ 2º — Do que dispõe o § precedente resulta que no quadro de accesso os officiaes constituirão grupos sob o mesmo gráo, inteiro ou em decimos: os de cada grupo são considerados de merecimento equivalente e na relação respectiva o criterio da successão será o da antiguidade de officialato.

§ 3º — Para as promoções por merecimento não haverá propostas parceladas da C. P.: o quadro de acesso é a sua proposta unica para todo o anno. O Governo, respeitando a exigencia do intersticio minimo, fará as promoções na ordem do quadro de acesso, com a livre escolha dentro do grupo cujo grão esteja na vez.

Art. 28º — Os grãos para os diversos elementos são dados nas seguintes instancias:

a) Para a fé de officio — em primeiro lugar pela C. Q., em segundo (só para os cap.) pelo cmt. da Região, & e em ultimo pela C. P.

b) Para a folha de informações officiaes — em primeiro lugar pelo chefe immediato que originariamente a organiza, e successivamente por todos os demais chefes, pela C. Q. e pela C. P.

c) Para folha de informações particulares procede-se como estabelece a letra precedente e para as folhas de conceito individual das commissões só intervém os membros destas.

§ 1º — Todo chefe exercerá com o maximo criterio essa grave função de julgar das qualidades e serviços dos officiaes e deixará de fazel-o quando não tiver base suficiente, declarando-o então na folha.

§ 2º — As folhas de informações officiaes começam a ser organizadas desde a data da promoção a capitão e prosseguem até o posto de coronel inclusive. Em cada qualificação serão confrontadas as folhas de informações dos tres ultimos annos.

Art. 29º — Para a lista de coroneis das armas aptos para o generalato só são considerados aquelles que tenham o curso de estatodamaior.

CAPITULO VI REGIMENTOS INTERNOS E MODELOS

Art. 30º — O chefe do E. M. E. fará organizar os regimentos internos e modelos, bem como as respectivas instruções complementares, necessarios para applicação da presente lei; a saber:

a) Regimento interno da C. P.;
b) Id. id. das C. Q.;

c) Revisão das disposições sobre participação de alterações trimestraes dos officiaes, seu aproveitamento para registro na fé de officio e utilização pela C. P.;

d) Modelo de folha de informações officiaes annuaes e instruções para sua escripturação e emprego; indicações sobre as folhas de informações particulares;

e) Modelo de folha de conceito individual a emitir pelos membros das C. Q. e da C. P.;

f) Modelo de actas de sessão das C. Q. e da C. P.;

g) Modelo de quadro de acesso, de projecto do mesmo (art. 25º) e de qualificação regional, &;

h) Modelo de lista de coroneis aptos para o generalato;

i) Modelo de proposta de promoção por antiguidade.

§ 1º — O chefe do E. M. E. para este serviço nomeará uma ou mais commissões, com a composição a seu criterio, porém presididas por membros da C. P.

§ 2º — Organizados esses diversos trabalhos parciaes, o presidente da C. P. os submetterá á approvação da C. P. e em seguida a do Ministro o qual, dada a sua aprovação, ordenará as publicações correspondentes pelo Boletim do Exercito.

§ 3º — O Presidente da C. P. apresentará annualmente ao Ministro proposta das alterações que a experiência aconselhar para os diversos modelos, regimentos e instruções.

DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS

Art. 31º — Approvada esta lei fica ipso facto nomeada a C. P. e o seu presidente convocará para uma reunião os seus membros presentes no RIO DE JANEIRO, bem como os da comissão de promoções que estiver nomeada na vigencia do regimen então extinto. Nessa reunião o presidente declarará encerrados os trabalhos da extinta C. P. e em vigencia a nova. Dessa reunião será lavrada uma acta em duplícata: uma das vias para o arquivo de cada uma das C. P.

§ 1º — Realizado isso, fica reunida acto continuo a nova C. P. e o presidente distribue trabalhos na fórmula do art. 30º.

§ 2º — Ainda nessa mesma sessão é formulada uma proposta a fazer ao Ministro sobre os prazos para inicio de applicação da nova lei.

Art. 32º — A exigencia do tempo de serviço no corpo determinada na alínea c do § 1º do art. 11º só entrará em vigor um anno após a publicação da presente lei.

§ 1º — A mesma exigencia será dispensada aos officiaes de serviços technicos enquanto não existirem os respectivos quadros especiaes, desde que dentro do prazo de seis meses a contar da publicação desta lei ou da data de sua nomeação (para os que de futuro e até a dita criação o forem) requeiram serviço de tropa e o Ministro mande que aguardem oportunidade.

Art. 33º — A disposição da alínea C do art. 6º e o § unico do art. 7º applicam-se aos officiaes que como capitães ou como coroneis, respectivamente, hajam sido reformados preenchendo os requisitos de que essas disposições tratam.

Art. 34º — As disposições do art. 8º não se applicam: a da alínea a — com relação aos officiaes de aviação que já eram officiaes combatentes ao ingressarem nesse quadro; o da alínea b — aos officiaes dos quadros de intendencia que ahi ingressaram procedentes dos quadros de combatentes.

Art. 35º — A disposição da alínea A do art. 6º applica-se aos segundos tenentes em commissão habilitados ou que venham a se habilitar com um dos cursos normaes das escolas do Exercito, contando-se-lhes o oficialato da data da commissão.

§ unico — O Governo acelerará a matrícula dos segundos tenentes em commissão de modo que até o anno de 1932 todos tenham tido occasião de ingressar numa das referidas escolas. No mesmo prazo facilitará a readmissão, mediante prestação do necessário exame, daquelles que hajam sido desligados por doença ou insucesso no estudo.

Os empregados e o serviço de pequena duração

Todos nós estamos cansados de ler que as recentes remodelações dos Exercitos europeus e em particular dos Francez e Italiano, tiveram como principio capital:

a) aproveitar todo o tempo de passagem dos homens pela fileira na sua preparação para a guerra;

b) fazer com que participem desta preparação, todos os incluidos para o serviço militar.

A solução adoptada foi, como se sabe, a de substituir as praças nos serviços sedentários e que não exigem habilitação profissional-technica, por empregados civis. No Exercito Francez acha-se consignado o numero de 15.000 civis para tal fim e as autoridades militares ainda reclamam a elevação desse numero para que possa realizar completamente o objectivo collimado pela providencia adoptada.

Desse modo todos os homens que, de acordo com os efectivos orçamentarios são incluidos no Exercito, revertem no fim do tempo de serviço ao meio civil como verdadeiros reservistas e a instrucção das unidades não é prejudicada pelo afastamento permanente da maior parte de seus homens.

Entre nós essa questão dos **empregados** tem o carácter dos problemas insolúveis. Embora os regulamentos tacticos e que regulam a instrucção da tropa e dos quadros insistam em taxativas recomendações sobre o não afastamentos dos homens da instrucção; embora todos saibam a preparação para a guerra seja a nossa principal razão de existencia, a bocca torta se mantém, talvez, devido ao prolongado uso do cachimbo. O numero de empregados longe de diminuir, cresce de dia para dia e os corpos, cujos efectivos minguados já impossibilitam uma instrucção efficiente, vêm-se desfalcados da mór parte dos homens dos contingentes incorporados.

Ninguem tem a coragem de prejudicar um serviço de guarda, de ordenança, de justiça, de fachina etc., mas a instrucção... essa fica para outro dia.

No final, dos 40.000 homens que parcimoniosamente nos dá o orçamento, grande é a parcela dos "parasitas", isto é, dos que não attingem o principal objectivo de seu ingresso nas fileiras.

E o mal não fica ahi. Dos 40 mil homens que nos são dados pelo Congresso é preciso abater perto de 5 mil em alunos das escolas, em graduados empregados, instructores de tiro etc.

Epocha houve em que parecia ter-se encontrado o caminho da solução. Foi quando se introduziram nos quartéis os civis contractados para a fachina e o rancho. Era de esperar que se levasse adeante a medida, generalizando-a a todos os serviços onde não fosse requisito indispensável a exigencia de conhecimentos profissionaes-militares.

Mas infelizmente é o contrario que se observa. Até nas repartições que tem um carácter mais civil que militar, como por exemplo, á Intendencia da Guerra procura-se substituir os civis que lá satisfazem as funcções para que fo-

ram nomeados por praças, augmentando-se assim o numero dos afastados da instrucção.

Essa tendencia acaba de repetir-se no recente regulamento da Escola de Estado Maior, onde se substituem os actuaes escripturarios da secretaria por Sargentos auxiliares de escripta.

Muitas vezes tem-se procurado justificar essas medidas com a economia, mas no caso apontado ella não existe.

O empregado civil por muito que ganhe não alcança 600\$000 mensaes e o Sargento com suas percentagens, uniformes e calçado custa aos cofres publicos tanto ou mais do que isso.

* * *

A verdade é que, nesse assumpto precisamos modificar de modo completo os nossos hábitos. Sendo a tarefa maxima do Exercito a instrucção para a guerra, nella deveriam ser empenhados todos os homens consignados pelo orçamento. Para isso seria conveniente adoptar o sistema do Exercito francez, introduzindo nos quartéis, nos Q. G. e nas repartições forte percentagem de empregados civis reservistas, de modo que os 40 mil homens do Exercito fossem, de facto, 40 mil homens para a instrucção.

Na mesma ordem de idéa, torna-se preciso reduzir-se as exigencias burocraticas — a papelada, as formalidades inuteis, que roubam aos quadros tempo precioso e cuja falta vae se resentir na instrucção.

Bem sabemos que a refundição completa dos regulamentos diversos, dos hábitos, dos preconceitos e das mentalidades é obra difficult e demorada, porem é urgente inicial-a para que não nos vejam com o carácter ridiculo de tropa miliciana, ao em vez de sermos — um Exercito no valor real do termo.

A ENERGIA

A energia é uma questão de moral.

O moral deve sempre estar acima do physico.

Nenhum emprehendimento é possivel sem energia.

Ella é indispensavel em todos os nossos actos de paz ou de guerra.

Muita vez uma decisao custa lagrimas de sangue: energia, energia, energia.

Mas... não confunda: estupidez brutalidade e excitação não é energia.

Gen. Tanaut.

Regulamento Geral de Educação Physica

METHODO FRANCEZ

(Tradução e adaptação organizadas pela comissão nomeada pelo Sr. Ministro da Guerra)

(Cont. do n. 193)

TITULO II Bases Pedagogicas

CAPITULO III

REGRAS CONCERNENTES A' CONDUCTA E A' EXECUÇÃO DO TRABALHO

O treinamento physico geral comporta:

- lições de educação physica;
- sessões de jogos;
- sessões de desportos individuaes;
- sessões de desportos collectivos.

Todas estas sessões de trabalho são preparadas por sessões de estudo.

I — SESSÃO DE ESTUDO

FIM: — a) Ensinar o alumno, em detalhe, o melhor modo de execução dos movimentos que entram na composição da lição.

b) Fazê-lo adquirir "o estylo" cuja posse é necessaria para realizar nos desportos individuaes, resultados proporcionaes a sua potencia physica.

c) Inculcar-lhe as noções *technicas* e *tacticas* essenciaes e indispensaveis para que elle possa se entregar á pratica dos desportos collectivos.

LOGAR QUE DEVE OCCUPAR A SESSÃO DE ESTUDO NO PROGRAMMA DA INSTRUÇÃO

As sessões de estudo são previstas:

a) No começo da instrução, isto é, no momento em que o alumno é admittido num novo ciclo ou grupo, afim de ensinar-lhe um numero de elementos novos sufficientes para lhe permitir executar, o mais cedo possível, as outras sessões de trabalho e, em particular, a lição de educação physica.

b) No decorrer da instrução, durante todo o tempo necessário para passar em revista os elementos desconhecidos que figuram no programma.

P L A N O

Analogo ao da lição de educação physica, descripto mais adeante:

- Sessão preparatoria;
- Sessão de estudo propriamente dita;
- Volta á calma.

METHODO DO TRABALHO

O fim da sessão de estudo é ensinar em detalhe, a technica de execução de um certo numero de elementos.

O instructor terá, então, por primeiro cuidado, estabelecer a lista destes elementos, levando em conta:

a) — A duração da sessão.

Poucos elementos serão estudados, porém seu mecanismo deverá ser bem comprehendido e sua execução correcta.

b) — A necessidade de interessar no trabalho, tanto quanto possível, o conjunto de organismo.

O instructor não consagrará uma sessão de estudo inteiramente ao estudo de flexionamentos dos braços, de exercícios educattivos de trepar ou de applicações da corrida, etc.

Introduzirá, ao contrario, em uma sessão de estudo, movimentos nos quaes entrem em jogo articulações e massas musculares muito diferentes. Um processo simples consistirá em escohar elementos interessando successivamente aos braços, ás pernas, ao tronco, etc.

No decorrer da sessão de estudo o processo pedagogico seguinte poderá dar bons resultados:

Para ensinar um elemento novo, o instructor deve:

1º — Ennunciar o movimento e o executar sem parar;

2º — Executar o movimento, si fôr necesario, decompondo-o;

3º — Fazer executar o movimento "à vontade" e corrigir os erros commettidos;

4º — Fazer executar o movimento por toda a escola em velocidade variavel, compativel com o grão de habilidade dos alumnos.

E' conveniente, desde o inicio, procurar a correccão na execução dos movimentos, sem a qual o alumno ficará sempre mediocre e não obterá os resultados hygienicos, economicos e estheticos, em vista dos quaes certos exercícios de forma determinada foram especialmente mantidos com exclusão de um grande numero de outros.

Sem duvida o instructor não se illudirá em tentar obter, em uma primeira e unica sessão, a *perfeita* execução do movimento; principalmente com alumnos jovens, terá interesse, para não os aborrecer, em insistir moderadamente deixa para reinscrever o elemento imperfeitamente conhecido no programma de uma sessão de estudo ulterior.

Com os individuos mais idosos que possuam já um certo treinamento geral, os movimentos novos serão muito mais facilmente aprendidos e sem aborrecimentos.

Para os alunos do Cyclo Superior, o ensino pratico ministrado no decorrer das sessões de estudo, poderá ser completado por demonstrações e conferencias sobre a anatomia, a physiologia, a hygiene, a massagem, assim como sobre o estudo comparado dos diferentes methods de educação physica.

Projecções cinematographicas "lentas" permitirão analysar o "estylo" dos melhores especialistas.

II — A LIÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA

A lição de educação physica é a reunião, em uma sessão, de exercícios variados e combinados para interessar sucessiva ou simultaneamente todos os orgãos e as grandes funcções com o fim de melhoral-os e aperfeiçoal-os.

P L A N O

A lição de educação physica se divide em tres partes de importancia e de duração desiguais:

A sessão preparatoria;

A lição propriamente dita;

A volta á calma.

1º) — A sessão preparatoria — tem por fim aquecer (1) progressivamente o organismo e preparal-o para o trabalho mais intenso da lição propriamente dita. Comprehende exercícios methodicos de energia crescente, susceptiveis de flexionar as articulações, de desenvolver os músculos, de corrigir as más attitudes, de disciplinar a vontade e o sistema nervoso.

Estes exercícios são:

a) — As evoluções, exercícios de disciplina collectiva, que permitem ao instructor ter sua classe na "mão";

b) — Os flexionamentos dos braços;

c) — Os flexionamentos das pernas;

d) — Os flexionamentos do tronco que dão mobilidade e flexibilidade á columna vertebral por movimentos variados de flexão, de distenção, de rotação, etc.

Os flexionamentos do tronco devem ser combinados com os flexionamentos de cabeça, que dão flexibilidade ao pescoço e concorrem para a correção da columna vertebral.

Os flexionamentos da cabeça comprehendem os seguintes movimentos limitados ás vertebres cervicais:

— flexão e distenção da cabeça para a frente seguida de flexão e distenção da cabeça para traz;

— flexão e distenção lateral da cabeça para a esquerda (depois para a direita);

(1) Este aquecimento do organismo será mais difícil de obter com tempo frio. Todavia, o instructor poderá obter o efecto procurado:

1º) Accelerando, nos limites razoaveis, o rythmo de execução dos flexionamentos;

2º) Introduzindo, de preferencia na sessão preparatoria, os flexionamentos que se podem executar com uma correção suficiente marchando ou mesmo correndo numa andadura moderada.

— rotação da cabeça para a esquerda (depois para a direita).

e) — Os flexionamentos combinados que são constituidos pela combinação dos flexionamentos precedentes.

Seus efeitos physiologicos são semelhantes, porém augmentados pela somma mais considerável de trabalho fornecido e pela intensidade progressiva do esforço resultante das combinações variadas.

Sua execução exige da parte do alumno uma grande attenção: — a qualidade que elles desenvolvem de uma maneira especial é a coordenação do movimentos.

f) — Os flexionamentos assymetricos que obrigam duas partes do corpo, seja executar ao mesmo tempo movimentos differentes, seja realizar o mesmo movimento em um tempo differente. São movimentos difficeis que solicitam toda a attenção do alumno; disciplinam o systema nervoso, desenvolvem a agilidade ou a destreza, e permitem adquirir a independencia das construções musculares.

g) — Os flexionamentos da caixa thoraxica (1) que agem principalmente sobre as articulações das costellas, os músculos da respiração e os fixadores das espaldas.

2º) — A lição propriamente dita comprehende, segundo o regimen proprio a cada cyclo ou grupo, um ou varios exercícios, prendendo-se a cada uma das sete grandes famílias:

- 1 — Marchar;
- 2 — Trepar — escalar — equilibrar;
- 3 — Saltar;
- 4 — Suspender e carregar;
- 5 — Correr;
- 6 — Arremessar;
- 7 — Atacar e defender-se.

As sete famílias de exercícios são grupadas em uma ordem que permita compôr uma lição gradual em intensidade.

O instructor poderá, todavia excepcionalmente, modifical-a, tendo em vista um motivo sério e bem definido. (2)

Dois jogos, (um só facultativo, para a lição do cyclo superior) completam o programma da lição propriamente dita.

3º) — A volta á calma — cujo fim é, como o nome indica, de fazer voltar a calma ao organismo, comprehende exercícios de fraca intensidade:

— Marcha lenta com exercícios respiratorios;

— Marcha com canto e assobio servindo de verificação e continuando até que todo o signal de cansaço haja desapparecido.

— Alguns exercícios de ordem, curtos e variados.

(1) E' preciso não confundir o flexionamento da caixa thoraxica com o exercício respiratorio. Este ultimo tem por fim fazer desapparecer o cansaço e deve ser executado com o minimo de contracções musculares. Seu unico modo de execução será o seguinte: expirar pela boca levando as espaldas para a frente; inspirar pelo nariz, levando as espaldas para trás, os braços caídos naturalmente, ligeiramente afastados do corpo e endireitando, a columna vertebral.

(2) O "puxar a corda por equipe" que se prende á familia ATACAR e DEFENDER-SE é um exercício muito intenso para fazel-o executar imediatamente antes da volta á calma. O instructor deverá neste caso inverter a ordem das famílias e collocar este exercicio seja entre o suspender e carregar e a corrida, seja entre esta e o arremessar.

CARACTERISTICAS DA LIÇÃO

- A lição de educação physica deve ser:
- Continua;
 - Alternada;
 - Gradual;
 - Attrahente;
 - Disciplinada.

A lição é *continua* quando não é interrompida por repouso algum. Esta continuidade é necessaria, porque o fim procurado não é sómente agir sobre cada orgão tomado separadamente, mas tambem, e principalmente, obter um effeito de conjunto sobre o organismo.

Os deslocamentos motivados pelas mudanças de exercícios deverão então se fazer:

- Marchando sem cadencia: caso de executar exercícios respiratórios;
- correndo em andadura moderada: sempre.

A lição é *alternada* quando se compõe de exercícios que interessam successivamente as partes superior e inferior do corpo. Bem observada, esta alternancia constitue um meio de repouso sufficiente para evitar a fadiga muscular excessiva, que resultaria de trabalho repetido de uma mesma parte do corpo e o cansaço que provocaria um exercício intenso durante um tempo muito longo.

A lição deve ser *gradual* em *difficultade* e em *intensidade*. O primeiro modo de gradual-a é realizado pelo estabelecimento de um *plano geral de treinamento* no qual são previstas lições cada vez mais intensas, compostas de elementos de dificuldade crescente.

A lição é *gradual* em *intensidade* quando é composta de exercícios de energia crescente até um ponto culminante que se acha approximadamente nos dois terços da lição (metade da lição propriamente dita), decrescendo em seguida.

A lição é *attrahente* quando os exercícios de cada familia são frequentemente variados, quando os jogos são introduzidos na lição no momento opportuno e quando o instructor por seu exemplo e sua actividade sabe manter a alegria na sua escola.

A lição é *disciplinada* si os exercícios previstos são commandados sem hesitação, si se desenvolvem normalmente e si são executados, com a intensidade e a energia desejavais, por uma escola.

A lição de educação physica bem conduzida, produzirá no espirito e na vontade do alumno, qualidades de carácter que exercerão uma feliz repercussão sobre a sua formação geral.

COMPOSIÇÃO DA LIÇÃO

A lição deve ser sempre preparada com antecedencia, com cuidado e methodo. A escolha dos exercícios que entram na composição da lição depende:

1º — Do regimen da lição, o qual varia com a idade, com o estado physiologico e com o valor physico dos individuos;

2º — De sua duração;

3º — Do grão de treinamento da escola;

4º — Do terreno e do material de que se dispõe;

5º — Das condições atmosphericas e climaticas;

6º — Das circumstancias particulares das quaes o instructor é o juiz; preparação de exames diversos, volta das férias, etc.

7º — Do fim particular que se deseja atingir; physiologico, economico, esthetico, etc.

Compenetrado destes dados, o instructor, para compôr sua lição, estabelece sobre uma folha, numa columna á esquerda, o schema geral seguinte, dado a título de exemplo, e correspondente ao regimen da lição do 1º grão do cyclo secundario.

Sessão preparatoria:

- Evoluções;
- Flexionamentos:
- Dos braços;
- Das pernas;
- Do tronco;

Combinados (escolher um movimento que comprehenda flexionamentos simples diferentes dos que já entram na lição);

- Assymetricos;
- Da caixa thoraxica.

Lição propriamente dita:

- Marchar: exercício educativo;
- Trepar: applicação;
- Saltar: applicação;
- Suspender e carregar: exercício educativo;

- Correr: applicação;
- Arremessar: exercício educativo;
- Atacar e defender-se: applicação.

A escolha, por familia, dos exercícios educativos e das applicações deve ser feita segundo um plano de conjunto estabelecido de maneira a passar successivamente em revista todos os exercícios educattivos e todas as applicações que figuram no regulamento.

Volta á calma:

- Exercícios respiratórios;
- Marcha com canto (1);
- Marcha com assobio (1);
- Exercícios de ordem.

Resta mais aproveitar, na lista dos elementos incorporados ao Título III do Regulamento Geral, os exercícios desejados, respeitando a alternancia e a graduação em intensidade e escolhendo o jogo ou os dois jogos previstos pelo regimen da lição.

Estes jogos deverão interessar os alumnos; os de carácter infantil serão estrictamente reservado ás creanças.

Para os adolescentes e os adultos empregam-se jogos que melhor se adaptam ás suas qualidades physicas e a seus gostos. Exercícios variados de carácter livre, executados sob a fórmula de competições, poderão perfeitamente preencher o papel do jogo.

Os jogos escolhidos deverão fazer trabalhar, no pequeno espaço de tempo que lhes é reser-

(1) O canto e o assobio servem apenas como um meio de verificação; devem ser curtos.

Recomendar aos alumnos cantar o mais exacto possível e sem forçar muito a voz.

vado, todos os alunos sem excepção; o instructor só introduzirá no quadro da lição aquelles que ponham constantemente em acção pelo menos a metade da Escola.

Si bem que os jogos sejam exercícios de efeitos geraes, alguns, dentre elles, exercem uma acção predominante sobre os membros inferiores ou superiores. Muitas vezes, tambem pôdem facilmente se ligar a certas famílias: correr, saltar, arremessar, etc.

O principio de alternancia será respeitado, evitando fazer executar um jogo de bola immediatamente antes ou depois de arremessar, um jogo que tenha por base a corrida, antes ou depois da mesma familia da lição, etc. Além disso os jogos devem ser de séries differentes.

PREPARAÇÃO MATERIAL DA LIÇÃO

A composição da lição constitue um dos elementos mais importantes dessa preparação. O instructor consciente e previdente não confia no improviso; deve tomar todas as precauções para assegurar a disposição da escola e do material no terreno, a ventilação do local utilizado em caso de máo tempo, etc. Deverá estudar e fixar as formações a adoptar para os diferentes exercícios de campo, de pista e de apparelhos, os itinerarios mais curtos para ir aos diuersos pontos, etc.

DIRECÇÃO DA LIÇÃO

Pouco antes da hora do inicio da lição, o instructor reunirá os alunos, far-lhes-á vestir o uniforme prescripto para os exercícios physicos, recomendar-lhes-á urinar e assoar-se, depois, sem perder tempo para que não se resfriem, reunil-os-á para o trabalho.

DISPOSIÇÃO DOS ALUMNOS

Não é obrigatoria nenhuma formação; ella é adoptada pelo instructor segundo o terreno, o material a utilizar e o numero dos alumnos.

A melhor formação é aquella que permite ver todos os alumnos.

Para os flexionamentos executados sem deslocamento, o dispositivo em "quinquencio" (8 á 10 alumnos de frente, sobre duas ou varias fileiras em profundidade) é aconselhavel.

Si os flexionamentos devem ser executados em marcha, pôde-se, conforme o espaço disponivel, ou deixar os alumnos em linha ou fazel-los deslocar em columna com largos intervallos e distancias.

Para as evoluções e marchas, a formação melhor apropriada é a columna por dois, por tres ou por quatro, o instructor collocando-se de lado, a uma distancia conveniente.

Para os exercícios educativos, executados sem apparelhos, poderão ser adoptados as mesmas regras e dispositivos que para os flexionamentos.

No que concerne aos exercícios educativos que se executam com material diverso ou apparelhos, procede-se como para as applicações; a diversidade dos casos que se podem apresentar é tal que é impossivel dar a priori indicações pedagogicas apropriadas a cada um. O instru-

ctor deverá dar prova de iniciativa e adaptarse ás circumstancias. Eis, pois, a necessidade da preparação material da lição.

COMMANDOS (1)

Para fazer executar um movimento, o instructor commanda: POSIÇÃO FUNDAMENTAL! (2).

Si o movimento exige uma posição de partida ou inicial, o instructor a indicará e manda: POSIÇÃO!

Ennuncia o exercicio e ao commando: COMEÇAR! Todos executam o movimento prescripto.

As posições de partida assymetricas são a principio tomadas á esquerda. Terminado o exercicio nesta posição, o instructor commanda: MUDAR! Os alumnos retomam a posição inicial á direita e executam novamente o exercicio prescripto.

Ao commando de ALTO! todo o movimento cessa sem precipitação e a posição partida é retomada. A posição fundamental só é deixada ao commando de DESCANÇAR!

Ao commando DESCANÇAR os alumnos permanecem no logar sem serem obrigados a conservar a posição primitiva e a immobildade.

Um processo que o instructor pôde utilmente adoptar consiste em fazer preceder o commando de execução dos flexionamentos e dos exercícios educativos de um enunciado rapido e em voz clara do movimento, acompanhado de uma demonstração feita pelo proprio instructor ou pelo monitor (3).

INDICAÇÃO DO RYTHMO

A execução dos movimentos deve ser estriktamente individual; o conjunto não deve ser exigido.

Existe, no entretanto, para cada exercicio, um rythmo de execução optimo sob o ponto de vista physiologico e mecanico, cuja frequencia é proporcional ao comprimento e ao peso dos segmentos a mover.

E' bom indicar este rythmo (4) para ensinar aos alumnos a dosarem utilmente seus esforços. E' preciso, finalmente, que cada um forneça em um lapso de tempo determinado, uma somma de trabalho equivalente.

CORREÇÃO DOS ERROS

O instructor deve sempre se collocar num ponto donde possa facilmente vigiar cada um de seus alumnos.

Comettido um erro, elle o corrige imme-

(1) Exemplo 1º: Posição fundamental! — Elevação vertical dos braços em diferentes planos! — Começar! — Alto! — Descançar! (se fôr o caso):

2º: Posição fundamental! — Elevação da perna distendida em diferentes planos! — Posição inicial: mãos nos quadris! — Posição — Começar — Alto, — Posição fundamental — Descançar! (se fôr o caso).

(2) Este commando pôde ser substituido, para as crianças, pelo de ATENÇÃO!

(3) Este processo será quasi exclusivamente empregado com as creancas que executam os flexionamentos e os exercícios educativos por imitação ao instructor. O commando de execução será, então: FAÇAM COMO EU.

(4) O rythmo indicado no capitulo I, titulo III é o mais lento: corresponde, para os flexionamentos, a execução um movimento em tempo quente.

diatamente e em voz alta, empregando uma formula breve e imperativa. A observação deve ser rapidamente formulada, afim de que o erro não cesse antes da correção.

Para não tirar a continuidade da lição, o instructor deve evitar immobilizar sua escola para entregar-se a commentários prolongados. Os monitores completam a acção do instructor; circulando entre as filas, corrigem, com uma indicação precisa e um gesto opportuno, os erros commettidos.

REGRAS ESPECIAES CONCERNENTES A EXECUÇÃO DOS FLEXIONAMENTOS

1º) — Os flexionamentos dos braços, das pernas, do tronco e os flexionamentos combinados devem ser executados de uma maneira energica, completa e continua. É preciso procurar a amplitude maxima no jogo das articulações, o alongamento e encurtamento completo dos musculos; abolir-se-ão os gestos incompletos e irregulares, as paradas bruscas e exigir-se-á uma continuidade absoluta nos movimentos.

2º) — Para ser efficaz, o flexionamento deve ser localizado. Exige, então, uma posição inicial que permitta assegurar a independencia das contracções e eliminar as que não têm nenhuma utilidade. A posição inicial deverá facilitar a execução correcta do flexionamento, sem acarretar uma contracção estatica continua dos segmentos não interessados no movimento; ella se traduzirá de preferencia por um relaxamento muscular. A despesa physiologica será assim limitada sómente áquella que o flexionamento provoca.

3º) — Todos os flexionamentos devem ser repetidos symmetricamente por um e pelo outro lado do corpo. Os flexionamentos dos braços e das pernas serão feitos, a principio, pelos membros do lado esquerdo. Os que se executam em um plano vertical, sel-o-ão successivamente nos planos antero-posterior, obliquos para fóra, lateral.

4º) — Os flexionamentos devem ser executados respirando ampla e lentamente.

5º) — Afim de que os flexionamentos assymetricos conservem suas características proprias, poderão ser executados á commando e com uma cadencia (1) variavel, á vontade do instructor.

6º) — Os flexionamentos exercerão sobre o organismo seus effeitos mais intensos e beneficos quando executados com correção e quando a sessão preparatoria tiver sido, de uma maneira geral, bem disciplinada.

EXECUÇÃO DOS JOGOS

As regras dos jogos introduzidos na lição devem ser conhecidas por todos os alumnos.

No momento de sua execução, o instructor dá todas as indicações necessarias para que seja tomado, no menor tempo, o dispositivo desejado: os alumnos só começam a jogar ao signal dado pelo instructor.

(1) Estes são os unicos exercícios para os quais uma cadencia só pode ser indicada.

Os jogos devem ser praticados livremente com a maior animação e alegria possiveis.

A duração de um jogo varia, segundo sua natureza e o tempo total de que se dispõe, entre dois e quatro minutos.

A um novo signal o jogo deve cessar imediatamente. O instructor faz executar, si for necessário, exercícios respiratórios, indica a nova formação a tomar e prosegue no trabalho methodico.

REGRAS HYGIENICAS

A conducta e a execução de uma lição de educação physica são reguladas por um certo numero de prescripções de ordem hygienica. Estas regras que são communs á lição e a todas as sessões de trabalho, estão expostas mais longe em um paragrapho especial.

FREQUENCIA E DURAÇÃO DA LIÇÃO

EMPREGO DO TEMPO

A lição de educação physica deve ser, em principio, quotidiana e executada em horas afastadas das refeições, de maneira que não prejudique o tempo consagrado ás aulas e aos recreios ordinarios. Sua duração depende do cyclo e do grão, isto é, do valor physico dos individuos:

A duração de uma lição varia de:

EDADE

15 á 25 minutos para o cyclo elementar	4 á 9 annos
20 á 25 minutos para o cyclo elementar	9 á 11 annos
25 á 30 minutos para o cyclo elementar	11 á 13 annos
30 á 45 minutos para o cyclo secundario	13 á 18 annos
45 minutos para o cyclo superior	18 annos para cima

A repartição do tempo consagrado á lição pôde ser feita segundo as seguintes bases, cujo valor é apenas indicativo:

Sessão preparatoria....	2/10 da duração total
Lição propriamente dita 7/10	" "
Volta á calma.....	1/10 " "

Exemplo:

Lição de 30	{ Sessão preparatoria... 6 minutos
	Lição propriamente dita 21 "
	minutos Volta á calma..... 3 "

III — SESSÃO DE JOGOS

Uma ou duas vezes por semana, para alumnos que fazem parte dos cyclos elementar e secundario, a lição de educação physica deve ser substituida por uma sessão de jogos.

A sessão de jogos, de uma duração maxima de 45 minutos, deverá começar por uma pequena sessão preparatoria e terminar por uma volta á calma mais longa que a prevista para a lição; as creanças que, em geral, se esforçam dema-

siadamente pelo resultado da partida, dispensando grande quantidade de energia, apresentarão, com efeito, traços mais notaveis de fadiga e de cansaço.

O instrutor variará constantemente o programma destas sessões especiaes; levará em conta o gosto das creanças, não lhes imporá jogos difficéis ou que lhes sejam pouco favoráveis. Em principio, fará praticar de preferencia os grandes jogos cuja preparação e evolução normal são muito longas para entrar no quadro da lição.

Si bem que discreta, sua vigilancia será todavia effectiva; com brandura obrigará todos os alumnos a jogar, estimulará os fracos e os timidos, dominará os turbulentos, os impulsivos, os violentos. Deverá abolir toda brutalidade e tomar as necessarias precauções para evitar os accidentes.

IV — SESSÃO DE DESPORTOS INDIVIDUAES

De uma duração relativa ao cyclo e ao valor physico dos individuos (30 a 45 minutos), a sessão de desportos individuaes começará, como todas as sessões de trabalho, por uma sessão *preparatoria* e terminará por uma volta á calma.

A Sessão preparatoria só será completa quando, o alumno não tiver executado outro trabalho physico na jornada. No caso contrario, contentar-se-á com uma sessão preparatoria *reduzida*, composta de flexionamentos que interessem particularmente as articulações e as massas musculares a serem, postas em jogo pela especialidade a estudar.

As regras pedagogicas geraes concernentes á praparação e á conducta da sessão de desportos individuaes são as mesmas que regem a lição de Educação Physica.

As sessões de desportos individuaes deverão ser previstas para a tarde e, de preferencia, entre 15 e 17 horas, salvo se elles visarem a preparação para uma competição que deverá se verificar pela manhã. Nesta circunstancia, salvo impossibilidade, a hora mais favoravel de treinamento será a fixada para a competição.

V — SESSÃO DE DESPORTOS COLLECTIVOS

A sessão de desportos collectivos se revestirá de uma physionomia differente, segundo o cyclo e o valor physico dos individuos.

Para os alumnos que fazem parte do cyclo secundario, 2º gráo, ella se faz sómente com o objectivo de iniciação desportiva; a sessão de desportos collectivos será, então, uma sessão de estudos durante a qual os elementos dos desportos serão ensinados lentamente, minuciosamente, sem despesa physiologica exagerada. Nas proximidades dos 17 annos, quando os conhecimentos technicos estiverem accurados do mesmo modo que o gráo de treinamento geral, os alumnos poderão praticar os desportos collectivos em sua forma normal, porém durante um tempo restricto.

Desde que sejam admittidos no cyclo superior os jovens já poderão se consagrar, em sessões de uma duração de 45 á 60 minutos, á pratica regular dos desportos collectivos. Mais

tarde, segundo o valor e limite de seu treinamento, poderão practical-os livremente e tomar parte em competições regularmente organizadas. As regras que precisam seu treinamento, são impostas na Segunda Parte, titulo V do Regulamento de Educação Physica.

PREScriPÇÕES HYGIENICAS

A lição de educação physica e as diferentes sessões de estudos, de jogos e de desportos, são subordinadas, no ponto de vista hygienico, ás mesmas regras.

Eil-as aqui resumidas:

1º — LOCAL:

O trabalho physico deve ser, em principio, praticado ao ar livre.

Em caso de máo tempo, usar, de preferencia, galpões ou pateos cobertos.

Si se dispõe sómente de uma sala fechada, fazel-a arejar largamente antes da sessão e limpar o soalho ou piso com uma vassoura humida que absorverá a poeira.

2º — HORAS DE TRABALHO:

Fixal-as de maneira a não perturbar a digestão dos alumnos. As sessões deverão começar, em principio, duas horas pelo menos depois das refeições e terminar cerca de uma hora antes das mesmas.

3º — UNIFORME:

Não é necessario um uniforme especial para praticar a educação physica. E' sufficiente que as roupas usadas sejam amplas, não comprimam nem o thorax e nem o abdomen e não apertem o pescoço, as pernas e os braços.

Um uniforme que se adapta melhor e deve ser recommendavel, comprehendrá:

Para o verão:

(O exercicio praticado com tronco nú permite o ar e o sol exercer plenamente suas acções beneficas. Habituar-se-á progressivamente os alumnos a permanecerem expostos ao Sol).

Tronco nú ou camisa leve e calções curtos, ambos chamados de desportos, ou calça ampla e leve mantida por uma cinta elastica, sapatos de borracha, ditos de tennis.

Para o inverno: (Clima frio — Sul do tro-

pico).

Camisa de lã para desporto.

Calça de brim.

Sapatos de borracha (tennis).

4º — TEMPERATURA E CONDIÇÕES CLIMATERICAS

Levar-se-á na maior consideração a temperatura, para organizar e conduzir judiciosamente as sessões de trabalho physico.

Quanto mais frio fizer, mais intensos serão os exercicios e dirigidos segundo um rythmo constante; o grande calor, ao contrario, obriga os a serem moderados. Esta regra será estrictamente observada durante a sessão preparatoria que preceder toda a sessão de trabalho.

Os resfriamentos deverão ser cuidadosamente evitados, nunca se permittendo os alumnos ficarem immoveis:

- em tempo frio, enquanto durar a sessão;
- em tempo quente, depois do trabalho, enquanto não haja desapparecido todo o signal de fadiga.

Terminado o trabalho, tomar-se-ão os cuidados necessarios ao asseio, e os alumnos vestirão um uniforme proprio e adaptado a estação.

5º — HYDROTHERAPIA:

As sessões de trabalho physico deverão ser sempre seguidas de cuidados de asseio, ablucções e duchas.

Na pratica, será difficil, para não dizer impossivel, seguir religiosamente esta prescrição. Entretanto, habituar-se-á os alumnos a enxugar cuidadosamente seu corpo com uma toalha limpa, da qual uma ponta humedecida com agua fresca servirá para fazer desapparecer a poeira.

Sempre que se puder, faz-se-á com que tomem uma ducha tepida.

6º — FADIGA

O trabalho physico nunca deve ser levado ao esgotamento (*surmenage*). Uma fadiga leve que desapparece depois de algumas horas de repouso não deixa traços penosos no organismo; não acontece o mesmo com o esgotamento (*surmenage*) que é acompanhado de inappetencia e de insomnio, de lascitude geral, e mesmo de febre.

O instructor deverá conhecer os signaes geraes e particulares da fadiga, afim de moderar o ardor dos alumnos cuja resistencia geral pareça um pouco forçada. Evitará addicionar uma fadiga physica excessiva ao esgotamento (*surmenage*) intellectual, de que muito jovens são victimas.

Fal-os-á executar exercícios particularmente facéis e que requeiram um minimo de despesa nervosa.

Durante a crise da puberdade, e por occasião dos exames, o instructor deverá ser particularmente moderado em suas exigencias. Em caso de necessidade, não hesitará em recorrer tomem uma ducha tepida.

CAPITULO IV

ORGANIZAÇÃO DE UM ESTADIO DE TREINAMENTO, DE UM GYMNASIO E DE UMA PISCINA

I — ORGANIZAÇÃO DE UM ESTADIO

Distinguem-se duas especies de estadios:

- Os estadios de treinamento;
- Os estadios de exhibição.

Os primeiros de dimensões mais restrictas, servem para a pratica habitual da educação physica athletica e desportiva; comprehendem organizações e apparelhos estudados em face de uma utilização frequente, por varios grupos de alumnos que se exercitam ao mesmo tempo.

Os estadios de exhibição, mais vastos, comportam installações muito completas, ás vezes

mesmo luxuosas, permittindo organizar, deante de numerosos espectadores, competição athleticas e desportivas, importantes e variadas.

Sómente os *estadios de treinamento* interessam directamente ao educador physico. É possivel, sem orçamento consideraveis, transformar rapidamente um pateo de escola, um espaço livre qualquer, praça publica, prado, clareira, etc. em um pequeno estadio de treinamento.

Poder-se-á contentar, de inicio, com installações de occasião, pista de terra batida ou grama, simplesmente traçada; fosso cheio de uma mistura composta de $\frac{2}{3}$ de areia e $\frac{1}{3}$ de serragem, servindo para saltos; barra munida de ganchos, supportando cordas e varas, terrenos de basket-ball, etc.

Mais tarde, de conformidade com um plano de conjunto preliminarmente estabelecido, para evitar perda de tempo e desperdicio de dinheiro, melhorar-se-ão progressivamente as organizações já existentes e preparar-se-ão, sem dificuldades, terrenos de exercícios physicos e de jogos, suficientes para fazer trabalhar utilmente numerosas turmas. E assim que o mais urgente melhoramento a encarar será a transformação da pista de grama ou terra batida em pista de cinza.

As indicações que se seguem permittirão ao instructor organizar o plano progressivo de apparelhagem de um pequeno estadio de treinamento.

A — ESCOLHA DO TERRENO

Si o instructor tiver muito espaço para escolher o terreno o preferirá bastante grande, para circundar com pistas de corrida um campo de foot-ball e de outros grandes jogos com 80m x 45m ou, si possível, de 90 x 60m. Pôde-se dizer que as dimensões ideaes de um estadio de treinamento são approximadamente, de..... 210 x 140 metros.

Como se vê, a forma do terreno deverá ser, tanto quanto possível, *rectangular*.

A natureza do solo tem uma grande importancia; é necessário que seja permeavel e, de preferencia, coberto de relva, ou, na falta, de areia fina.

MATERIAL MOVEL CORRESPONDENTE A' REALIZAÇÃO DO PLANO DE UM ESTADIO DE TREINAMENTO

Para o trepar:

Cordas de suspensão: comprimento de metros; diâmetro de 0m,035.

Varas de canna da India: comprimento de 5 metros; diâmetro de 0m,035.

Para os saltos:

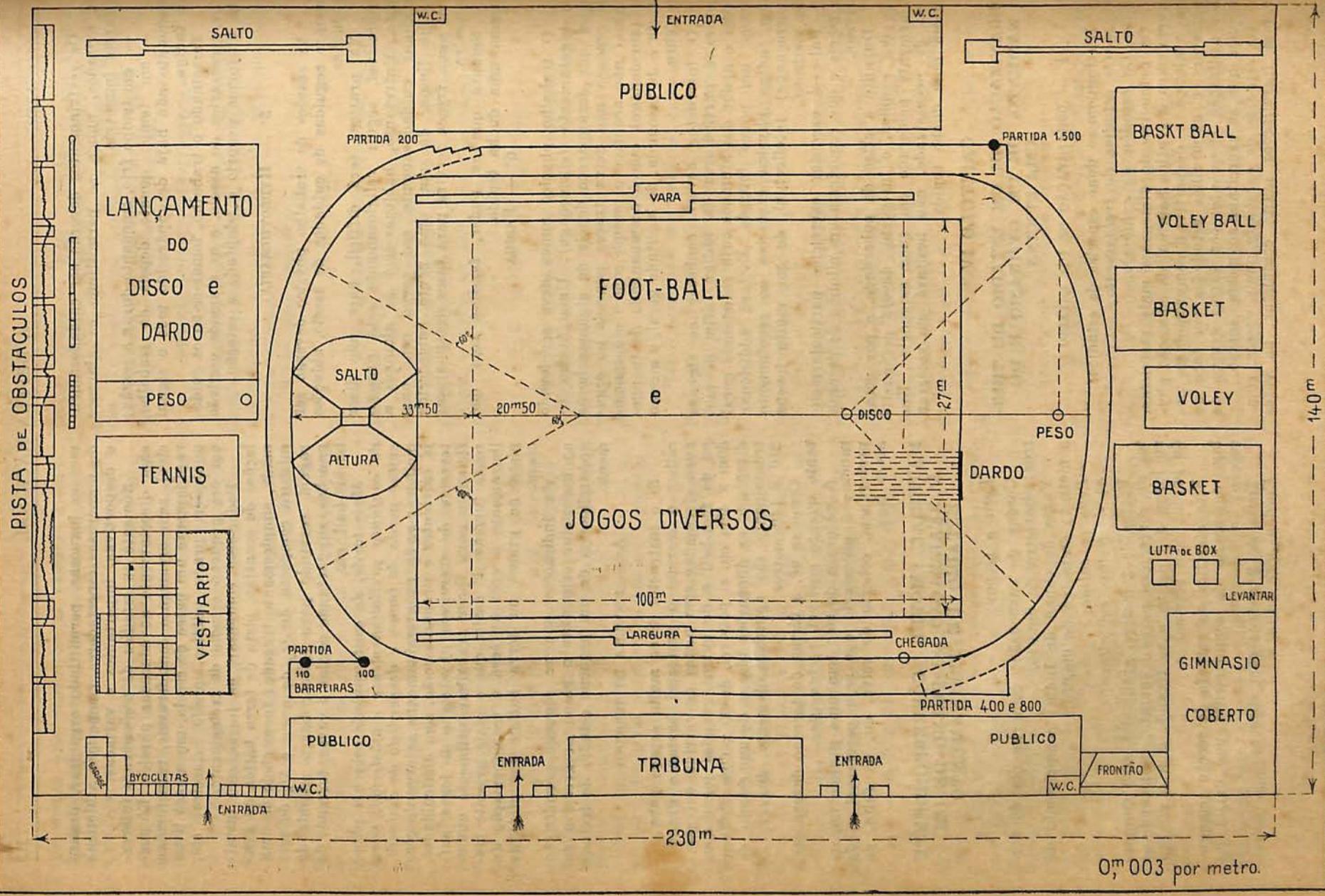
a) — Saltos em altura:

Postes de 2 metros, graduados, com supports de corredeiras para o sarrofao, deslocando-se ao largo dos postes e se fixando com o auxilio de porcas com boletas.

Fita elastica ou sarrofao de secção triangular, de 3m,85 de comprimento por 0m,03 de secção;

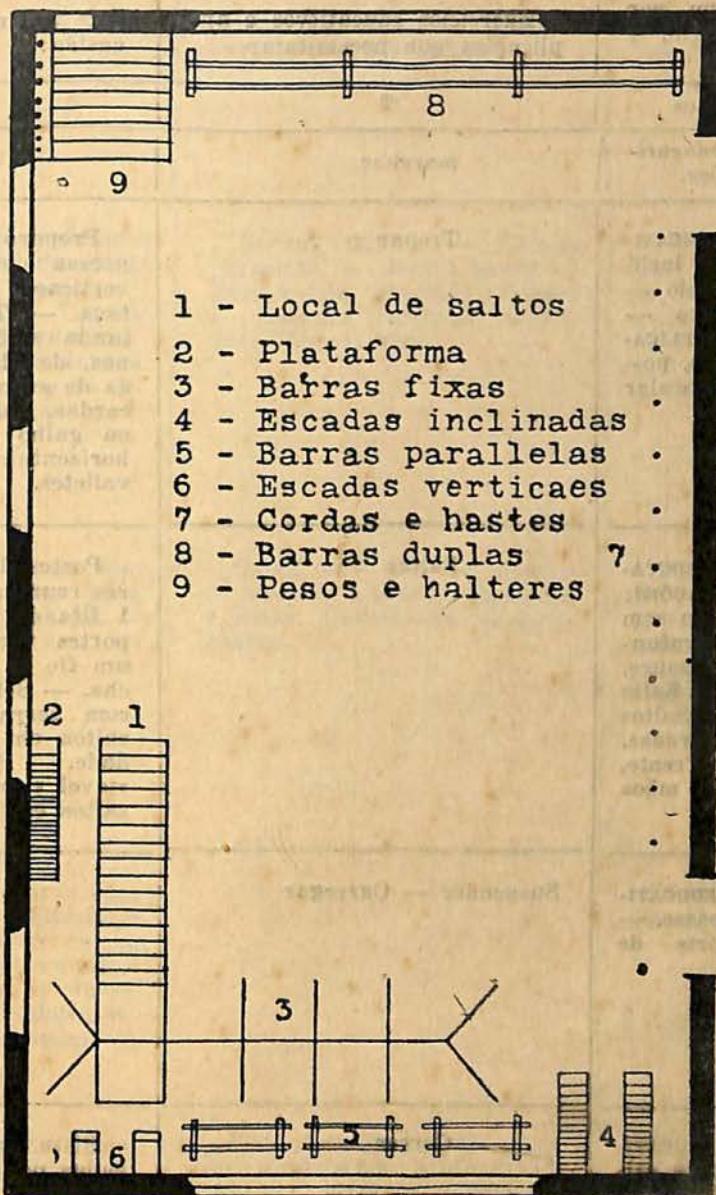
Toesa de 2 metros com cursor;

Cordas para salto.



GYMNASIO

PLANTA BAIXA

0^m,012 por metro*b) — Salto de vara:*

Postes de 4 metros, graduados como aquelles para o salto em altura, porém de construcçao especial: uma caixa servindo de poste é graduada até 2 metros; no interior desta caixa pôde deslizar uma regua de 0m,05 de lado, de secção quadrada, cuja base inferior repousa sobre um indice metallico. E' bastante, por exemplo, suspender este indice de 0m,50 para obter a altura de 2m,50.

Sarrof — O mesmo que para os saltos em altura.

Varas — Em bambú de 4m,50 de comprimento, para o treinamento e as competições; varas de canna da India com 3m,50 de comprimento para as primeiras secções de estudo do salto com vara. Para estas ultimas, é preferivel arredondar a sua extremidade em lugar de dotal-a de uma ponta metallica.

Dois escabellos de madeira de 2 metros de altura, para poder mudar a vara transversal.

Na falta, dois bastões de 1m,50 de comprimento terminados em garfo.

c) — Saltos em largura:
Decametro metallico.

B - Instalação e material de fortuna ou de um preço pouco elevado, num espaço restrito; pateo de uma escola e pateo

Exercícios que podem ser praticados sem instalação e material especiais.	Exercícios educativos e aplicações que necessitam:	1º um material fixo de ocasião:
Todos os flexionamentos	"	"
Todos os exercícios educativos, todas as applicações.	marchar	"
Todos os exercícios EDUCATIVOS feitos em suspensão inclinada: — Cadeia de apoio — Apoio contra um muro — Apoio sobre o sólo. APPLICAÇÕES: trepar em árvores, postes do galpão, etc. — Escalar muros.	Trepar	Preparo de uma árvore grossa suportando cordas verticais, inclinadas, horizontais. — Trave horizontal situada a 3 metros, pelo menos, de altura do sólo, munida de grampos para suportar cordas, hastas, etc. — Tronco ou galho de árvore suspenso horizontalmente por dois cavalletes.
Todos os EXERCÍCIOS EDUCATIVOS de salto. — APPLICAÇÕES: salto em largura com ou sem impulso. — Salto em profundidade de cima de um muro, dum galho de árvore. — Salto de baixo para cima. — Saltos de barreiras pouco elevadas. — Salto em altura de frente, estando os alunos de mãos dadas.	Saltar	Postes de saltos: — 2 árvores reunidas por um fio de lã, 1 fita de borracha. — 2 suportes verticais reunidos por um fio de lã, 1 fita de borracha. — Sebes vivas. Escavação com serragem e areia para saltos em altura e profundidade. — Fosso de largura variável e pouco profundo para saltos em largura.
Todos os exercícios EDUCATIVOS salvo os de passe-passe. — APPLICAÇÕES: transporte de camaradas.	Suspender — Carregar	
Todos os exercícios EDUCATIVOS. Todas as APPLICAÇÕES, salvo a corrida de barreiras.	Correr	Pista de terra batida, balizadas por algumas estacas.
Exercícios EDUCATIVOS n. 303.	Arremessar	Círculo para lançamento marcado no sólo.
Exercícios educativos. A maior parte das applicações.	Ataque e defesa	Terreno preparado com serragem para a luta de Jiu-jitsu

vado que permitem a prática da educação physica, para uma para recreio ao ar livre, pequeno estadio e gymnasio, etc.

2º Um material movel de occasião:	3º Um material fixo de preço pouco elevado.	4º Um material movel de preço pouco elevado.
"	"	"
Varas de canna de bambú grosso ou barras arredondadas para suspensões inclinadas, alongadas e apoios. — Cordas presas ás arvores, a uma trave, varas e pequenas cordas para escaladas. Escadas de tipo ordinario. Pranchas inclinadas.	Barras duplas — Escada horizontal — Barra movel — Portico com ganchos e hastas — Escadas verticaes e obliquas. Barras fixas.	Varas, pequenas cordas, barras duplas moveis, cordas para galgar obstaculos, barras paralelas. Tapete de corda para amortecer a queda, para um gymnasio ou galpão aberto, de sólo cimentado.
Sebes de ramagens ou sarrafos leves. — Cordas para saltos. — Fitas de borracha. — Cavallote para salto com alções para apoio.	Caixa de saltos com quadro de madeira e leito de serragem e areia. Cavallo de pão-alcochado.	Postes graduados de 2 metros, barras de salto. Sebes de diferentes alturas. Varas de canna da India ou bambú para saltos com vara em altura e largura.
Sacos de areia, pedras com e sem punhos — Halteres e barras de ferro fundido ou em cimento amado. Vigotas ou dormentes de estrada de ferro. Arvores, eixos, etc. (Bolas velhas cheias de serragem ou areia).		Halteres, balas, barras com discos.
Postes de chegada. Testemunhas de muda (revejamento).	Pista preparada com cinza, em pequena profundidade (0m,20), nivelada e balizada por estacas de 0,30, ligadas por um fio de ferro galvanizado. Postes da mesma altura com painéis indicando as distancias.	Barreiras oscillantes, marcador, chronometros, etc.
Pedras, pedrinhas, balas. Bolas velhas cheias de papel ou de panno.	Circulos para lançamento, preparados com cinza, em pequena profundidade (0m,10).	"Medicine-ball", discos, balas, dardos, martelos circulos de ferro, fichas e decametros.
Bastões-bengalas.	Tapetes velhos cobertos com um tecido impermeavel (lona).	Varas para a luta de repulso, cordas para a luta de tracção. Luvas de box. Tapetes para luta e Jiu-jitsu.

Para o suspender-carregar:

Pedras de diferentes dimensões;
Jogo de halteres de 5 á 50 kilos;
Duas barras com discos de 40 á 50 kilos;
Jogo de barras de ferro fundido;
Saccos de diferentes dimensões.

Para as corridas:

Varios jogos de barreiras de 0,70, 0m,915, 1m,06, com a parte superior reentrant — deslizantes — ou sebes construidas para formar um obstaculo que varie entre 0m,50 e 1m,06 de altura.

Bastões de madeira para revezamento.

Sebes de diferentes alturas de ramagem, folhagens, etc.

Testemunhas de bambú, de 0m,30 de comprimento por 0m,03 á 0m,04 de diametro, para os pontos de revezamento.

Pistolas de "Starter" (Juiz de saída), de dois tiros com cartuchos de festim.

*Fio de lã para chegada.**Para os lançamentos:*

Seixos, parallelepipedos, bolas;
Bolas de borracha e de couro;
"Medecine-ball" de 2, 3, 4 e 5 kilos;
Pesos de treinamento de 5 kilos;
Pesos regulamentares de 7 kilos, 257;
Dardos de 800 grammas e de 2m,60 de comprimento;

Discos de 2 kilos;

Martellos de 5 kilos e de 7 kilos, 257 com cabo metallico de 1m,20 (Virola e punho duplo);

Círculos metalicos para limitar as superficies de lançamentos; para o peso e o martelo — 2m,135 de diametro; para o disco 2m,50 de diametro.

Para o ataque e defesa:

Tapete de luta de 5m x 5m;
Pequena plataforma ("rink") para box com tres filas de corda;

Luvas de "box";

Cordas com punhos, bengalas e varas para exercícios de oposição;

*Cordas para luta de tracção.**Para jogos e desportos collectivos:*

Bolas, maços, postes diversos, etc.;
Bolas de "foot-ball";
Bolas de "rugby";
Redes e bolas de "basket" e "volley-ball";
"Cross" e bolas de "hockey".

Material de conservação:

Pás, enxadas, ancinhos, apparelhos marcadore, cal, vassouras de crina e de galhos, rolos pequenos e grandes, mangueira de irrigação;

Ferramenta de marcineiro;

Tiras de couro para bolas, bomba e enfiador.

II — ESTABELECIMENTO DE UM GYMNASIO

O máo tempo que reina no inverno, não deve ser um impecilho absoluto á prática da educação physica.

Póde-se continuar o treinamento em um gymnasio que seja claro, limpo e bem arejado.

CLARIDADE — Dispôr de numerosas janellas com os vidros pintados de branco. Adoptar um tecto inteiramente de vidro ou que tenha, pelo menos, numerosas vidraças.

Pintar as paredes de branco.

Installar a luz electrica com um sistema apropriado de reflectores.

LIMPEZA: O sólo deve ser assoalhado com tacos de madeira ou, na falta, asphalto ou betumado.

Dispôr de tapetes de corda proximo aos apparelhos para amortecer a queda.

VENTILAÇÃO: As janellas, collocadas bastante altas deverão permitir que se abram facilmente.

Poder-se-á tambem preparar galerias com telhado basculante ou construir todo um lado de gymnasio com claraboya.

As portas e janellas que permittam inteiramente a passagem do sol, são preferiveis a qualquer outro sistema de ventilação ou iluminação.

DISPOSIÇÃO INTERIOR: Dois terços pelo menos da superficie total do gymnasio deverão ser inteiramente livres para permittir a execução da lição de educação physica. Um terço, no maximo, será reservado aos apparelhos.

GALPÃO ABERTO: Quando não se possuir as verbas necessarias á organização de um gymnasio, poder-se-á contentar com um galpão aberto, que apresente as mesmas disposições geraes. Este galpão deverá, si possível, ser fechado de dois lados: ao norte e a leste.

O sólo deverá ser asphaltado ou cimentado e ligeiramente em declive; um rego especialmente feito deverá permitir o escoamento rapido da agua constantemente utilizada na baldeação.

III — ESTABELECIMENTO DE UMA PISCINA**MATERIAL FIXO**

Pontão;
Barcos ou canôas de salvamento;
Boias de salvamento;
Varas com anneis em uma das extremidades;

Estacas ou escoras com cordas.

MATERIAL MOVEL

Calções de banhos;
Cintos com cordas de suspensão de 5m,20;
Collete de sêda "Kapok".

O modo de installação de uma piscina depende em grande parte do local, da profundidade das aguas e da natureza da margem.

Escolher um fundo de areia ou de cascalho fino, com agua ligeiramente corrente afim de que esta se renove constantemente.

Construir um rectangulo de 20 a 25 metros por 12 á 15 metros, no qual a profundidade variará de 0m,80 á 2m,50 ou 3ms. Delimitar uma parte, com 15 metros approximadamente de extensão e cuja profundidade seja inferior a 1m,30, afim de que seja reservado aos principiantes.

Na falta de rio sufficientemente largo, varar-se-á numa das margens uma piscina com as dimensões acima. Esta piscina será alimentada pela agua do rio do qual será separada por uma rede metallica.

Deve contudo sempre comportar um pontão com uma extensão proporcional ao numero de

CENTRO DE ESTUDOS DA INFANTARIA

Monografia dos processos de figurações dos fogos em uso no centro de estudos da Infantaria

Tradução do 1º Ten. BAPTISTA GONÇALVES

PREAMBULO

Aridos são os nossos regulamentos no tratar os processos de adestramentos para o combate e mais aridos no que concerne á confecção e execução de um exercicio e a figuração dos respectivos fogos. R. E. C. I. (2 partes) no titulo x pagina 189, ao explanar a instrucção do pelotão e companhia diz: "Os exercícios de pelotão e companhia não devem ser mais que a repetição de episódios de combates, necessitam de seria preparação abrangendo reconhecimentos previos e até arranjos do terreno". e que: "As posizações inimigas indicam-se ou figuram-se por meios apropriados: Bandeirolas, Homens Baliza etc. Como armonizar estas prescrições do nosso R. E. C. I.? Será possivel somente com o auxilio de bandeirolas e homens baliza fazer viver um episódio de combate, de forma a dar ao homem uma idéa do que seria na realidade? creio que não, pois para isto falta o meio que lhe dá a sensação do fogo, daquilo que é preponderante no combate: "a resultante obtida coordenando a accão dos diversos meios postos nas mãos dos combatentes". Parece a primeira vista ser facil o dar a idéa do que seja um episódio de combate, no entretanto tal não acontece e muitos ensaios se têm feito, principalmente na França, para determinar qual o melhor processo de figuração de fogos. Sobre este assumto alguns trabalhos tem aparecido, cada qual mais interessante, e, baseados sobre o principio da surpresa do fogo, natureza, intensidade e zona batida pelo mesmo e dentre eles é justo destacar o exposto pelo general PASSAGA

no seu livro "LE COMBAT", o qual consiste em sintese em criar incidentes de especies de fogo, intensidade e zonas batidas mediante faixas de cores diversas estendidas na zona de ação da tropa que executa o exercicio. Si o processo é bom, sobre o ponto de vista da surpresa, pois a tropa só toma conhecimento do incidente no momento que atinge a faixa que o cria, é máo por não dar vida ao exercicio, por não forçar os executantes a compenetrarem-se da realidade, pois que só um dos partidos atua. Alem disso é este processo bastante oneroso e mais proprio para adextrar a infantaria á infiltração. O do Centro de Estudos da Infantaria ora traduzido, avanta-jase ao do general PASSAGA não só por dar vida ao exercicio dando idéa da realidade, como pela sua simplicidade no emprego e realização pouco oneroza, estar ao alcance da tropa, mesmos das pequenas unidades. Ao meu ver, o unico defeito que se poderá imputar a este processo, será concerteza o de distrair grande numero de graduados e praças para representação do inimigo, falha que no entretanto será compensada pelos resultados obtidos.

* * *

Aguardando a regulamentação dos processos de figuração dos fôgos, já em vias de elaboração, o Centro de Estudos da Infantaria adotou os descritos abaixo, que obrigatoriamente são aplicados nos exercícios ou manobras, executados sob a direção dos seus instrutores. Taes pro-

nadadores a instruir, para permitir ao monitor dar a lição mantendo o alumno por um cinto. Este pontão deve ser horizontalmente suspenso acima do nível da agua a uma altura de um metro.

As extremidades do pontão devem ser desembaraçadas e de facil acesso e a sua comunicação com a agua estabelecida por meio de escadas.

Os barcos devem ser guarnecidos por nadadores habeis e munidos de longas cordas de salvamento. Seu numero varia segundo as necessidades.

As boias de salvamento são de cortiça e guarnecidas de pedaços de corda fluctuantes.

As estacas ou escoras de madeira com cordas são destinadas a circumscrever, nos riachos ou no mar, o espaço destinado aos exercícios. Ellas podem ser substituidas por objectos fluctuantes.

O numero de varas com anneis e de cintos é variavel; deve ser sufficiente para exercitar simultaneamente tantos alumnos quanto forem os mestres-nadadores.

O material é examinado diariamente e verificado antes e depois de ser utilizado.

Se não fôr possivel ter um alpendre onde os alumnos possam mudar a roupa, construir-se-ão abrigos de galhos, pranchas, hervas, etc., ou utilizar-se-ão barracas.

PRECAUÇÕES A TOMAR CONTRA OS ACCIDENTES

Um cartaz indicando os primeiros cuidados a prestar aos afogados deve ser collocado bem a vista.

Junto a este cartaz deve existir, convenientemente abrigados, a ambulancia com os medicamentos e o indispensavel material de socorro aos asphyxiados (um roupão felpudo, um panno de sarja para esfregar o corpo, duas luvas de crina, sem dedos).

O material destinado á instrucção sobre os socorros a prestar aos afogados deve ser guardados nos saccos ou sacolas da ambulancia.

Completam o material acima referido camas do tipo de campanha, coberturas e padiolas.

céssos não estão, concerteza, izentos de falhas, são entretanto perfectiveis. Foram eles retidos por todos aqueles que os puzeram em pratica, e após numerosas experiencias, apresentaram sobre os demais as seguintes vantagens:

1º — indicação sem contestação possivel ás tropas que a eles se submeteram, dos diversos fogos;

2º — simplicidade de emprego, como ficou provado pela rapidez com que as tropas de manobras, sempre diferentes e geralmente constituidas por amalgama de diversas unidades, apreendem a sua aplicação;

3º — realização pouco onerosa, pondo-os ao alcance das pequenas unidades. Esta ultima condição baniu certos processos, que apresentavam outras vantagens — tais como faixas de encerrado, para figuração de zonas batidas etc.

O emprego de sinais sonoros — corneta, tambor, matraca, etc. para figurar os fogos não foram retidos pelos executantes; aplicaveis nos exercícios de pelotão ou companhia, cessam de o ser nos escadões superiores, em virtude da sua complexidade e da confusão que origina nos executantes.

PROCESSO DE FIGURAÇÃO DOS FOGOS POSTOS EM PRÁTICA NO CENTRO DE ESTUDOS DA INFANTARIA

Admite-se que os fogos cujos efeitos devem ser figurados classificam-se segundo a sua ordem de importância em:

Fogos da Infantaria inimiga

Fogos da Artilharia amiga

Fogos da Artilharia inimiga

I — FOGOS DA INFANTARIA INIMIGA

Nenhuma manobra pode ser concebida sem o respeito pelo fogo e, acima de tudo, pelo fogo da infantaria

Os meios de fogos da infantaria inimiga — armas isoladas, ou centros de resistência, constituídos por muitas armas automáticas — são representados por uma metralhadora — ou na sua falta por um F. M. — estabelecida no local em que na realidade estaria colocada, mascarada das vistas aéreas e terrestres, e utilizando cartuchos de festim. A cada arma assim colocada, correspondem duas bandeiras vermelhas bastante visíveis, dispostas no sentido da profundidade, numa plana paralelo ao da direção de tiro; estas bandeiras são movimentadas segundo as directivas abaixo:

1º — Todas as vezes que a arma automática atira, as bandeiras são erguidas, e desde o momento que o seu fogo cesse, são elas abatidas, deixando-se aqueles que as sustentam.

2º — Toda tropa que se encontre sensivelmente no prolongamento das duas bandeiras, sabe que está sendo submetida ao fogo, durante o tempo em que as mesmas forem vistas e deve portanto agir de acordo com este incidente, sob pena de ser punida pelos arbitros.

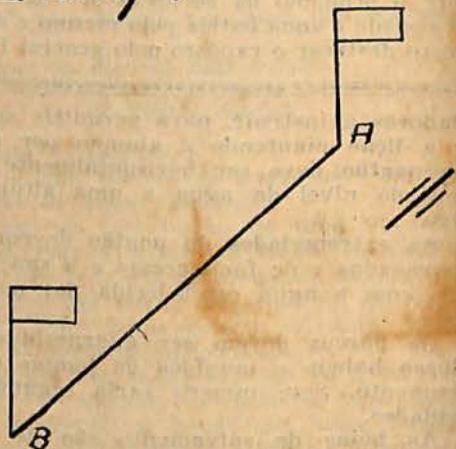
3º — Afim de tornar por parte da tropa, as bandeiras tão visíveis quanto possível, será preciso que:

— durante o tiro, a bandeira mais proxima da arma automática, seja agitada lentamente da direita para a esquerda,

— em todos os casos, mesmo na figuração de armas atuando de grandes distâncias, sejam as bandeiras estabelecidas a pequenas distâncias-variaável com o terreno e a visibilidade local onde a infantaria que avança sofrerá a ação dos seus projectis. Assim se procede para que não possa a infantaria hesitar sobre a decisão a tomar, qualquer que seja a distância que se encontre da arma que sobre si atua. O sincronismo entre o movimento das bandeiras e o tiro da arma a que corresponde pode ser estabelecido por ligação a vista entre o atirador e um dos condutores das mesmas.

Na prática, é facil a realização destas condições desde que o grupamento dos condutores das bandeiras e do atirador seja dirigido por um graduado, ou na sua falta por um soldado inteligente. Este graduado ou soldado colocado ao lado da bandeira mais proxima da arma automática, (veja croquis) faz face a tropa de manobra e comanda o fogo no momento que julgar opportuno, erguendo a bandeira A; simultaneamente o atirador inicia o fogo e o condutor da bandeira B — que deve estar deitado e com a frente para a bandeira — ergue-se agitando a sua bandeira lentamente, da esquerda para direita. No momento em que a bandeira A fôr abaixada, mesmo procedimento terá B, cessando o fogo da arma automática.

Exemplo.



Infantaria atirada

II — FOGOS DA ARTILHARIA AMIGA

A representação dos fogos da artilharia de apoio direto-barragens ou bombardeios — é indispensável para treinar a infantaria, no coordenar seus esforços, com o auxílio que lhe da a arma irmã. Ela permite, exercitar a infantaria em progredir a traz de uma barragem rolante, a explorar sem perda de tempo os efeitos de um bombardeio, etc.

As suposições em matéria de barragem ou bombardeio nada dizem ao soldado, é preciso materializá-las e isso só se consegue definindo as zonas onde caem os projéts amigas com bandeiras pintadas metade de branco e metade de amarelo.

BARRAGEM ROLANTE. Uma barragem rolante, será figurada por uma linha de bandeiras que representarão os tiros curtos. Os condutores dessas bandeiras deslocar-se-hão com uma determinada velocidade, e de acordo com o modo previsto pelo horário — lances de 50 ou 100 metros —; marcharão em linha intervalados de mais ou menos 50 metros, sob o comando de um oficial ou graduado munido de um relógio.

BOMBARDEIOS. — Os bombardeios, serão reproduzidos, por bandeiras que darão o contorno exterior da zona sobre o qual é feito; estas bandeiras permanecerão erguidas, durante o tempo previsto para o bombardeio.

III — FOGOS DA ARTILHARIA INIMIGA

Pode haver interesse em determinar certas zonas do terreno, submetidas a bombardeios inimigos ou batidas por projéts tóxicos, com o fim de obrigar os comandantes de pequenas unidades a tomarem rapidamente as disposições apropriadas à situação. Estas zonas assim batidas, são delimitadas por bandeiras, amarelas para os bombardeios e por bandeiras verdes para as zonas infectadas.

A colocação das mesmas é regulada por um chefe, encarregado dos figurativos, e o incidente a que correspondem determinado pelo diretor do exercício. (1)

Não cojizando do emprego de vazos contendo matérias fumijenas ou de petardos cujos preços tornam os mesmos inacessíveis as unidades, o Centro de Estudos utiliza-se de pratos de ferro estanhado — ou marmotas já estragadas — nos quais é queimado kerozene e se o deixa arder durante o tempo exato do bombardeio. A despesa é mínima. Estes dispositivos são acionados por equipes, dirigidas pelos chefes dos figurativos. O kerozene é conduzido em cantis ou em outros recipientes

(1) E' indispensável que as bandeiras, figurando os tiros da infantaria inimiga e da artilharia amiga ou inimiga, só sejam vizíveis, no momento em que for desencadeado o tiro que representam, permanecendo invisíveis no resto do tempo. Deve ser recomendado aos homens que as acionam que as mantenham enroladas, quando se deslocarem e, uma vez que se detenham que as coloquem sobre o solo caso necessitem de figurar um novo incidente.

COMANDO DO INIMIGO E SUA LIGAÇÃO COM O DIRETOR DO EXERCÍCIO

No que concerne o comando e o manejo do inimigo, o Centro de Estudos aplica o princípio de que o inimigo é dirigido pelo diretor do exercício, afim de evitar inverozimilhanças.

Consequentemente: um oficial ou, em caso de necessidade, um sargento, é designado para dirigente do inimigo, recebendo todas as indicações de minúcias necessárias à execução da sua missão. Além disso, para permitir ao diretor do exercício, fazer surjir no momento desejado, e nas circunstâncias que sejam mais favoráveis, os incidentes próprios para resaltar os erros cometidos, deve ser mantida uma ligação constante, entre ele e o dirigente do inimigo. Esta ligação, para os exercícios de batalhões, ou unidade maiores, será por telephone em virtude da extensão do terreno sobre o qual se terá de ajar. Para as pequenas unidades — Companhias ou pelotões — será a mesma, assegurada por toques de cornetas executados segundo um código de sinais previamente regulados ou por estafetas.

FIGURAÇÃO DAS UNIDADES AMIGAS SUPOSTAS

Frequentemente, nos exercícios, aparece a necessidade de suprir a insuficiência dos efetivos, figurando certas unidades tais como grupos, pelotões, seções de metralhadoras etc.

Para esta figuração reserva-se:

Bandeiras brancas — para grupos ou pelotões.

Bandeiras metade verde, metade vermelha para peças ou seções de metralhadoras.

A figuração das tropas inimigas foi julgada inútil, pois que delas o que nos interessa é somente a figuração dos seus fogos.

Em definitivo o material do Centro de Estudos consta exclusivamente de bandeiras e marmitas fumijenas.

A título de informação, damos, abaixo, o material que se precisa dispôr para um exercício de batalhão:

Para figuração da tropa de manobra

1 bandeira branca por g. c. si for necessário distinguir os grupos do pelotão. No caso contrário:

1 bandeira branca, por pelotão.

1 bandeira metade branca metade vermelha, por seção de metralhadora pesada ou leve.

1 bandeira metade branca metade amarela, para 25 metros corrente de barragem rolante.

10 bandeiras metade branca metade amarela, por bombardeio.

Para figuração do inimigo

2 bandeiras vermelhas, por arma automática.

10 bandeiras amarelas, por bombardeio.

10 bandeiras verdes, por zona infectada pelo gaz.

Processos fumigenos empregados eventualmente

10 marmitas, por bombardeio.

1 a 2 litros de kerozene, por marmita — dispõr do numero de recipientes, necessarios para o transporte do mesmo.

Telefones

O necessario para estabelecer uma ligação eficiente, entre o director e o comando do inimigo.

EXEMPLO DE UM EXERCICIO DE BTL. COMPORTANDO:

— um ataque, executado sobre uma frente de 600 metros, mais ou menos, e precedido de uma barragem rolante.

— figuração de 2 centros de rezistencia inimigo, compreendendo cada um 5 armas automaticas.

— a possibilidade de figurar 3 bombardeios de artilharia amiga — execução sob pedido do comandante de batalhão — ou inimiga — ordenada pelo diretor do exercicio.

	BANDEIROLAS						PESSOAL
	Branca	Branca — vermelha	Branca — amarela	vermelha	amarela ou verde	Marmitas	
Pelotões que enquadram o batalhão.....	2 a 6	2 a 6 2
Seções de metralhadoras dos batalhões vizinhos, trabalhando em beneficio do batalhão que ataca.....	4	4 2
Barragem rolante numa frente de 600 metros	24	24 3 a 4
2 centros de rezistencia inimigo, compreendendo 5 armas automaticas.....	10	10 2
3 bombardeios.....	30	30	30 3
	2 a 6	4	24	10	30	30	74 a 104 12 a 13

74 BANDEIROLAS

Conforme se empregue ou não as marmitas.

JUNQUEIRA & CIA. LTDA.

(TERRENOS E PREDIOS A' VISTA E EM PRESTAÇÕES)

RUA DA QUITANDA N.^o 113 — Rio de Janeiro

Telephone Norte 7253

Comprar um terreno é segurar. é valorizar as proprias economias. As guerras, as revoluções, os máus governos desvalorisam tudo, menos os terrenos que sempre augmentam de valor.

Terrenos em todos os bairros: Cattete, Glória, Tijuca, Engenho de Dentro, Irajá, Apé e Collegio.

II — SYNOPSIS DE GEOGRAPHIA MILITAR

Generalidades

1. — Em estratégia como na tática o terreno tem influencia cada dia mais importante devido á crescente importancia dos meios cada dia mais numerosos e aperfeiçoados de que dispõem os exercitos.

2. — Quem diz terreno, diz modelado e sua viabilidade ou, o que é o mesmo, a estructura do solo e a natureza das rochas, que por sua vez traduzem as possibilidades locaes quanto aos recursos de toda a ordem de que carecem os exercitos em operações ou os povos em guerra.

3. — Os factores geographicos têm acção decisiva sobre a politica militar (repartição da população, distribuição dos centros industriaes e commer-

ciaes, etc.) como sobre a direcção das operações militares (vias de communicação, localização de bases, zonas habitadas, etc.).

4. — Modernamente, justamente porque os generais em chefe nem sempre podem escolher o theatro em que se vão medir com seus adversarios, assumem particular importancia dentre os factores geographicos: — os aspectos geologicos, meteorologicos, hydrographicos e hypsometricos — dos quaes cumpre tirar partido ou face dos quaes se deve procurar meios ou tomar medidas neutralizantes.

A GEOGRAPHIA MILITAR COMPREHENDERÉ:

Geographia physica (condições physicas).

Geographia economica (meios materiaes á disposição dos combatentes).

Geographia humana.

GEOGRAPHIA PHYSICA (condições physicas) :

GEOLOGIA: Constituição do terreno, influindo:

{ — sobre o modelado do terreno;
— sobre escolha de itinerarios e posições de defesa;
— sobre a repartição estratégica das forças (importância dos theatros de operações);
— sobre o traçado das rodovias (reabastecimento, evacuações);
— sobre as possibilidades em reabastecimento de agua.

OROGRAPHIA:

{ — que com os aspectos do terreno precisa os dados fornecidos pela sua constituição.

HYDROGRAPHIA: Regimen das aguas.....

{ — como meio de communicação;
— como obstaculo á transposição ou aproveitamento para a defesa;
— para reabastecimento.

METEOROLOGIA: Condições atmosphericas, influindo:

{ — sobre os movimentos e o moral (maus caminhos, grados, ventos, etc.)
— sobre a intensidade das operações em certos períodos;
— sobre o rendimento do armamento e da aviação;
— sobre o estado sanitario principalmente quando se tem contingente não aclimatado.

GEOGRAPHIA ECONOMICA (meios materiaes á disposição dos combatentes) :

AGRICULTURA:

{ productos de consumo — fardamento, madeira, etc.
productos de criação..... { animaes de sella, carga e tiro { rendimento, alimentação, fontes geraes.
gado { raça
importancia dos rebanhos.

estatisticas para os quadros de mobilização..... { o que é necessário ao paiz e sua fonte;
o que é preciso comprar no estrangeiro (importar);
o que se poderá exportar para fomentar a trota.

INDUSTRIA:

{ Textil — fardamento;
mineira e metallurgica para entreter as munições e o material;
industrias de couro — arrejamento, equipamento, etc.
industrias alimenticias — conservas, etc.

	<i>Centros commerciaes</i>	— Stockagem de generos, material, etc.
	<i>Comunicações terrestres</i>	<i>vias ferreas</i> : Cias., rendimento, melhoramentos projectados ou desejaveis e desejados; <i>rodovias</i> : existentes, possibilidades de crear novas, meios de transporte (veiculos hypromoveis e automoveis).
COMERCIO e todo o apparelhamento economico do paiz.....	<i>Navegação</i>	<i>oceânica</i> <i>grande e pequena cabotagem</i> <i>fluvial</i> <i>companhias, rendimento, material, pessoal.</i>
	<i>Finanças</i>	<i>riqueza intrínseca do paiz</i> <i>possibilidade de compras no exterior</i>
	<i>Forças motrizes</i>	<i>carvão mineral e de madeira</i> <i>petróleo</i> <i>quedas d'água</i>
	<i>Meios de comunicação</i>	<i>correio e telegrapho</i> <i>telephone.</i>
	GEOGRAPHIA HUMANA :	
	<i>GEOGRAPHIA ETNOGRAPHICA</i>	<ul style="list-style-type: none">) — <i>Relações</i> entre os agrupamentos humanos e o solo sobre o qual se estabeleceram.) — <i>Influencia</i> dos processos de colonização.
	<i>GEOGRAPHIA POLITICA</i>	<ul style="list-style-type: none"> — <i>Estudo dos estados</i> successivos da nação: formação territorial, conflitos militares e diplomáticos para a fixação das fronteiras; — <i>Estudo do estado</i> actual da nação: conhecimento dos interesses communs a todos, causas possiveis de conflitos ou serias divergencias.

III — SYNOPSIS DE GEOLOGIA

Generalidades

Não se conhece a rocha de primeira consolidação da crusta terrestre.

A primeira crusta que se formou, entretanto, devia ser constituída por uma rocha *leve* e *acida* contendo *quartzo*, *feldspatho* e *mica*. O calcareo della tambem devia fazer parte, como elemento indispensavel que é á formação dos esqueletos animaes.

O *granito*, embora satisfaça aproximadamente a essas condições, não parece ter sido a rocha de primeira consolidação. O *gneiss*, ao contrario, parece que com suas inclusões de *cipolin* (calcareo) deve ter sido a rocha de primeira consolidação. Contra esta conclusão apenas ha a objecção de seu *folheado*, de pequena importancia se convirmos que sua *folheadagem* poderia se dar mediante, *pressões tangenciaes*, bem posteriores a seu deposito e não devido á sedimentação.

A grande e indiscutivel constatação é que, ao *granito* e ao *gneiss* evoluem por *metamorphismo* todas as rochas ditas *sedimentares*.

2 — A rocha de primeira consolidação, em começo líquida, resfriou-se e dividiu-se. A terra contraiu-se e *plicaturas* se produziram na rocha primitiva.

A agua que se achava na atmosphera em estado gazoso, misturada aos chloruretos, bromuretos, anhydrido carbonico, etc., precipitou-se, com a continuaçao do resfriamento, sobre as depressões formando os primeiros mares e entrando no cyclo que ella descreve.

Lentamente, as aguas assim localizadas nas depressões da crusta, ahí concentravam todos os elementos solueis. A continuaçao das *plicaturas* (resfriamento) tornaram as ilhas em continentes, accentuando o relevo. Começou, então, a grande luta entre a contracção do globo augmentando o relevo e a erosão devida aos agentes externos, tendendo ao nivelamento geral.

3 — As rochas *sedimentares* provêm da rocha primitiva por *desaggregação*.

Os elementos arrancados ás costas são depositados no fundo do mar por ordem de *volume* e *densidade*, formando-se camadas (*stratos*) mais ou menos horizontaes que se succederam segundo *certa ordem* e se collocaram, de outro modo, a distancias mais ou menos afastadas da costa.

As partículas *silicicas* duras resistiram mais, as matérias *Feldspathicas* se reduziram a pequenos pedaços. Os elementos calcareos em grande parte se dissolveram pela agua, sempre carregada de anhydrido carbonico; os organismos vão fixar os em seu esqueleto interno os externos e estes, accumulados, puderam formar novas camadas a distancia da costa.

a que não podem mais atingir as partículas desagregadas mecanicamente pelas águas.

Os característicos das rochas sedimentares é a estratificação e a existência de elementos rolados e, ainda, a existência de fósseis quasi geralmente observada.

4 — Devido aos *movimentos positivos e negativos* do mar nem sempre se encontram os Stratos na mesma ordem (pedregulhos, areias, argilas, lama calcária); os movimentos negativos depõem as matérias em ordem inversa e nem sempre se observa um *ciclo completo e regular*; mas observam-se vários e pequenos *movimentos positivos* interrompidos por outros tantos *movimentos negativos* fornecendo-nos combinação de Stratos alternados como por exemplo saibro, argila, saibro-argila. De outro modo os stratos podem ser basculados e se misturarem devido aos impuxos da força anticlinal ou synclinal sobre a que receber em cheio essas pressões. Em uma palavra — a ordem de superposição dos stratos nem sempre é a do seu depósito.

5 — A crusta solidificada é caracterizada por sua instabilidade. Grandes porções são lançadas lateralmente, outros se alteiam ou se abaixam.

A situação relativa dos continentes e dos mares varia, constantemente, desde a origem dos tempos geológicos.

6 — Por todas essas razões, nenhum estudo técnico poderá ser racional se não repousar-se sobre uma estratigraphia fixada por argumentos paleontológicos e microscópicos.

Só assim é possível conhecer-se a idade relativa dos stratos, seja por que se conhece a ordem de sua superposição normal, seja fazendo-se o estudo paleontológico das camadas sucessivas.

A GEOLOGIA COMPREHENDER:

*Agentes geológicos e sua influencia.
Períodos geológicos.*

AGENTES GEOLOGICOS E A SUA INFLUENCIA:

Agentes mecânicos (atmosfera e água) { — o vento transportando areias;
— variações fortes de temperatura fracturando rochas (dilatação e contracções).
— a evasão pelas águas, tanto fluvial como pluvial.

Agentes químicos (ácidos carbonicos e nitrato, ácidos orgânicos diversos) { — formando sólos residuários (terra rôxa de São Paulo);
— formando minérios de decomposição (kaolin, decomposição de feldspat);
— formando concentrações de matérias não dissolvidas (alluvões auríferas, depósitos de manganeze).

Agentes igneos { — erupções vulcânicas;
— tremores de terra.

Agentes orgânicos (plantas e animais) { — acelerando ou retardando a decomposição das rochas (ação indirecta);
— fornecendo matérias de constituição de novos sólos (ação directa).

PERÍODOS GEOLOGICOS:

Terreno arcaico ou aroico.

Sedimentação contemporânea.

Séries sedimentares.

TERRENO ARCHAICO OU AZOOTICO

— substratum de base às séries sedimentares } isentos de fósseis
— schistos crystallinos, micachistas, etc.

SEDIMENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA:

— produtos de Trituração das rochas — saibros, cascalhos;
— materiais tomados por dissolução à terra e fixados por } massas calcáreas (essencialmente permeáveis)
— seres inferiores do mar
— taes camadas se estratificam (camadas superpostas) devido à irregularidade do trabalho de sedimentação, e à variedade dos materiais
— os stratos contêm os restos dos animais que morrem e, assim, se tornam de fósseis, cujas presenças servem para testemunhar as características da população org. contemporânea.

SÉRIES SEDIMENTARES:

Paleozoico ou Primário (a que remontam os mais antigos fósseis).

Mesozoico ou secundário.

Neozoico ou terciário.

PALEOZOICO OU PRIMARIO:

Précambriano ... { schistos (rochas antigas, laminadas e duras);
traços orgânicos indistintos.
Silúrico (fauna de crustáceos e moluscos) ... { *cambrico* (schistos tendo sofrido ações metamórficas mais ou menos intensas);
ordovísciano — aparecimento dos céfalo-podes (moluscos).
gothílandiano.

Devoniano { maciços calcáreos, geralmente tornados em marmores;
serve de base ao sistema *carbonífero* { — carbonífero propriamente dito;
— permeável em que app. os 1^{os} réptis.

MESOZOICO OU SECUNDARIO:

Triassico { *grés vermelho* { — muitas vezes associado a rochas eruptivas diabásicas;
— sólido apropriado à criação.
Jurassico { *liássico*;
mesojurassico;
neojurassico.
Cretaceo { em que aparecem os primeiros fósseis de passarinhos.

NEOZOICO OU TERCIARIO: { caracterizado pela aparição dos mamíferos.

QUATERNARIO — aparição do homem.

RADIOTELEGRAPHIA

pelo 1º Ten. LIMA FIGUEREDO

CAPITULO I

PRELIMINARES

1. — Antes de entrarmos propriamente em assumpto de radiotelegraphia, vamos recordar, se bem que ligeiramente, algumas noções de electricidade.

2. — *Corrente de indução.* — Consideremos um circuito C_1 , constituído por uma espira de fio metallico, uma pilha P e um rheostato R; em presença da espira do circuito C_1 e um pouco afastada dela, colloquemos uma outra que, juntamente com um amperômetro irão constituir o circuito C_2 .

O amperômetro é um apparelho que, pelo devio de uma agulha, indica a corrente que percorre o circuito.

A nossa pilha P, fornece uma corrente continua que irá percorrer todo o circuito C_1 , sahindo do polo + e voltando ao polo -. Verificamos que, se não variarmos esta corrente, nenhuma outra percorrerá o circuito C_2 , isto é, não haverá indução. Então, para que haja indução, será necessário que a corrente do circuito C_1 seja variável e para variá-la, lançamos mão do rheostato que nada mais é do que uma resistencia R com um cursor B.

A lei de Ohm diz que: a intensidade é proporcional á força electro motriz e inversamente proporcional á resistencia do circuito, logo, para variarmos a corrente, basta variarmos a resistencia R por meio do cursor B.

Observando o amperômetro do circuito C_2 , veremos que qualquer variação da intensidade do circuito C_1 acarretará uma variação na corrente do circuito C_2 .

O circuito C_1 é chamado *circuito inductor* e a corrente que o percorre *corrente inductora*; o circuito C_2 é chamado *circuito induzido* e a corrente que o percorre *corrente induzida*.

A T. S. F. emprega justamente essas correntes electricas que são induzidas dum circuito a outro, sem auxilio de ligação metalica intermediaria.

Tambem poderíamos obter correntes induzidas no circuito C_2 , deslocando-se na sua vizinhança um iman N S. A corrente induzida, quando o iman se aproxima, tem sentido inverso do que se observa, quando o iman se afasta.

Comtemplando o amperômetro, concluimos que as correntes induzidas provocadas por dois deslocamentos inversos do iman N S são de sentidos contrarios. Poderemos também concluir que um aumento ou uma diminuição de intensidade da corrente inductora, produzirá, ao longo do circuito induzido C_2 , correntes de sentidos inversos.

Os effeitos de indução serão tanto mais intensos, quanto mais rapida for a variação da corrente inductora.

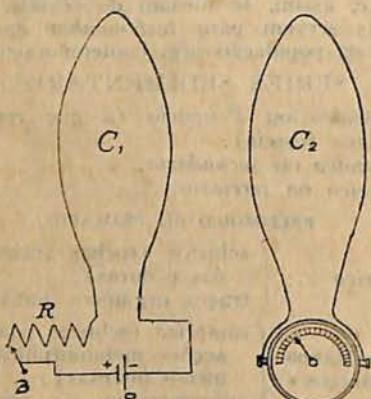


Fig. 1

Chama-se *campo magnético* o lugar do espaço onde se produzem as acções magnéticas.

O nosso iman N S, figura 2, cria um campo magnético que banhará a espira do circuito C, e, sempre que houver um deslocamento de circuito em um campo magnético ou o deslocamento do campo magnético em relação ao circuito, correntes induzidas produzir-se-ão nesse circuito.

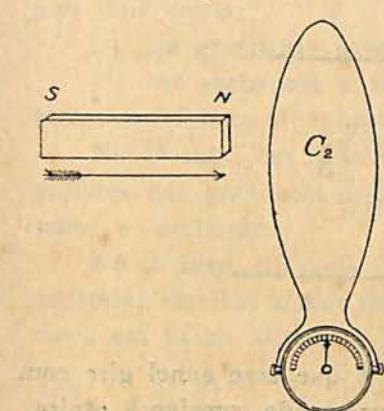


Fig. 2 Observar

A lei de Lens condensa tudo o que dissemos: — “Todo deslocamento relativo de um circuito e de um campo magnético produz, no circuito, uma corrente induzida, cujo sentido tende a se oppor ao movimento”.

Em radiotelegraphia queremos obter os efeitos de indução a grandes distâncias, o que nos obriga empregar correntes cuja intensidade seja variada muito rapidamente. Utiliza-se, então, correntes alternativas cujo sentido é mudado um grande número de vezes por segundo.

3. — *Corrente alternativa* — Para se conceber a natureza duma corrente alternativa, imaginamos que se desloca o iman da figura 2 alternativamente num sentido e outro: — a corrente induzida muda periodicamente de sentido e a intensidade é, em cada instante, representada por uma curva sinuosa, fig. 3.

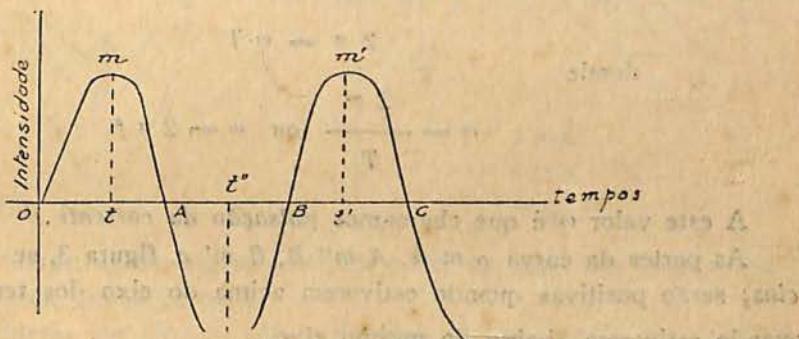


Fig. 3

O espaço de tempo $O B$ toma o nome de *periodo*. Entre dois instantes quaisquer t e t' , separados por um intervalo de tempo igual a um período, a corrente toma a mesma intensidade e o mesmo sentido.

Entre dois instantes t e t' , separados por um intervalo de tempo dum semi-periodo, a corrente tem a mesma intensidade, mas os seus sentidos são inversos.

As ordenadas tm , $t'm''$, $t'm'$ são chamadas *amplitudes*.

O numero de periodos por segundo chama-se *frequencia*. Designando-se a frequencia por f e o período por T , teremos:

$$fT = 1$$

onde

$$f = \frac{1}{T} \quad \text{e} \quad T = \frac{1}{f}$$

A frequencia se exprime pelo mesmo numero que o do inverso do periodo.

Vamos suppor um campo magnético constante criado por dois polos, atravessando um anel de ferro.

As linhas de força que sahem do polo Norte irão ao polo Sul, devido á grande permeabilidade do ferro do anel, por baixo e por cima deste; algumas destas linhas se perdem no meio ambiente.

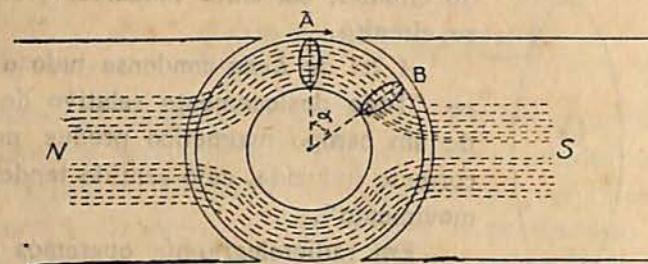


Fig. 4

Consideremos uma espira *A* no anel de ferro e que esse anel gire com uma velocidade ω em torno de *O*, que é seu eixo, arrastando consigo a espira. No fim de um certo tempo *t* a espira estará em *B*, formando um angulo α com a posição primitiva. O espaço α é igual ao produto da velocidade pelo tempo: $\alpha = \omega \cdot t$.

Para uma rotação completa do anel gastaríamos um tempo *T*, um periodo e o espaço percorrido seria 2π , logo:

$$2\pi = \omega \cdot T$$

onde

$$\omega = \frac{2\pi}{T} \quad \text{ou} \quad \omega = 2\pi f$$

A este valor ω é que chamamos *pulsação da corrente*.

As partes da curva *o m A, A m' B, B m' c*, figura 3, se chamam *alternâncias*; serão positivas quando estiverem acima do eixo dos tempos e negativas quando estiverem abaixo do mesmo eixo.

Duas grandezas alternativas do mesmo periodo que passam simultaneamente por um valor nullo estão em *concordancia de phase* ou têm a mesma phase, figura 5. Quando uma se annulla, depois de decorrido um certo tempo é que a segunda passa por zero, diz-se então que a primeira se acha em *avanço de phase* sobre a segunda ou que a segunda se acha em *atrazo de phase*, fig. 6.

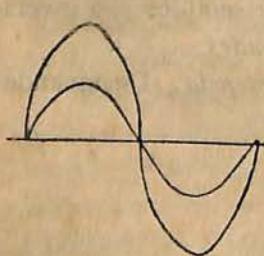


Fig. 5

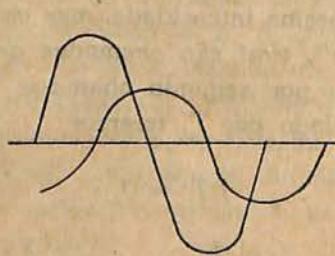


Fig. 6

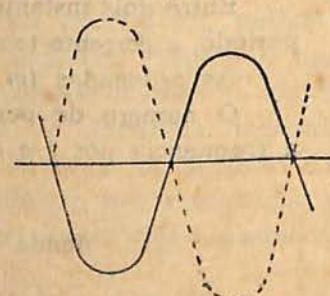


Fig. 7

Quando o atraso de phase é de $\frac{1}{4}$ de período, como na figura 6, diz-se que as duas grandezas estão em quadratura.

Havendo um atraso de $\frac{1}{2}$ período as duas grandezas estarão em *oposição de phase*, figura 7.

Vamos agora somar duas grandezas alternativas e para isto consideremos dois casos:

1º) as grandezas a sommar estão em concordância de phase.

2º) as grandezas a sommar apresentam uma dephasagem, isto é, um atraso ou avanço de phase.

No 1º caso, em cada instante, a amplitude resultante é a soma das amplitudes das grandezas a sommar. A curva sinuosa pontuada, figura 8, representa a resultante.

No 2º caso, em cada instante, as amplitudes se sommam ou se subtrahem, conforme estejam ambas do mesmo lado do eixo dos tempos ou uma em cima e outra em baixo, figura 9.

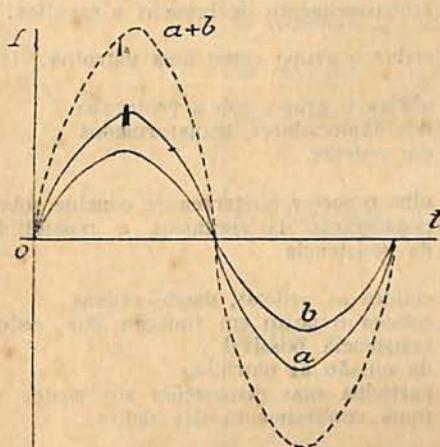


Fig. 8

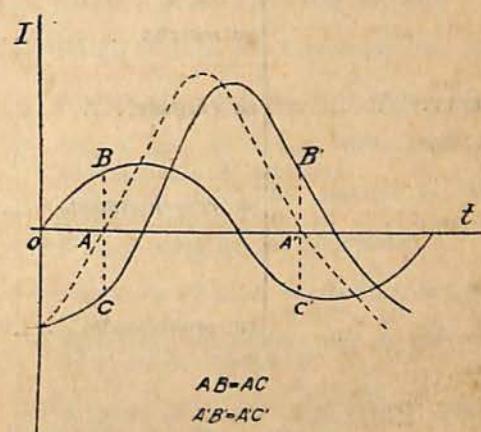


Fig. 9

Vamos considerar, agora, alguns circuitos e ver em cada um, qual a tensão e qual a intensidade que o percorre.

Vamos considerar um circuito com resistência óhmica e self, figura 10.

A tensão e , alternativa, é da fórmula:

$e = E_0 \operatorname{sen} \omega t$, sendo E_0 o valor máximo da função e igual a $\omega H S$, onde ω é a pulsação, H é a intensidade do campo inductor e S a superfície de uma espira. Esse valor máximo

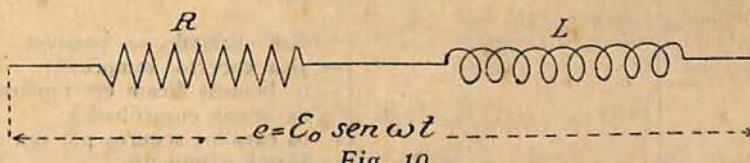


Fig. 10

"Somos todos pela paz. Assignámos o sublime pacto Kellogg. Se houver outros pactos em vista apressar-nos-emos em subscrevê-los. Mas acima dos pactos imperam as realidades. O número de canhões e de bayonetas no mundo au-

gmenta de dia para dia. É preciso não ter ilusões sobre a situação política da Europa.

Quando se aproxima a tempestade, todo mundo fala na paz como profunda necessidade do espírito. Devemos estar preparados". (Mussolini — Discurso Dezembro de 1928).

Subsídios para os Quadros de Reserva

CAVALLARIA

(Conti do n. 193) *

INSTRUÇÃO DO GRUPO A CAVALLO

Estudemos, agora, o grupo a cavallo, isto é, o posto e a patrulha e não esqueçamos que, normalmente, elle será commandado por um sargento, que receberá ordens *verbais*.

O POSTO

E' um grupo de cavalleiros, sob o commando de um graduado, que tem por missão vigiar um sector dado em proveito de uma tropa estacionada á retaguarda.

	<i>recebe a ordem.....</i>	<ul style="list-style-type: none"> — informações sobre o inimigo — informações sobre as tropas amigas — collocação do posto na carta — collocação dos postos vizinhos — logar para onde mandar a informação — senha e contra-senha — conducta em caso de ataque — reabastecimento de homens e cavallos.
		<i>na marcha</i> — conduz o grupo como uma patrulha.
<i>O CHEFE.....</i>	<i>na chegada.....</i>	<ul style="list-style-type: none"> — abriga o grupo, sob a protecção dos exploradores, transformados em vedetas.
	<i>no reconhecimento.....</i>	<ul style="list-style-type: none"> — olha o sector no terreno e conclue sobre a organização da vigilância e possibilidade da resistência.
<i>FUNCTIONAMENTO</i>	<i>na organização.....</i>	<ul style="list-style-type: none"> — coloca as vedetas, dando ordens — coloca o posto em função das vedetas e da resistência possível — dá missão ás patrulhas — participa suas disposições aos postos vizinhos e toma conhecimento das delles.
	<i>vedetas</i>	<ul style="list-style-type: none"> — vigiam, cada um no seu sector — são substituídas, ás simples, de 2 em 2 horas, ás duplas, de 4 em 4 ou 6 em 6 horas — os mesmos homens ocupam os mesmos lugares.
	<i>patrulhas</i>	<ul style="list-style-type: none"> — prolongam a vigilância das vedetas ou a completam — circulam constantemente, se o efectivo do posto fôr grande — fazem a sondagem de tempos em tempos ou quando solicitadas pelas vedetas uma vez que o efectivo do posto seja fraco — os pontos a vigiar são dados no terreno pelo chefe.
	<i>posto</i>	<ul style="list-style-type: none"> — fica abrigado, se possível — fica coberto, sempre — os homens ficam em repouso, porém equipados — as armas ensarilhadas — os cavallos seguros por um ou mais homens, conforme o numero — tem sempre perto uma vedeta para observar os signaes das outras vedetas.
	<i>o chefe.....</i>	<ul style="list-style-type: none"> — percorre as vedetas — modifica o seu sistema á noite — activa a vigilância pela madrugada — assiste ás substituições.

* Errata — No numero de Novembro (191), pag. 146, linha 2 da 2ª column, leia-se 500 metros e não 50 metros como foi publicado.

CONDUCTA.....	<i>o inimigo se approxima</i>	— o chefe do posto vae ver — o chefe do posto informa para a retaguarda e aos postos vizinhos.
	<i>o inimigo é fraco</i>	— deixa aproximar-se.
	<i>o inimigo é forte</i>	— resiste pelo fogo, se ha logar.

<i>caso de recuo</i>	— recuar sem atrapalhar a	ação do escalão da retaguarda.
	— recuar sem atrapalhar a	

POSTO DE CORRESPONDENCIA

E' um grupo de cavalleiros, sob o commando de um graduado, que tem por missão transmittir os despachos a elle chegados.

O CHEFE.....	<i>recebe a ordem</i>	— situação geral. — collocação approximativa do posto — collocação approximativa dos postos vizinhos ou do logar onde entregar o despacho — logar e hora de reunião com a tropa que o destacou.
	<i>na marcha</i>	— conduz o grupo como uma patrulha.
	<i>na chegada</i>	— abriga o grupo sob a protecção das vedetas.

FUNCIONAMENTO.....	<i>no reconhecimento</i>	— procura um logar de vistas extensas.
	<i>na organização</i>	— colloca uma ou varias vedetas para vigiarem a approximação de estafetas. — colloca os cavalleiros restantes em local tanto quanto possível seguro — designa o estafeta de promptidão.
	<i>vedetas</i>	— vigiam as direcções por onde podem vir os estafetas — devem ser substituidos pelo mesmo criterio das do Posto de Vigilancia.

FUNCIONAMENTO.....	<i>estafetas</i>	— no posto ha sempre um homem prompto para montar e sair — os que chegam recebem um recibo, deixam repousar seu cavallo e regressam — recebem a collocação approximada dos postos e quando não encontram um vão ao outro.
	<i>o posto</i>	— os homens repousam — os cavallos comem.
	<i>o chefe</i>	— recebem um caderno de correspondencia para registar os despachos — só restitúe o caderno a quem o entregou.

CONDUCTA.....	<i>O inimigo se approxima</i>	— se o logar permittir, resistir — se não fôr possivel a resistencia, abandonar o logar e a elle voltar logo que o inimigo passe.
---------------	-------------------------------	--

PATRULHA

E' um grupo de cavalleiros, em marcha, sob o commando de um graduado que tem por missão: informar sobre o inimigo ou sobre o terreno a tempo.

CONHECIMENTOS GERAES

FUNCÇÃO.....	<i>do chefe</i>	— conduzir a patrulha — vér pessoalmente — prestar a informação.
	<i>da tropa</i>	— proteger o chefe — auxilia-lo na observação — transmittir a informação.

O CHEFE.....	<i>recebe a ordem.....</i>	— informações sobre o inimigo — informações sobre as tropas amigas — itinerario da patrulha — missão e effectivo da patrulha — hora da partida e velocidade — hora da terminação da missão — ponto de reunião com a tropa — logar para onde informar.
	<i>estuda a missão.....</i>	— examinando na carta o seu itinerario — determinando os pontos importantes e hora que nelles deve passar — determinando os pontos que lhe parecem bons observatorios (lances provaveis).
	<i>antes de partir.....</i>	— coloca os cavalleiros da patrulha ao corrente da situação — dá sciencia, ao seu substituto, da missão em detalhe — escala os estafetas e exploradores.
O SUBSTITUTO.....	<i>marcha com a patrulha por lances e em cada lance..</i>	— retoma uma ligação estricta com os exploradores — faz um giro de horizonte — utiliza o binocolo, se necessario — escolhe o lance seguinte — destaca os exploradores e aguarda o signal delles — mantem o grosso em condições de apoiar os exploradores — determina a formação do grosso para o novo lance.
	<i>enquanto o chefe estuda a missão</i>	— verifica se os homens estão armados, municiados e abastecidos de acordo com a missão — verifica se os cavallos estão convenientemente ferrados, se não são relinchadores ou de pellos claros — dá todas as providencias necessarias de modo a estar tudo prompto para a hora marcada.
	<i>durante a marcha da patrulha</i>	— assume o commando directo do grosso — mantem o grosso nas formações e logares determinados pelo chefe — tem sua attenção constante no chefe (ligação) — nos lances procura a ligação pessoal com o chefe.
A TROPA.....	<i>— durante a execução da missão</i>	— cumpre fiel e intelligentemente as ordens do chefe — os cavalleiros estafetas prestam attenção aos pontos de referencia pelos quaes passam — todos os cavalleiros observam, a todo o momento, procurando descobrir algum signal do inimigo.
CONDUCTA.....	<i>o inimigo intervém.....</i>	— não esquecer a missão — pensar sempre na mobilidade — lembrar-se do fogo.
	<i>o fogo inimigo se manifesta</i>	— saber logo se é um ponto ou uma linha — procurar encontrar os flancos — se tem uma zona, conservar-se nella — se a missão é ir adiante, procurar passar.
E SPECIES.....		— ponta de vanguarda — de flanco — ponta de retaguarda — de ligação — de postos avançados — de combate — de reconhecimento.

S E R V I Ç O E M C A M P A N H A

Segurança em estacionamento PEQUENOS POSTOS

Pelo Ten. BAPTISTA GONÇALVES

(R. S. C. Arts. 206, 207, 220, 221 e 224 § 5)

GENERALIDADES

Os pequenos postos são elementos dos Postos Principaes que, localisados na sua frente, têm por missão a vigilância do terreno, assegurada esta por um serviço fixo — das sentinelas — e por um móvel — das patrulhas. Apezar de lhes ser atribuído um papel de vigilância, não se comprehende que não façam eles a resistência necessária, para obrigar o inimigo a fazer uma pequena parada, dando assim aos P. P. o tempo que necessitam para tomarem as suas disposições de combate.

E' em virtude de uma vigilância continua, que os p. p. dão aos P. P. a certeza de não serem surpreendidos, e isso só se obtém com uma tropa que tenha o valor moral e a energia necessária para fazer face às grandes fadigas que este serviço acarreta.

EFETIVO

O efetivo de um p. p. varia de um pelotão a uma esquadra, sendo o mesmo função do número de sentinelas e patrulhas necessárias ao serviço de vigilância, maior ou menor distância a que se acha o inimigo e natureza do terreno.

DESEMPENHO DE MISSÃO

Toda missão tática por mais simples que seja, comporta um raciocínio, do qual surjirão conclusões que, analizadas, darão as medidas a tomar e o modo de proceder, segundo a situação se presente, a aquele que vai desempenhá-la. Assim sendo, tendo o comandante do p. p. (oficial ou graduado) recebido do comandante do P. P.:

- 1) — Informações sobre o inimigo
- 2) — Informações sobre as tropas amigas
- 3) — Missão do p. p.
- a) setor a vigiar
- b) colocação provável da linha de vigilância
- c) conduta em caso de ataque
- d) direção pela qual se retirará para o P. P.
- 4 — Horas e lugares por onde sairão as patrulhas enviadas pelo P. P.
- 5) — Modificações para a noite.
- 6) — Senha, contra-senha e sinais de reconhecimento
- 7) — Medidas sobre alimentação e munição.
- fará o seguinte raciocínio:
- Qual a minha missão?
- Por onde pode o inimigo avançar?
- Que pode elle fazer para impedir que eu cumpra a minha missão?

— Que farei para impedir que o inimigo se oponha ao desempenho da minha missão?

Obtidas as respostas para os quesitos acima e segundo a situação do momento, conhecida pelo executante, estará elle em condições de bem desempenhar a sua missão.

MARCA PARA O PROVAVEL LOCAL DE INSTALAÇÃO DO p. p.

Após o recebimento da ordem e feito o raciocínio acima exposto, enviará o comandante do p. p. uma ou mais patrulhas — seu numero depende das direções prováveis por onde pode o inimigo avançar — para cobrir a sua instalação. A elas dará:

- 1) — Informações sobre o inimigo.
- 2) — Missão.
- 3) — Itinerário.
- 4) — Colocação provável do p. p.
- 5) — Linha do terreno que não deverá ultrapassar. (1)
- 6) — Hora do regresso. (2)
- 7) — Senha, contra-senha, e sinais de reconhecimento,

— quando se tenha afastado de uma distância de mais ou menos 500 metros, iniciará a marcha, conduzindo o pelotão — meio pelotão, grupo etc. — por um itinerário previamente escolhido na carta, fazendo-se preceder por dois ou mais esclarecedores que marcham a uma distância de 50 a 150 metros — número e distância, sendo função do terreno —. Estas medidas lhe darão a certeza de que marchará e instalará o p. p. com todo a segurança.

RECONHECIMENTO DO TERRENO

Chegando ao provável local onde vai ser instalado o p. p. deixará o pelotão (meio pelotão etc.) em posição de espera e desenfiado das vistas do inimigo, seguirá apóz acompanhado do seu grupo de reconhecimento — um graduado e dois soldados por esquadra — a procura dum ponto de onde possa reconhecer o setor do p. p., reconhecimento que será mais ou menos completo conforme o tempo de que disponha e que será feito:

- a) sobre a porção, do terreno que o adversário deverá percorrer, se atacar.
- b) sobre aquele que o p. p. vai ocupar.

Este reconhecimento tem por fim, de um lado: determinar os caminhamentos cobertos ou desenfiados ás vistas e que podem facilitar a aproximação do inimigo, os obstáculos que embargam os seus movimentos e os postos de passagem obrigatória; de outro, os pontos do terreno a ocupar para bater eficazmente os inimigos.

ários possíveis e os lugares em que irão ficar as sentinelas.

Feito o reconhecimento, passará a localizar as sentinelas,—escaladas dentro do grupo de reconhecimento — tendo o cuidado de esclarecer-as sobre:

- 1) Setor a vigiar.
- 2) Direção do inimigo.
- 3) Logar do p. p. e das sentinelas vizinhas.
- 4) Modo de proceder em caso de ataque,
- 5) Caminhos diretos para o p. p.
- 6) Sinal para chamar o comandante do p. p.
- 7) Sinal de alarme.
- 8) Senha, contra-senha e sinais de reconhecimento.

OBRIGAÇÕES DO SERRA-FILA

Enquanto o comandante do p. p. se afasta para fazer o reconhecimento e localizar as sentinelas, o 2º sargento serra-fila — ou o graduado que ficou com a força — trata de escalar as praças que constituirão as patrulhas, sentinelas, observadores dos sinais vindos da retaguarda, estafetas e postos de observação aérea, procurando tanto quanto possível tirar-las dos mesmos grupos ou esquadras e escolhendo os patrulheiros dentre os homens aptos ou mais inteligentes.

MEDIDAS TOMADAS PELO CMT. DO P. P. AO REGRESSAR DO DECONHECIMENTO

Regressando do reconhecimento, tratará o cmt. do p. p. de:

- a) localisa-lo definitivamente próximo de um caminho e desenfiado das vistas do inimigo e em situação tal que seja possível a ligação com a sentinela e com o p. p.
- b) preparar definitivamente o seu plano de fogo, com o qual forçará o inimigo a uma primeira parada, dando assim ao P. P. o tempo necessário de que ele precisa para combater.
- c) reconhecer posições de tiro á retaguarda, no caso em que tenha recebido ordem de retirar-se combatendo, procurando-as dentre aquelas que não prejudiquem o campo de tiro do P. P.
- d) mandar executar alguns obstáculos, mesmo sumários, taes como barricadas, abatizes etc.
- e) reconhecer os caminhos que vão ter ao P. P.
- f) instalar os postos de observação aérea, (3).
- g) enviar ao cmt. p. p. uma parte de instalação, acompanhada de um croquis do setor que conterá o seguinte:

REMETENTE	PARTE nº	LOGAR	DATA	HORA
	EXPEDIDO			
	RECEBIDO			

Ao sr. cap.....

- 1) Informações sobre o inimigo. (4)
- 2) Efetivo do p. p.
- 3) Patrulhas, Número, composição, missão, itinerário, horas de partida.
- 4) Trabalhos executados.

No verso será feito um croquis indicando:

- a) Logar das sentinelas com as direções e pontos vigiados.
- b) Setor de vigilância.
- c) Dispositivo para o dia e para a noite.
- d) Barragens feitas para interditar passagens obrigatórias.

Ass.....

1 — Mais ou menos 800 metros do provável local de instalação do p. p.

2 — As patrulhas só regressarão ao p. p. depois de ter sido ultimada a sua instalação, utilizando-se para isso os seguintes processos:

- a uma hora determinada.
- a um sinal convencionado.

— quando por elas passarem as enviadas em direção ao inimigo.

3 — Estes serão colocados em pontos elevados, disporão de binóculo para poderem distinguir a maior distância o avião inimigo e do foguete destinado a dar o alarme de aproximação do mesmo.

4 — Provenientes das patrulhas, sentinelas ou habitantes.